

REVISTA DA SEMANA



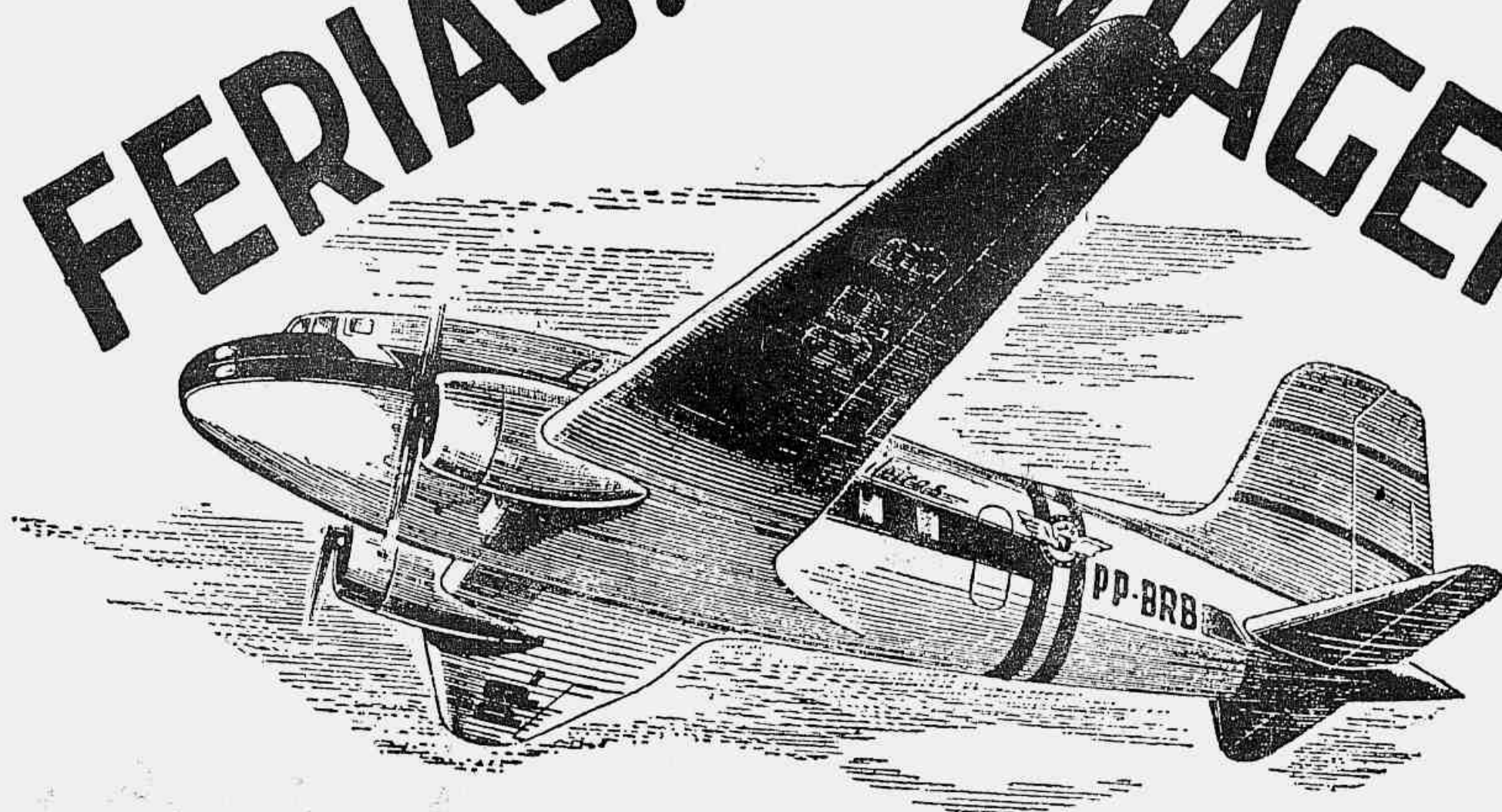
N.º 14 — 2-4-49

CR\$ 3.00 EM TODO O BRASIL



FÉRIAS.

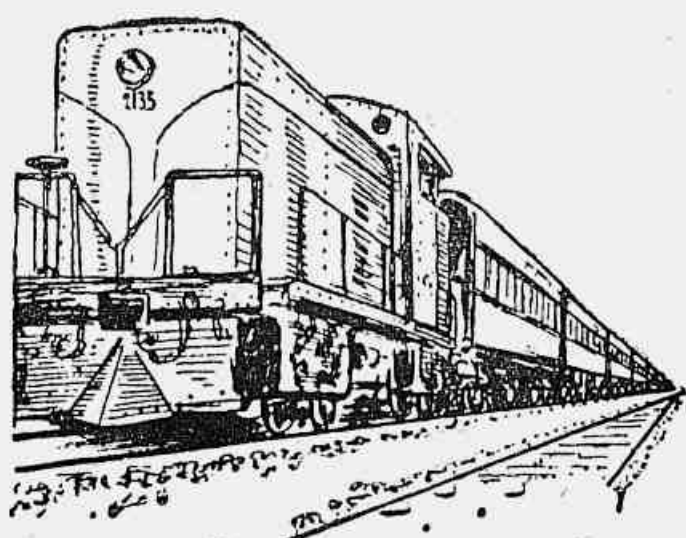
VIAGEM.



SE VAI ENTRAR EM FÉRIAS OU VAI VIAJAR
NÃO DEIXE O COMPANHEIRO INESQUECÍVEL

O ALMANAQUE EU SEI TUDO, para
1949, que está à venda em todo o
Brasil.

Par Cr\$ 15,00, — no país inteiro, —
os seus leitores conhecerão o que há
de mais moderno e interessante em
todo o mundo e o que guarda, atra-
vés dos tempos, a eterna beleza do
passado. Ciência, arte, esporte, lite-
ratura, charadas, diversões, aconteci-
mentos palpitantes, e um calendário
completo para 1949.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO
POSTAL SEM AUMENTO DE
PREÇO

Pedidos à COMPANHIA EDITORA
AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape n.º 15
—Rio de Janeiro

ALMANAQUE EU SEI TUDO

Água Parada

MARIA MOLE, assim a chamavam todos na estância porque andava com vagar, sempre arrastando as chinelas com uma moleza imperturbável, era uma mulata delgada da criação de dona Maruca. Mulata só na cor. Seus cabelos, muito negros e lisos, repartidos no meio da cabeça, caíam em duas tranças flexíveis, compridas, brilhantes, que quando ela se movia ondulavam devagar, acompanhando o balanço mole de seu corpo, assemelhando-se a duas cobras de azeviche.

As mãos de Maria Mole eram finas, de dedos longos e delicados que se movimentavam em gestos calmos, sempre muito lentos, e seus lábios rosados, pequenos, quando se entreabriam deixavam passar algumas palavras lentas como o sopro leve do anoitecer.

Tinha os olhos negros como dois poços sem fundo, rasgados, fixos; olhos onde se via o tudo e o nada. Olhos que rolavam lentamente nas órbitas, indiferentes, como se nunca soubessem o que era dor e o que era alegria. Olhos parados, sem brilho, sempre baixos.

Seu corpo esguio, parecendo uma sombra de tão lento e esguio, era de curvas harmoniosas e provocantes. Nem os aventais e nem as saias fôfas conseguiam encobrir sua beleza apetitosa de fruta madura semi-escondida nos espinhos.

Andar lento como a luz do sol que se esvai, lento como a carreta que aos poucos vai sumindo numa dobra do caminho.

Mas nessa calma, nessa lentidão, quanta loucura ela provocava!

Os peões que chegavam sempre haviam de brigar com os antigos, atraídos pela sua beleza, pela beleza de Maria Mole. Toda briga que estourava no galpão já se sabia a causa; era ela!

— O João gosta da Maria Mole e eu não aguento! Já disse mais de uma vez que ela vai sê minha.

E ela continuava a andar sem ruído, de olhos baixos, como que ignorando o que se passava.

Não se viu nunca em seus lábios um sorriso dengoso para rapagão que lhe atirasse uma frase bonita. Nem mesmo de alegria, nunca ela sorriu!

Ninguém, por mais esforço que fizesse, nada conseguia dela. Nem mesmo o correntino, de sangue quente e palavras de veludo.

— Les apuesto quanto quieran como dentro de mui poco tiempo la tengo em mis braços.

— Olhe que não faz nem uma semana que o sinhô tá aqui e nós conhecemo a Maria Mole desde anos.

— Mesmo assi!

Mas nem com sua tática de conversa carinhosa e presentinhos não conseguiu nada. Tudo que lhe dava vinha de volta, e tudo que dizia ficava sem resposta.

— Es de yelo, hombre! Y de que yelo! — disse êle aos companheiros quando se deu por vencido na campanha de conquistá-la.

Foi sempre assim até o dia em que chegou o filho do patrão.

Maria Mole não sorriu ao vê-lo, nem ao menos entreabriu os lábios para uma palavra de boas vindas. Apenas levantou as pálpebras pesadas pelos longos cílios e o fitou lenta e demoradamente. Depois deu-lhe as costas e saiu, arrastando as chinelas e ondulando as duas cobras de azeviche.

Pouco a pouco, lenta como sempre fôra, foi modificando seus hábitos. Já não fazia serô com dona Maruca, já não ia ao galpão, de tardezinha, cevar mate para a peonada, já não levantava cedo para fiscalizar a ordenha das vacas.

Mudou muito, mas os olhos continuaram opacos, sem vida, e os gestos eram os mesmos, às vezes agitados por um leve tremor quando se aproximava do Neco.

Uma noite faltou água no barril. E era preciso lavar os pratos e panelas. Maria pegou o balde feito com lata de carrapaticida e dirigiu-se para a pipa, que ficava ao lado do galpão.

A água estava correndo, cantando no fundo do balde, quando alguém chegou por trás e apertou-a nos braços. Quis gritar mas uma bôca abafou em sua bôca gelada o sopro das palavras.

Quis reagir mas pouco a pouco foi cedendo àquele beijo mórno e demorado.

— Maria! Por que me foges?

Quanta doçura e quanta mágoa nessas palavras!

Ela sentiu alguma coisa desconhecida dentro de si. Parecia que algo se rasgava e que um calor estranho lhe inundava o corpo.

Maria!

Nunca ninguém a chamara assim. Era sempre: Maria Mole...

— Maria! Ouve-me! Não me olhes assim, com êsses olhos tão quietos, tão parados! Diz que me queres! Diz que irás comigo para qualquer parte que eu vá! Maria! Maria querida!

Ela não disse nada.

O bater calmo de seu coração apressou-se e uma onda de sangue lhe afluiu ao rosto.

Era como se nascesse de novo!

Sentiu na alma toda a alegria de uma vida inteira! Sentiu vontade de rir e de chorar. De cantar as canções de amor que nunca, nunca em sua vida de mulher ela cantara.

Seus lábios escaldavam retendo um turbilhão de palavras loucas. Mas ela não disse nada.

Ergueu mansamente os braços finos e longos e deixou-se apertar num outro abraço apaixonado. As mãos delgadas mergulharam nos cabelos negros daquele homem que ela sentia amar e beijou-lhe os lábios com toda a ternura nascida naquele instante.

— Querido! Neco!

E ela vibrava a cada palavra pronunciada.

Seus olhos se moveram com rapidez e desprenderam um vivo brilho.

— Vamos! — exclamou ela num repente, em reposta a uma pergunta ansiosa. Um cavalo, oculto na sombra forte de uma figueira, escarvou impaciente.

Uma gargalhada feliz veio do fundo do galpão acompanhada de um acorde de gaita.

Relinchou um cavalo ao seu lado e por entre o tinido de um bocal de prata ela ouviu a voz do Neco murmurando baixinho:

— Vamos, querida!

E lá se foram os dois em busca do Destino e sumiram dentro do negrume da noite e da amplidão dos pampas adormecidos.

TERESA DE ALMEIDA ★ Especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES

Água parada (Teresa de Almeida)	3
A personagem da semana	8
A semana em revista	8
O mundo marcha	9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro)	43

REPORTAGENS

Um dia nas cavernas de Roma (Giovani Sabbatini)	4/6
A Trigésima Segunda Exposição Canina	16/17
O namorado de Paquetá (W. Guarnieri)	28/33
Rompe-se o véu da sucessão	55/58

CARICATURA

O mundo manca e a mula murcha	7
Bom humor	11

LITERATURA

Livros novos (João Luso)	10
Vida literária	14

ROMANCE

Dedos queimados (Kathleen Norris)	12/13
-----------------------------------	-------

RADIO

Broadcast (A. Migueis)	15
------------------------	----

BIOGRAFIA

A vida de Lavoisier	18
---------------------	----

SUPLEMENTO DA MULHER

A "linha justa"	20/21
De Hollywood	23
Pequenas causas, grandes efeitos	24
Blusas de seda	24
Intimidade	25
Penteado e chapéu	25
Interiores	26
Detalhes e novidades	27
Contrastes da moda	36
Chapéus modernos	37
Week-end na cozinha	38
O bolero	38
Adolescentes	39
Para o outono	40
Decotes	41
Mães e filhos	43

CINEMA

Cine-revista (Frank Stein)	34/35
----------------------------	-------

CONTOS

Um gato no escuro (Cléa Malheiros)	22
Florência (Francisco Marins)	42

NOVELA

O destino de Rosemary (Ursula Bloom)	16
--------------------------------------	----

TEATRO

Arlequim — Servidor de dois amos (José Fomm)	44/45
--	-------

TURISMO

Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	48
---	----

AVIAÇÃO

Pelas estradas do céu (André Max)	49
-----------------------------------	----

ARTES PLÁSTICAS

G. H. Messmore — Ivan Mestrovic (Angelus Ravel)	51
---	----

FOLHETIM

Drago	53/54
-------	-------

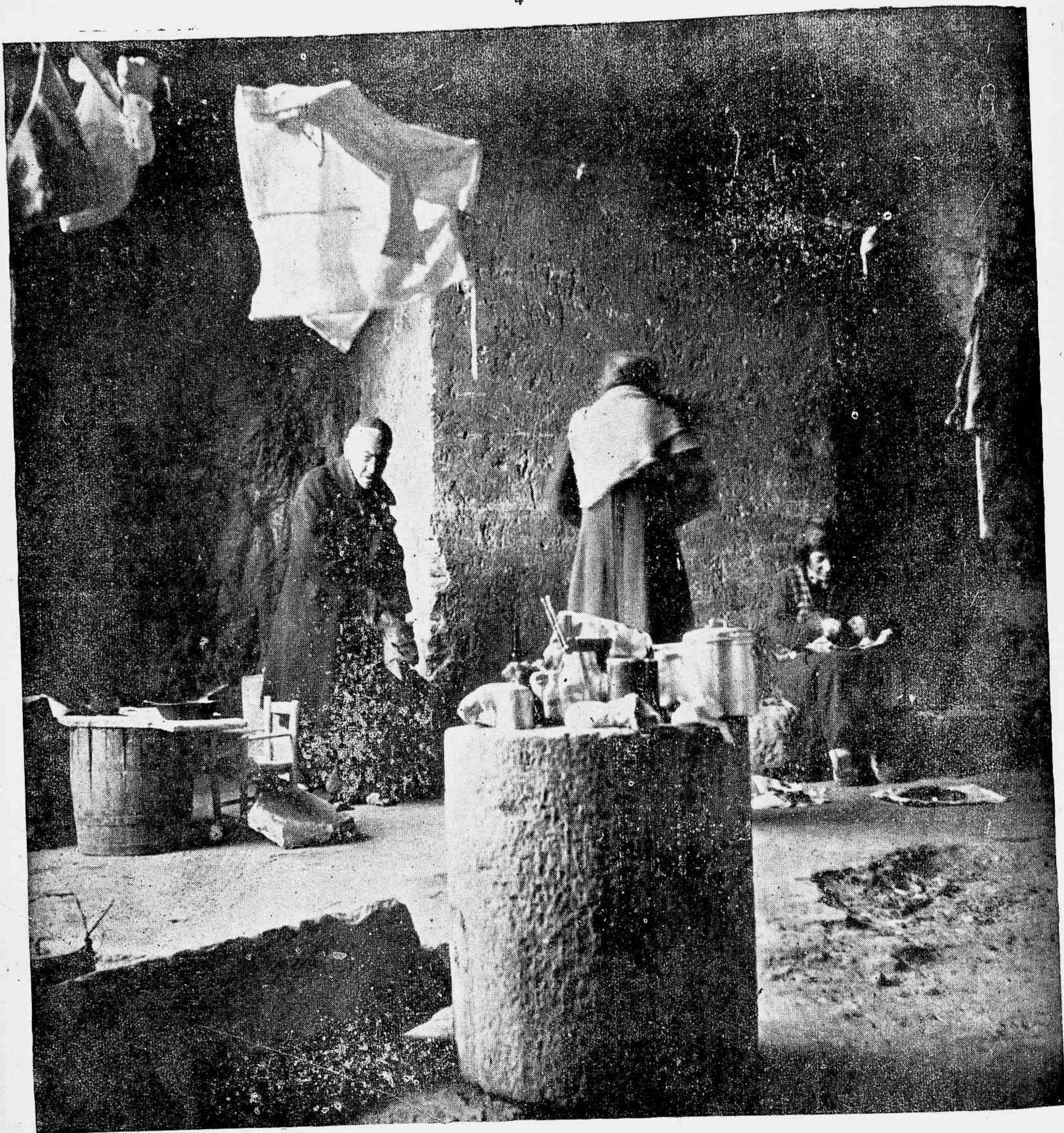
ILUSTRADORES

Osvaldo da Cunha	
Fernando Pereira	
Orlando Matos	



NOSSA CAPA

Evelyn Keyes, a graciosa "estrela" da Columbia, é quem enfeita a nossa capa do presente número da REVISTA DA SEMANA. Jovem, dona de grande beleza e muito talento, Evelyn vem, cada vez mais, se impondo aos milhares de fãs que possui em todo o mundo. Desde os tempos em que, como companheira de Glenn Ford, aparecia em filmes como "O lobo do mar" e outros, Miss Keyes nos tem dado bons trabalhos, como tivemos oportunidade de apreciar em "Sonhos dourados", biografia do famoso cantor Al Jolson, onde Evelyn Keyes contracenou com o ator Larry Parks.



A mulher, à direita, desfaz pontas de cigarros que as crianças trazem das ruas, e depois vende o fumo aos que passam

UM DIA NAS CAVERNAS DE ROMA

TEXTO DE GIOVANI SABATTINI

★

FOTOS A. F. P.

UM ROMA, uma das mais famosas cidades do mundo, há quem viva em escuras cavernas cavadas na rocha, em pleno centro da capital, a cento e cinquenta metros da Piazza Venezia, onde se ergue o monumento a Victor Emmanuel II, teatro das demonstrações fascistas e do Corso Umberto, que corre, pondem em Roma, ao que, em Paris, são os grandes "Boulevards".

Lá se acha o Campidoglio, ou Capitólio, Prefeitura de Roma, edificado sobre uma colina rochosa.

E' nas furnas e grotas formadas na base desses rochedos, que vivem dezenas de pessoas em condições do mais trágico primitivismo contemporâneo do homem troglodita.

Essas cavernas serviram durante a última grande guerra de abrigos anti-aéreos, em grande parte muradas e guarnecidas de grades de ferro altas.

Passada a hecatombe, esses buracos inumanos, passaram a servir de habitação isolada ou coletiva de famílias sem lar, vivendo como entes sinistros que ali se instalaram e ali vivem como animais com forma de gente.

Dormem sobre estrados, em camas velhas, em colchões que o lixo repugnaria, sobre palhas, trapos e jornais. Tudo serve aos infelizes. No preparo de sua alimentação, recorrem a vasilhames que vão buscar em ruínas e monturos, velhas latas amassadas que sobram de casas em desmoronamento.

Felizmente as cavernas são visitadas, em certas horas do dia pelos raios do sol, e os velhos e crianças podem aquecer-se diante das aberturas da rocha que servem de porta aos desamparados.

Aproveitando o exiguo terreno que, em algumas dessas residências, há à frente, muitos dos seus habitantes improvisam uma horta, um simulacro de jardim, um mir-

rado pátio, onde se rejubilam à vista de plantas e vasos com flores a desabrochar à luz do dia.

Muitas crianças vivem naqueles tugúrios, jamais tendo visto o que é, em verdade, um lar confortável, com salas espaçosas e higiênicas, mobílias, geladeiras, rádio, luz elétrica, água, fogão moderno.

Qual a procedência dessa escória humana? A guerra, a última guerra. Na catástrofe que desabou sobre a Itália, embora não tivesse Roma sofrido as devastações dos bombardeios que outras cidades experimentaram, não pôde escapar do sinistro cortejo de todas as aflições que persegulam o povo italiano.

Milhares de pessoas afluíram para a capital da península fugindo da morte e da destruição no choque dos exércitos em luta.

Roma, cidade aberta, sede do Papado, oferecia aos fugitivos um asilo seguro e inviolável. Sua população cres-



De cima para baixo: A mulher pode ser "chic" mesmo vivendo como troglodita, e esta habitante das catacumbas de Roma, confirma as tradições de Eva. Vivendo os restos de seus dias na isolamento desta caverna, a



velhinha recorda os filhos em "Zélio", o gatinho inseparável. Um quadro vivo, digno de Rafael. Naquela sorriso de mãe há a certeza de que seu filho Carlo, embora ali nascido ainda possuirá palácios



Ao alto: Visão de miséria e desconforto. Esta jovem prepara o almoço, lavando carne em vasilhas de lata próprias do monturo. Em baixo: No tugúrio desse recanto de catacumba, uma senhora de aspecto aristocrático, procura esconder os rasgões do vestido





Ao alto: Esta família mora numa catacumba antiga, das encostas romanas, e sobe para seus aposentos no segundo andar, após o trabalho diário. Em baixo: Nas ruínas de Roma este velhinho conseguiu um tesouro: organizar sua horta, alguns vasos de flores, como ilusão de uma felicidade perdida



Aqui temos uma espécie de Diógenes, sem o tonel. É um resignado italiano poupado pela guerra, mas sofrendo os seus efeitos

ceu, houve crise de habitações, excesso de gente para o número reduzido de casas disponíveis. No tumulto da guerra, cada qual procurou resolver, por si, os seus problemas domésticos e de família. Se não era possível conseguir um quarto, um recanto de sala, um sótão, uma água-furtada, que as grutas, as cavernas, as furnas das encostas servissem de lar às famílias desabrigadas e errantes.

Então começaram a correr para os ex-abrigos anti-aéreos, disputando-se um lugar para dormir, um chão qualquer para as refeições, a lavagem da última camisa, o banho difícil do filho pequenino atirado ao léu da sorte iníqua.

E o homem voltou à condição de troglodita em pleno século XX, numa das mais cultas e civilizadas capitais do mundo contemporâneo!

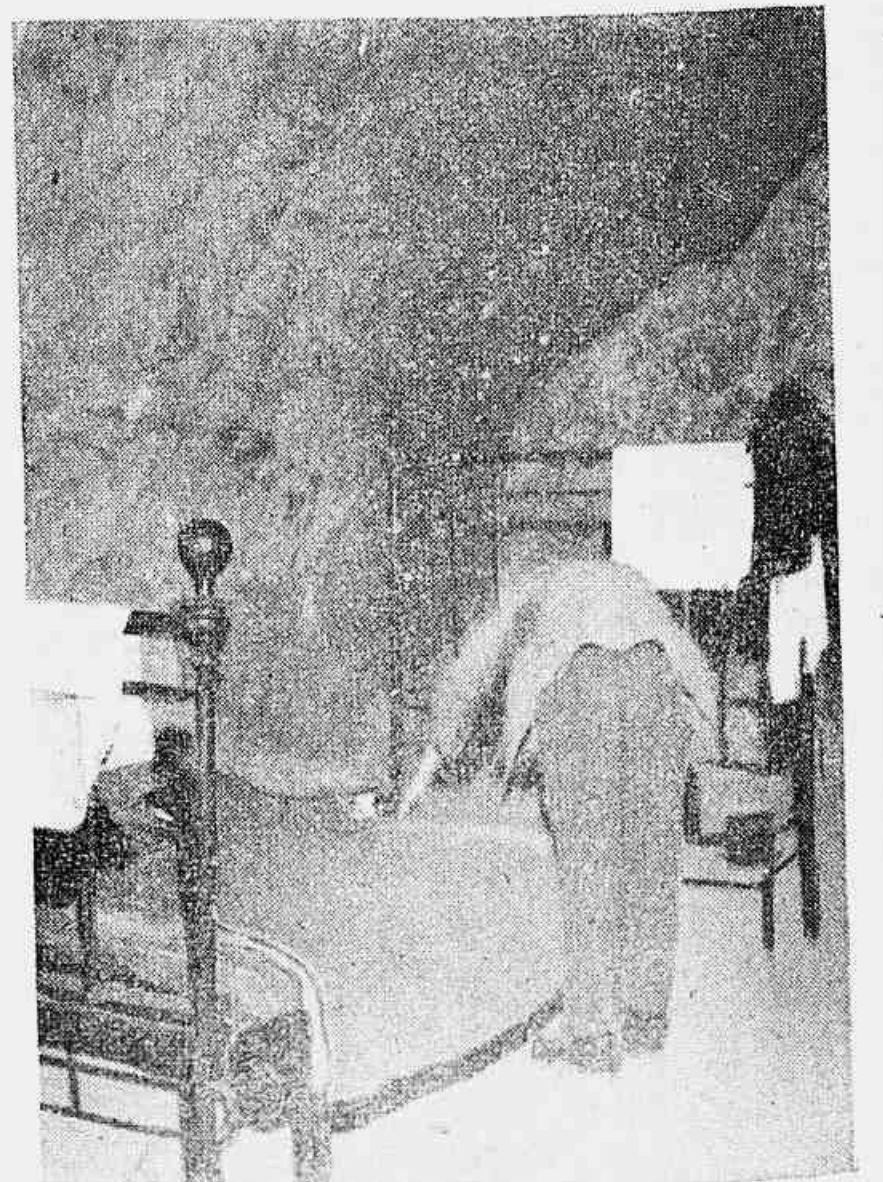
Uma visita a esses antros foi o motivo desta reportagem documentada com fotografias tomadas "in loco".

A primeira caverna visitada abrigava mais de dez pessoas, sendo metade formada de crianças de dois a onze anos, de ambos os sexos. Um homem idoso chefiava a família, auxiliado por duas senhoras, a esposa e a filha, viúva de um valente soldado morto na frente anti-fascista.

Já haviam possuído seus haveres, sua casinha bem arranjada, seus recursos que dariam para o resto da vida na maior decência e relativo conforto. Os alemães, ao invadir o país para forçar a Itália a lutar contra os aliados, foram arrasando tudo, devorando gado, cereais, reservas alimentícias, fangendo todos para a zona de

(Continua na pág. 52)

Este conseguiu uma coisa que muito poucos têm, na vida daqueles antros pre-históricos: uma cama e um cobertor



BONECOS DE RAFAEL • PÁGINA DE AGITAÇÕES ATÓNITAS-ARTE-MANHA • DIREÇÃO DO CDE SALAMALEQUES

CONSELHOS DE UM PAI INCOGNITO

PARA NÃO BRIGAR EM ONIBUS

Deus fez o mundo, mas os trocadores de ônibus descobriram a má educação, filha da estupidez e do desoiô. Para evitar aborrecimentos, discussão azéda e um fim de viagem bem amargo, aqui exponho minha receita para não brigar lá dentro.



Em primeiro lugar, escolher um ônibus espaçoso, com a coxia (corredor) ampla. Não ler jornais, e só fumar cigarros sem fumaça, ou quando esta seja delicadamente perfumada, agradável ao olfato e à vista. Não abrir a janela de modo que o vento altere o penteado da senhora ao lado. Não incomodar o trocador perturbando sua palestra com

o motorista, ou quando ele estiver entregue às suas meditações poéticas e filosóficas. Levantar a passagem trocadinha. Se o trocador pisar-lhe os pés, magoar seus calos ou sujar-lhe a calça branca, pedir imediatas desculpas. Enfim: não tomar ônibus de jeito nenhum.

Conde de Salamaleque



FLAGRANTES DA CIDADE



O carro parou no meio da rua movimentada. Dia de sábado às treze horas. Parou e não havia jeito de mover-se. Lá dentro o homem mexia, remexia, tirava, tornava a botar, empurrava com os pés, com a cabeça, com as mãos. Estava impaciente, vermelho, suado, amoladíssimo. Atrás, um carro não parava de buzinar, nervosamente: pi! pi! piiliiii... O nosso amigo enguçado saiu da direção, foi até ao colega nervoso e lhe disse com a maior calma d'esse mundo:

— Escuta, amigo; você quer consertar o enguiço do meu carro, enquanto eu fico aqui no seu, buzinando?

CONSULTÓRIO de GRACA PARA POBRES DE ESPRITO



Isabel (Rio) — Sua palidez é proveniente de insônia. Sua insônia provém de sua impressão de estar pálida. Use um espelho de luz cõi de rosa. Dormirá vendo tudo azul.

Mirta (Florianópolis) — Essa ilha já foi Destêrro. Hoje é um paraíso. Se o seu primo o convidou para vir para o Rio, quem sabe se não acharia aqui um bom casamento? Monde dia, mês e ano do seu nascimento e já veremos se o primo vai cair nessa esparrela.

Joaninha (S. Paulo) — Sua cõr é a esmeralda. A pedra que deve usar é ametista. O que está atrapalhando é o vício de fumar. Tomem juízo e verá como, ele ficará embriagado junto a você.

Madalena (Parati) — O motivo por que ele te abandonou é muito simples: teu nome e a cidade em que vives. Passa a chamar-te Cleopatra e muda para Pati do Alleres. Verás como tudo muda para ti.

LIÇÕES DE COUSAS

A uma lima grande não se pode chamar limão. Numa casa de frutas isso pode causar azedumes.

E quem disse que um violão quebrado passa a ser ex-pinho? Um terno porque perdeu a cõr fica ex-tinto? Mudaram o nome da cidade de Passos, entretanto ela jamais será ex-Passos. Da mesma forma, apenas por ter-se enlurecido aquela vaca, não vamos dizer que foi um estouro.

ARMA SECRETA



Graças à potencialidade de nossos aparelhos de captação inter-planetária, cujos raios atravessam com a maior facilidade os corpos opacos e penetram no íntimo da consciência dos homens de bem e de mal, surpreendemos esquisito sujeito que tinha figura de bicho voador, encomendado especialmente para servir de arma secreta numa nova carnificina do outro mundo. Depois de muito esforço conseguimos vê-lo de

O tipo mais moderno da arma secreta

lrente a lrente, correndo o risco de ser devorado pelo espantoso animal sem entranhas e sem pé nem cabeça. Para mostrar que não inventamos, aqui reproduzimos sua figura repelente e pedimos aos leitores que se previnam, e quando virem alguém com essa cara, tratem de correr.



Insolação — O calor hoje está de derreter o Pão de Açúcar. Não nos chegou, porém, até agora, nenhuma notícia de mortes por insolação. Mas temos fé em Deus que chega.

Inundação — Pelo aniversário de sua filhinha Mimi, está totalmente inundado de felicidade o lar dos nossos credores João da Silva Pará e sua esposa Lenira Litico Maíra. Parabéns ao casal Paralítico.

SUICÍDIAS

Suicídio — Não tendo chegado a um acordo sobre o dia exato de seu casamento, o jovem Joaquim Dana e a senhorita Maria Esperança Quice resolveram casar no além. Beberam formicida e morreram ambos, fazendo caretas horroresas. Nossos pesares aos pais do jovem par Esperança Quice-Dana.



personagem
da SEMANA

EM BORA sem ter sido antecedido por intenso programa de publicidade, o X Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro, ou Circuito da Gávea de 1949, interessou vivamente todos os meios esportivos do Rio, sendo geral a ansiedade para saber-se quem seria o conquistador da vitória.

O Brasil se fez representar por vários volantes de grande fama, e outros ainda estrepentes, destacando-se o nome de Francisco Landi, ponto central das esperanças dos brasileiros, embora sua máquina não lhe pudesse dar cento por cento de que precisava para vencer.

Domingo, 27 de março, realizou-se a grande prova automobilística, sagrando-se vencedor o volante italiano Luigi Villorosi, um dos mais famosos da atualidade. Para ter-se uma idéia de seus méritos, basta que citeamos aqui, ligeiramente, as vitórias conquistadas em diversas partes do mundo.

Em 1937 foi o segundo colocado no Circuito Cork; o primeiro no Grande Prêmio Masarik; o primeiro no Circuito de Duca; o segundo no Circuito de Napoles, e o terceiro no Grande Prêmio de Johannesburg.

Em 1938 obteve diversos triunfos, saindo vencedor no Grande Prêmio Capetown; reproduziu o mesmo feito no Circuito de Targa Florio; o primeiro no Circuito de Pescara, repetindo a façanha no Grande Prêmio Albi.



Luigi Villoresi, famoso volante italiano que defendeu a "Esquadra Ambrosiana", no último Circuito da Gávea, promovido e realizado sob os auspícios do Automóvel Clube do Brasil

Em 1939 conquistou dois primeiros lugares, sendo um em Targa Florio e outro no Grande Prêmio Carnaro.

Em 1940 levantou o Grande Prêmio de Trípoli, repetindo depois a mesma vitória no Grande Prêmio de Carnaro, assim como os primeiros lugares no Grande Prêmio de Nice, no de Albi e no Circuito de Voghera, e o segundo lugar no de Modena.

Durante as convulsões da grande guerra sua atividade nas pistas ficou paralisada, tendo voltado Villorei a brilhar em 1947, obtendo o primeiro lugar no Grande Prêmio de Strasburg e o primeiro no de Losana. A essas vitórias se seguiram o Grande Prêmio de Nice, o primeiro lugar no Grande Prêmio de Buenos Aires, o primeiro de Retiro, o segundo lugar no Circuito de Rosário e segundo no Circuito da Gávea.

Em 1948 alcançou o primeiro lugar no Grande Prêmio de Buenos Aires. A 20 de março último saiu vencedor, em primeiro lugar, no Grande Prêmio Cidade de S. Paulo, na corrida de Interlagos. Finalmente, a 27 do mesmo mês, levantava o primeiro lugar no Décimo Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro, Circuito da Gávea, o famoso Trampolim do Diabo, como já foi cognominada essa pista de corridas esportivas.

O nome de Luigi Villorosi, que já se havia coberto de louros na semana anterior à corrida da Gávea, por sua vitória em Interlagos, foi objeto de todas as conversações entre o povo e o mundo esportivo de nossa capital e do país, como a mais destacada personagem da semana que findou.

E' DOS CARECAS. . .

Nada pode curar a calvície, disseram os mais destacados membros da Associação Norte-Americana de Medicina. Para chegar a essa desoladora conclusão que tira as esperanças de milhões de carecas, carecantes e careguíssimos, um comitê daquele centro de estudos médicos, examinou, pesquisou, a composição de cosméticos, loções e outros produtos que combatem a queda do cabelo e a formação de caspas, concluindo que esses preparados ora vendidos nos Estados Unidos não têm nenhum rendimento terapêutico no crânio dos pacientes. E foram mais longe, os cientistas. Declararam que, nem as massagens de aparelhos mecânicos, nem os tônicos, nem os raios ultra-violeta, nem os hormônios, nem vitaminas cu qualquer outro medicamento podem regenerar os cabelos perdidos, seja nos indivíduos já idosos, seja na calvície prematura dos jovens. Tudo isso é inútil para provocar a renovação de nova cabeleira e mesmo para combater a caspa. O assunto causou profunda desolação entre os carecas norte-americanos, que não se conformam com as declarações dos cientistas da Associação Norte-Americana de Medicina, e continuam a nutrir a suave esperança de, um dia, ver os cabelos crescerem abundantes, negros, louros ou castanhos. Nós, os carecas, isto é, nós os brasileiros, não ligamos muito essa diversificação craniana de cabeleiras e carecas. Sendo a calvície, desde séculos, um sinal de inteligência e cultura para os seus portadores, há mesmo uma crença geral de que todo careca é inteligente. Mas, como se não bastasse tal distinção e licença, surgiu num carnaval de alguns anos passados, o maior consolo para os de crânio liso: "E' dos carecas que elas gostam mais..."

BATEDORES DE CARTEIRAS

Dentro dos delinquentes mais antipáticos, não resta dúvida que os batedores de carteiras tiram o primeiro lugar. Essa classe de larápios infesta o mundo inteiro, cada vez crescendo mais e se aperfeiçoando nos processos de surrupiar, insensivelmente, para a vítima, a carteirolinha com suas notas pequenas e grandes. Faz poucos dias fui preso um desses mágicos de ágeis dedos, no Tabuleiro da Baiana, que tem de tudo, até batedores de carteiras. O escamoteador compareceu à delegacia e ali fez revelações surpreendentes, sendo uma delas a de que, em dois meses o "pôsto" lhe renderá vinte e tantos mil cruzeiros... Pelo que ele confessou, está esta bela cidade dividida em zonas de operações, cada batedor superintendendo o seu setor de trabalho. É proibido entre eles a invasão de uma zona por outros, sendo respeitada, por direito consuetudinário a ocupação respectiva. Isso revela, portanto, que a classe é unida e disciplinada. Verificou-se também que, entre eles, reina a mais perfeita camaradagem e cooperação. Assim, quando determinada zona está a exigir mais de um "artista", eles trocam idéias e o grupo é acrescido de mais um ou vários meliantes para o serviço de arrecadação imperceptível de carteiras dos mais descuidados. E assim vão vivendo folgadoamente. O que se passa no Rio, também se verifica em Changai, por exemplo. Cidade enorme, a terceira do mundo em extensão e número de habitantes, aquela vasta aglomeração de raças é também vítima dos batedores de carteira. Apenas se nota que a polícia de lá vai à frente da nossa em matéria de punição a esses gatunos de rua, e, pegado um deles, trata a polícia de "reabilitá-lo", cortando-lhe os dedos... Vamos instituir a pena de Changai, e os batedores daqui serão forçados a emendar a mão...

ABRIGOS PARA O POVO

Esta capital só possui meio de transporte de superfície, o que lhe dá uma triste classificação entre as maiores cidades do mundo. E' deplorável ver-se como sofre o povo em dias de chuva ou às horas de intenso calor, nas filas quilométricas ou aglomerado sob árvores à espera de bondes ou ônibus que nunca chegam, e, quando isso sucede, já vêm superlotados. O único abrigo digno desse nome, apesar dos quisques que nele floresceram, é o chamado "Tabuleiro da Baiana", no largo da Carioca. Amplo, servindo todas as linhas de bondes para a zona sul, esse "Tabuleiro" é, na verdade, providencial. Os demais, em número reduziísimos, são pequenos, insuficientes para acomodar as multidões. Neste tópico pedimos aos poderes públicos municipais que olhem para certos pontos de nossa capital e resolvam o problema angustioso do povo desabrigado. E' preciso que se ergam, dentre outros, os dois abrigos seguintes: um, para bondes e ônibus na Praça Deodoro, entre o Passeio Público e a estátua do grande soldado. O outro, no ponto de bondes e ônibus da Lapa, lado do Passeio Público. O primeiro é ponto de enorme convergência a todas as horas do dia e até oito e nove da noite, servindo de ligação entre várias zonas da capital em demanda da sul. Todos os dias há um fluxo de lavadeiras que ficam ali à espera de condução para o Flamengo, Catete, Botafogo, Leme e Copacabana, e quando seus volumes de roupa engomada envoltos em papel. Quando chove, muitas vezes o trabalho dessa gente se anula e tem ela que voltar para a tina d'água e para o ferro. Nos pontos de ônibus que vão para a zona sul, fica uma multidão à chuva e ao sol escaldante, por falta de abrigos. Uma tragédia.

ALUNAS EM GREVE

O calor carloca não provoca apenas insolação. Também faz estourar greves. Não greves nas indústrias, no comércio, nos bancos e sim greve em estabelecimentos de ensino. Há poucos dias, quando o calor fazia subir o mercúrio a quarenta graus à sombra, as alunas da Escola Rivadávia Corrêa, na Praça da República, esguena de Rua Larga, tomaram uma decisão perfeitamente justificável: não entrariam no estabelecimento vestidas com o casaco de lã, parte integrante de seu uniforme estudantil. Mas as ordens na portaria são severas e todas as que iam sem o casaco foram impedidas de entrar na escola. Resultado: uma greve. As colegas que viam uniformizadas aderiram às revoltadas com o calor e foram-se aglomerando à frente do educandário, abrangendo a parede as estudantes dos cursos ginasial, técnico e industrial, numa solidriedade calorosa. A reportagem foi saber do que se passava e ouviu da Diretoria esta explicação originalíssima: para o movimento não passava de pretexto para desmoralização da Escola, pois as alunas não são obrigadas a vestir o casaco, mas simplesmente conduzi-lo no braço ou na pasta, não se justificando o alegado motivo do calor para fazerem a greve. Aí está uma revelação curiosa. Na Escola Rivadávia Corrêa o regulamento obriga o uso de um uniforme, porém, o casaco desse indumento pode ser usado no braço ou ficar escondido na pasta! Seria interessante ver o porteiro a abrir as pastas das meninas para certificar-se de que os casacos de lã estão ali guardadinhos... Sem isso ninguém pode frequentar as aulas de técnica e de indústria. Isso constitui a mais original novidade em matéria de uniforme escolar para não ser usado.

O PREFEITO DE FORTALEZA

O Ceará, de quando em quando, em buligosa Isso se passa nas letras, no jornalismo, na política e até em meteo. rologia. Não faz muito, esteve a chover dia e noite na capital cearense, e toda a população já estava irritada com a chuva-rada inmodada, até que, enfim, apareceu o sol. Sabem o que aconteceu? O povo foi à praça do Ferreira, centro urbano de Fortaleza e abriu uma tremenda vala... ao sol. Agora nos chega essa outra novidade: os vereadores da capital realizaram uma sessão agitadíssima no Conselho Municipal, ao tratarem da prestação de contas que a Prefeitura, até aquele momento ainda não havia feito, segundo determina a lei. Diante da cerrada censura contra ele, o Prefeito apressou-se em remeter ao legislativo municipal, tudo o que estava sendo reclamado. Como os processos estavam acumulados, teve o chefe do executivo que recorrer a um caminho, enchendo-o de papelada, livros, pastas, num total de 3.375 documentos em 17 volumes de grande porte, sem incluir em tudo isso as folhas de pagamento. O fato despertou curiosidade do povo e da imprensa que passaram a comentá-lo com aquele sarcasmo próprio dos cearenses. Pelo que parece, somente em 1960 é que os senhores vereadores terão terminado a conferência de todo aquele acervo, e isso mesmo se trabalharem todos os minutos das vinte e quatro horas de um dia, sem dormir, sem descansar, sem comer, sem fazer mais nada do que se debruçarem sobre os documentos daquela original e surpreendente prestação de contas. Como esse serviço é impossível de ser realizado assim, o jeito que todos têm é aprovar tudo de uma tacada e pedir ao sr. Prefeito que, da próxima vez, venha mesmo com os documentos numa pasta, sem acumular tanta coisa, transformando uma sessão em dia de juízo.

ÁGUA EM SEIS DIAS

Passou, na última semana, a mais famosa data que registra o calendário do Rio de Janeiro, em toda a vida desta cidade: — a proeza do então jovem engenheiro e professor Paulo de Frontin, dando mais vinte milhões de litros de água potável à capital do Brasil em seis dias. Ocorreu isso em 1889, oito meses antes de ser proclamada a República. Aquele tempo grassava no Rio a epidemia da febre amarela. O Imperador Pedro II se achava em Petrópolis. O povo do Rio morria de sede, de falta de higiene, de peste. A polícia mandou prevenir S. Magestade de que estava imminente uma revolta dos cariocaes por motivo de falta de água. Desceu o Imperador e mandou abrir concorrência pública. Mas desanimou. Uma firma se comprometia a trazer mais água em seis meses, por oitocentos contos; outra pedira dois mil contos e um prazo de dois anos... O caso era de urgência. Foi quando se apresentou um moço recém-formado em engenharia e, com a maior audácia, falou ao Imperador e seus Conselheiros: "Dê-me Vossa Magestade a estrada de ferro para transportar gente e material e eu trarei água ao Rio em seis dias! E só quero oitenta contos". Espanto geral. Os técnicos, os engenheiros, os professores, procuraram ridicularizar o jovem audaz. D. Pedro, sem acreditar no que ouvia, impôs condições terríveis contra o projeto. O rapazinho era, porém, obstinado e, embora enfrentando todas as dificuldades a começar pela falta de dinheiro, uma vez que nem um só vintém lhe foi fornecido como adiantamento, mobilizou 30 mil operários, arrematou centenas de muare, percorreu o terreno em todos os sentidos, e, seis dias depois, ou seja, a 24 de março de 1889, jorrava nos reservatórios secos do Rio, não mais 14 milhões de litros, conforme determinava o contrato, mas 20 milhões! Paulo de Frontin foi carregado em triunfo pelo povo que tomou banho num riacho improvisado comemorativamente em plena rua do Ouvidor...

ANO XLVIII

REVISTA DA SEMANA

N.º 14 — 2-4-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO ERITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS				
Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140,00	Seis meses	Cr\$ 70,00
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170,00	Seis meses	Cr\$ 85,00

		ASSINATURAS PARA O EXTERIOR		
Registrada	— Um ano	Cr\$ 270,00	Sels meses	Cr\$ 140,00

O número avulso custa Cr\$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50
Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro
Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na
Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão,
à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituyentes 1746, Montevideu. Na Argentina: "Inter-prensa" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires.

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. Se publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados.

OS TRABALHOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

ESTE NÚMERO CONTA DE 60 PAGINAS



Truman declara que o Pacto do Atlântico fortalecerá a ONU. Publicado um Livro Branco Americano, em que se adverte a Rússia de que seria perigoso subestimar o poderio e a determinação do oeste, para empreender ação comum contra um ataque. Alta tensão bélica domina Nanquim, correndo insistentes boatos de que o general comunista Lin-piao, está marchando rumo ao sul. Vishinsky e Gromyko chefiarão a luta da URSS contra o Pacto do Atlântico, na Assembleia Geral da ONU. Instala-se no Rio, a Terceira Conferência Penitenciária. O promotor público da Justiça Militar, no julgamento do ex-deputado comunista Gregório Bezerra, retira sua acusação inicial contra aquele parlamentar envolvido no incêndio do 15 R. I., no Recife. Apreciado, num encontro em Petrópolis, entre o Sr. Presidente da República e o Governador do Estado de Minas, o problema da sucessão governamental. O Regimento Escola de Artilharia comemorou seu 17.º aniversário. Constituição comunista para a Alemanha oriental. Um membro do Parlamento canadense propôs que o Canadá seja proclamado República, com uma Constituição própria. Marinheiros americanos provocam distúrbios em Ciudad Trujillo, Estabelecimento imediato de um comitê de Defesa, depois de organizado o Conselho do Pacto do Atlântico Norte. Proibidos de entrar nos Estados Unidos treze delegados à Conferência pró-Paz Mundial, que se realizará em Nova York. Segundo os cálculos finais das eleições na França, os partidos do governo obtiveram mais de cinquenta por cento do total dos votos populares. Plano para manter de pé a China Nacionalista. Apesar da recomendação em contrário de Truman, a Câmara dos Representantes aprova o aumento da força aérea americana para 70 grupos. Declara o senador Vandenberg que o Pacto do Atlântico é o passo mais importante desde a Doutrina de Monroe. Transcrita, em duplicata, nos anais da Câmara a proclamação do General José Pessoa, relacionada com a sucessão presidencial. Mensagem presidencial ao Congresso, solicitando permissão para ausentar-se do País o chefe do Executivo, tendo em vista a próxima visita aos Estados Unidos. Comemorado o 12.º aniversário da fundação do Conselho Nacional de Geografia. Graves acontecimentos em Santo Anastácio, na Alta Sorocabana, por ocasião da realização de um congresso de camponeses, promovido pelos antigos militantes comunistas daquela zona do interior paulista. Auxílio do Governo Federal a 10 Estados da União, de cerca de 100 milhões de cruzeiros, para o desenvolvimento econômico do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe, Alagoas, Espírito Santo, Goiás e Mato Grosso. Comemorou-se o aniversário da passagem do grande feito do Dr. Paulo de Frontin, quando prometeu e cumpriu a decisão de abastecer a Capital Federal, de água, em seis dias apenas, em 1889. Eliminada do governo os ultra-direitistas nacionalistas da China. Moscou desenvolve intenso esforço de propaganda visando atenuar os países que possam aderir ao Pacto do Atlântico e ao possível Pacto do Pacífico. "Sejam quais forem as circunstâncias, a 31 de janeiro de 1951, o General Dutra deixará o Governo" — afirmou, por três vezes seguidas na Câmara dos Deputados, o líder da maioria Sr. Acúrcio Torres. Decreto do Presidente da República reorganizando o "Curso de Jornalismo" na Capital Federal. Trágico acidente de trânsito na Estrada Rio-Petrópolis, tendo um automóvel capotado e em consequência três de seus passageiros morrido e mais quatro feridos. Obrigada a Light a apresentar em Juízo o Contrato da concessão de bondes, no julgamento de um mandato de segurança contra desobediência das regras do trânsito no Rio. Prejudicado pelo calor excessivo o abastecimento d'água do Distrito Federal. Fascistas e comunistas ingleses agredem-se em Londres, tendo o Governo britânico, como medida de segurança, proibido, por 3 meses, a realização de quaisquer manifestações de caráter político nas ruas daquela Capital. Chega ao Rio a delegação chilena de futebol, que vem participar do campeonato sul-americano. Winston Churchill chega aos Estados Unidos, onde pronunciará um discurso de grande importância sob o tema "O século XX, promessas e realizações". Uma denúncia de um vespertino carioca salva o material cirúrgico importado pela Prefeitura do Distrito Federal de ser vendido em leilão, por falta de pagamento de armazenagem na Alfândega. Líbano e Israel assinam um armistício. Avançam os comunistas chineses na direção do sul. Chega a Nova York, afim de tomar parte da conferência cultural e científica pró-paz, o afamado compositor russo Dmitri Shostakovich. Assinado, em Washington, o acordo internacional do Trigo, de que participam 42 nações, inclusive o Brasil, que se obriga por isso a importar, anualmente, 310 mil toneladas do precioso cereal. Surpreendido e preso pelos agentes da Delegacia de Economia Popular um súdito britânico que distribuía cerca de 300 quilos de carne, adquirida num frigorífico do interior do E. do Rio, a peso de suas relações. Intensificada, pelo chefe de polícia do Rio, a campanha contra o chamado "jogo do bicho". Preparativos para o próximo Congresso Nacional de Jornalistas a se realizar em abril vindouro em S. Paulo. Antecipado o embarque do ministro da Guerra para os Estados Unidos. Regressa da Europa o Presidente do Congresso Nacional Sr. Melo Viana. Transfere-se para Pequim o Governo comunista chinês. Aceita a renúncia do Sr. Bedell Smith, embaixador dos Estados Unidos em Moscou. Continua a pressão russa sobre o Irã. O diretor geral do Bureau Internacional do Trabalho, com sede em Genebra, disse que a América Latina precisa desenvolver sua produção de matérias primas e artigos de consumo, e não deve aspirar a indústria pesada. Dois médicos americanos, no hospital de Monte Sinai, conseguiram fazer reviver um menino de 16 anos, cujo coração havia parado completamente por 40 minutos. Aprovado em discussão final na Câmara a suspensão dos vencimentos das obrigações civis e comerciais a que estão sujeitas as pessoas residentes nas zonas flageladas pelas últimas enchentes. Segundo as conclusões a que chegaram cientistas britânicos o Cancer é provocado por um "vírus", o que vem tornar obsoletas todas as teorias até hoje conhecidas e o tratamento empregado nessa espécie de moléstia.



No dia seguinte . . .

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não for prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos forem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprego desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em torno de temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: Conto para a **REVISTA DA SEMANA**.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

LIVROS NOVOES

JOÃO LUSO

MILAGRES

Versos de MARQUINHA
JACOBINA RABELO

Rio de Janeiro
1949

induz a deixar que lhes entre na alma a sombra da dúvida. A luz que lá dentro brilha não esmorece nunca. Lamentam-se, porque a crueldade do padecimento os obriga a soluçar e gemer. Dirigindo, porém, a Deus os seus queixumes, não cessam de lhe abençoar o santo nome.

A sra. Marquinho Rabelo colheu da Bíblia os exemplos que devem ser divulgados e ensinados. Cada trabalho do presente volume corresponde a um quadro de formosura e a uma lição edificante. Para servir a palavra dos Evangelistas, a autora dos "Milagres" lhe quis dar a mais bela eloquência, a forma, a expressão por eloquência — que são os versos. As maravilhas do verbo do Nazareno são aqui interpretadas em estâncias várias, em decassílabos ou alexandrinos, uma vez em octossílabos, sempre em versos comunicativamente sinceros e atentamente trabalhados.

A cura da filha de Jairo vem narrada em dez sonetos, sendo o último o seguinte:

Quiseram zombar d'Ele. Mas que importa
a um Deus a zombaria? Nesse instante
Jesus, bem devagar, chega-se à morta
e olha-a com o doce olhar, mais penetrante.

Tomando-lhe as mãos ambas, se transporta
e diz a simples frase terminante:
"Minha filha, levanta-te". E conforta
a mãe, da dor à estátua semelhante.

A criança sorri à mãe que chora.
O pai exulta! E as almas revigora,
no espaço imenso, uma oração que soa.

Ordenando silêncio, o Nazareno,
num gesto divinal, lhano e sereno,
afasta-se do lar e o abençoa.

DISCURSOS

De ALOYSIO DE CASTRO

Editora Vecchi
Rio de Janeiro
1948

rio é a conferência sobre os "Deveres da mulher no mundo de hoje"; a saudação a Arazo Alfaro; os panegíricos de Miguel Couto e Afrânio Peixoto; a lição contida nas páginas "Pela língua portuguesa"; de assunto ou de valor especialmente médico aqui temos as alocuções proferidas na Academia de que o sr. Aloysio de Castro tem sido mais de uma vez presidente. Por esta e pela de Letras se distribui, no presente volume, a sua eloquência sempre esmerada. Em certas páginas, lidas avulsamente, não saberíamos adivinhar para que tribuna ou auditório foram criadas. A cada momento o erudito ombréia com o artista. Melhor diremos que os dois se irmanam e confundem. E em verdade, ambos, por descendência do sangue e da alma, vieram juntos, fundidos na individualidade. Francisco de Castro... Neste mesmo volume, o filho louva, adora aquele de cujo nome veio continuar o lustro magnífico.

Várias vezes nos tem sido dado o venturoso ensejo de saudar, no mestre insigne da Faculdade de Medicina que é o sr. Aloysio de Castro, seu digno, inseparável companheiro, o poeta. Opinariamos até que sempre este último avulta, prevalece, se não houvéssemos de levar a nossa predileção à conta da pobre ignorância em que vivemos acerca da outra ciência ou arte. Em verdade, não podemos arredar do espírito a idéia de tal supremacia. Agora mesmo ela nos faz buscar, na estante ao lado, a recordação das palavras exatas de Cervantes, no décimo sexto capítulo da segunda parte do "D. Quixote": "La poesía señor hidalgo, és como una doncella tierna y de poca edad y en todo extremo hermosa, a quien tienen cuidado de enriquecer, pulir y adornar otras doncellas que son todas las otras ciencias. y ella se ha de servir de todas, y todas se han de autorizar con ella".

Jesus Cristo anda neste livro distribuindo os prodígios do seu amor e da sua piedade por aqueles que têm fé. Saem-lhe ao caminho os que sofrem e profundamente, bem do coração, continuam a acreditar na misericórdia divina. Nem a intensidade nem a duração dos seus males os

O autor de todos estes discursos desenvolveu-lhes os conceitos e apurou-lhes a linguagem, com cuidado e amor idênticos aos que empregou em metrificar e rimar os versos de "Rimário" e de "Christus", e as obras de tão fino espírito e labor tão rico, pensadas e trabalhadas em francês para ilustrar o pseudônimo Guy d'Auberval. Aos dois joalheiros da palavra se alia, fraternalmente ainda, o compositor de prelúdios e improvisos sobre cuja melodia veio pairar, um momento, a bênção de Chopin. Todas estas correspondências ou afinidades dentro da mesma pessoa valeram ao sr. Aloysio de Castro um êxito harmoniosamente à parte, um realce ao mesmo tempo complexo e único perante a admiração geral.

Pelo seu alto poder de exortação, a nobre força de invocar e aconselhar, o fêcho das páginas "Pela língua portuguesa" — como todo o trabalho, onde haja gosto e espaço para isso — merece ser, por todos os meios, até onde possível, divulgado:

"Levantemos em tudo o nosso idioma. Este o voto que a Academia, com espírito de viva confraternidade, hoje endereça a todos os homens de letras do Brasil. Repitamos o augúrio do seiscentista clássico Antônio Ferreira:

Floresça, fale, cante, ouça-se, viva
A portuguesa língua, e já onde for
Senhora vá de si, soberba e altiva.

Floresça e viva a nossa língua, para eternamente servir à glória de Deus, à expansão das idéias em bem da humanidade e ao continuo engrandecimento da nossa Pátria."

A LUZ DA ESTRELA MORTA

Romance de
JOSUÉ MONTELLO

Livraria José Olímpio Ed.
Rio de Janeiro

tarado e sobretudo se ocupa em estudar as origens e os efeitos do seu mal. Tão intensa e minuciosamente procede a esse exame, essa terrível, implacável auto-análise, que, tendo verificado ou julgado verificado qualquer sintoma novo, a ele se entrega, em cogitações que vão por páginas e páginas, para findar em crises de desespero.

O romancista quer nos mostrar o seu personagem em todas as atitudes e acionadas mais ou menos capazes de acentuar a "semelhança" do retrato patológico. Vira-o por todos os lados, em todos os sentidos, para lhe não desperdiçar nenhum traço característico, nenhum aspecto eloquente. Para se fazer idéia da insistência dessa dissecação psicológica, bastará conhecer-se, em resumo, a linha do entrecho e medir o espaço pelo qual ela se desenvolve, estira e dilata. O protagonista, Eduardo, encontra, certa noite, o velho relógio de casa inexplicavelmente parado. Inexplicavelmente para ele, bem entendido. Dirige-se a um relojoeiro que promete ir, no dia seguinte, examinar o mecanismo paralisado. Não vai no seguinte mas no outro imediato; e com toda a facilidade põe os ponteiros de novo em movimento. E' o fim do romance. Passaram-se trinta e tantas horas. E são, em amplo formato, mais de trezentas páginas.

Não se trata exclusivamente das cismas e ansiedades do triste herói às portas da demência. Entreteados no estudo psiquiátrico, surgem episódios variados e alguns dos quais deveras comovedores. Há uma página em que Eduardo, vendo um velho ensaiador maltratar estupidamente uma artista em decadência, perde a tramontana e, atirando-se ao insolente, quase o mata. E' um lance que atinge alto grau patético e se desencadeia como um golpe de fatalidade. Outro quadro que empolga é a revelação da miséria e da aflição que sofre dentro de casa um médico de escassa clientela, o dr. Saraiva, que vive a orgulhar-se, cá fora, das suas riquezas e preciosidades: alfaias, baixela, antiguidades, toda sorte de objetos de arte. Forçado a deixar ver a sua penúria e as suas mágoas, o pobre diabo conta o apólogo de um rei que viu partir seus três filhos, na ânsia de correr mundo e conhecer a vida; vem depois a saber que um deles se suicidou, outro enlouqueceu e o terceiro se recolheu a um convento. E o monarca assim conclui: "Só há três soluções para quem tenta conhecer a vida: a morte, a loucura ou a fuga do mundo". Saraiva, porém, acrescenta: "Há ainda uma solução que o velho rei não viu: a mentira!". Este capítulo vale por um livro.

O sr. Josué Montello dispõe de valiosos recursos de prosador. Quando quer, define as coisas direta e rapidamente. Tem a expressão vivaz, veemente. Acodem-lhe frases flagrantes que surpreendem e nos perduram na mente ou na sensibilidade. Não o dizemos como atestado profissional, mas como elogio: é um escritor. Por isso mesmo, não devemos deixar de lhe marcar certos defeitos de linguagem que bem sensivelmente o prejudicam. Os seus personagens, ainda os mais ilustrados, cometem graves erros de gramática — mas, até aí, nada haverá, rigorosamente, a condenar. Será o escrúpulo de exatidão ou o empenho de verossimilhança que levará o escritor a indicar à letra o linguajar alheio. A questão é que, na parte descritiva, isto é: no próprio estilo do artista das Letras, análogas cinco se evidenciam e agora imperdoáveis. Não compreendemos realmente como um romancista, fora dos diálogos, pode escrever como falam as pessoas que não sabem falar.

Sem insistir nesta tecla apreciativa, apontaremos alguns exemplos que se nos afiguram graves. Nas indicações de lugar frequentemente — e de certo por lhe parecer assim mais bonito — se troca a forma "no" "na" por "ao" "à"... o avô, "à" cadeira de balanço... até sentir "às" costas a borda saliente da mesa... Eduardo parado "à" calçada... repôs as cartas "à" gaveta... E, às vezes, no mesmo caso, as duas maneiras: "Um dos relógios "à" parede, fronteira... "Na" parede Eduardo descobriu uma ferradura... Outra incoerência, e, desta vez, vindo as duas formas num só parágrafo: "Receando que a porta tornasse a "fechar"... a porta tornou a "fechar-se". Mais impropriedades: "... veio vindo "às recuadas"... Eduardo cuidava do relógio, já-mais "o deixando" de limpar... espichou os olhos para uns anjos de ouro que "rodeavam" o altar... aproximando-se de Matilde, como se fosse "acudila"... "alumiou" o cigarro... em seu espírito uma voz "interior"...

E basta. Parece que basta.

QUE DUAS BELAS CRIANÇAS!

Romance de
RIBAMAR GALIZA

Rio de Janeiro
1949

quer obra, pelo menos a torna, desde logo, simpática, favorecendo a sua apreciação.

Uma pobre moça, em luta com a miséria e o desamparo, deixa-se encaminhar para certo antro, recomendada a uma profissional infame. Mas o sedutor não comparece à hora apressada; longo tempo a ignóbil dona da casa espera o recado que explicaria aquela demora; e acaba dando a outro visitante uma informação mentirosa a respeito da criatura que está esperando. Felizmente, agora se trata de um rapaz excelente, oficial do exército, incapaz de abusar daquela situação dolorosa. Interrogada suavemente, a jovem tudo confessa. Tem a mãe gravemente enferma; faltam-lhe recursos até para a alimentar, quanto mais para lhe custear o tratamento; nem trabalhar lhe é dado, como até há certo tempo; e está iminente um mandado de despejo... O tenente, de tão brioso caráter quanto delicado coração, incumbe-se de proteger as duas infelizes. Nobremente cumpre a sua missão até ao fim, quer dizer: ao casamento que, no último capítulo, fica implicitamente resolvido. E a razão do título aparece finalmente: é a frase com que uma velha senhora, maternalmente amiga do oficial e sua colaboradora na obra piedosa, consagra aquela tão indicada, tão prevista união.

Tal a linha geral do romance, linha que se alonga em episódios mais ou menos alheios ao caso, atravessa diálogos mais ou menos dilatados à força — e assim vai a perto de trezentas e cinquenta páginas. Cumprir louvar a apresentação de certos tipos, bem apanhados, bem mantidos no seu ar característico; e, no falar dos personagens, reina sempre a naturalidade, a propriedade que resulta da observação direta e flagrante. Boa estréia, em suma. E que não demore o segundo livro.

Revista Taquigráfica — Recebemos o último número desta publicação especializada que apresenta noticiário completo sobre as comemorações do "Dia do Taquígrafo"

B O M HUMOR



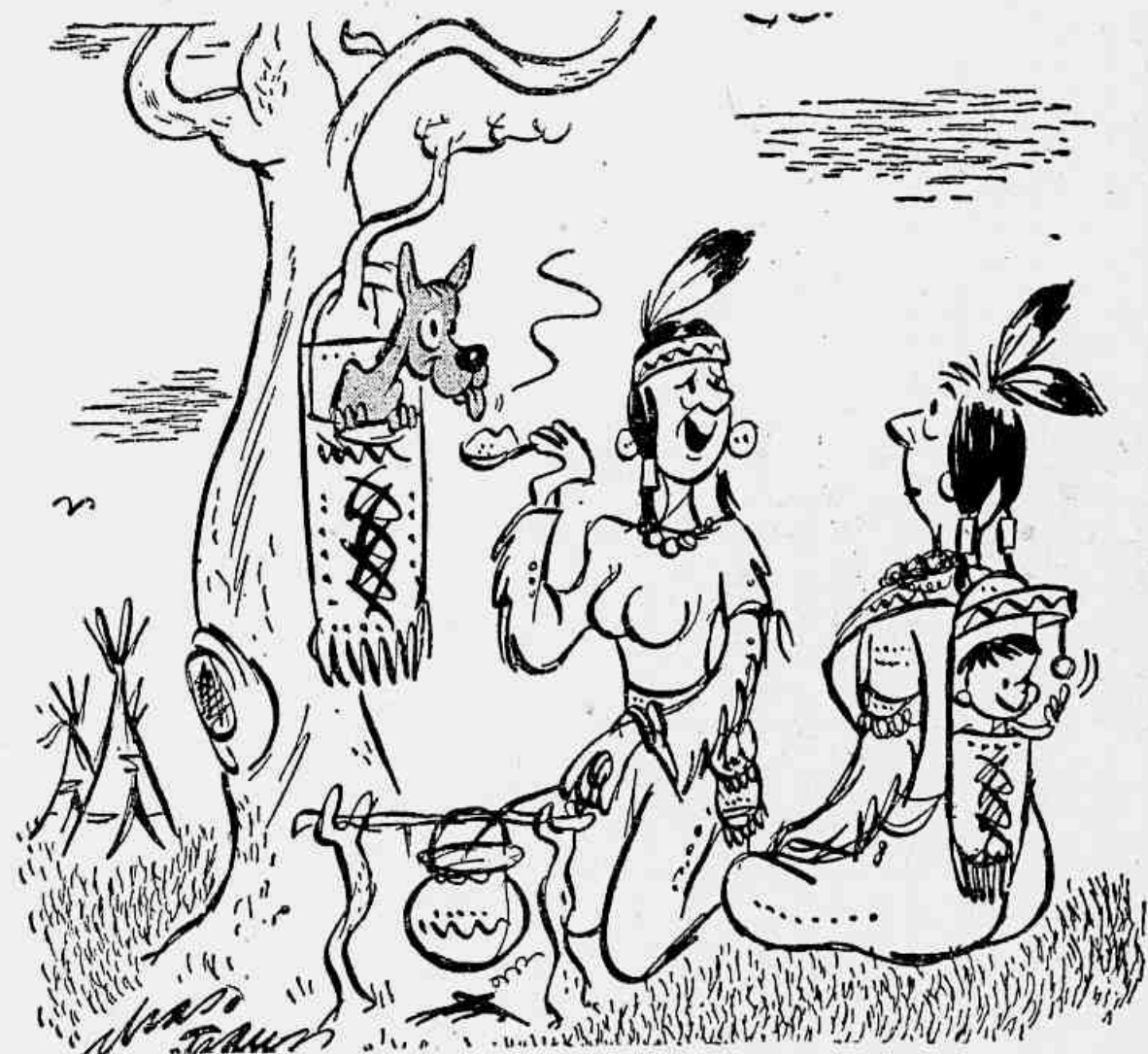
— Outra falta, heim, seu malandro!... Não vai me dizer, que queimaram sua avó outra vez...



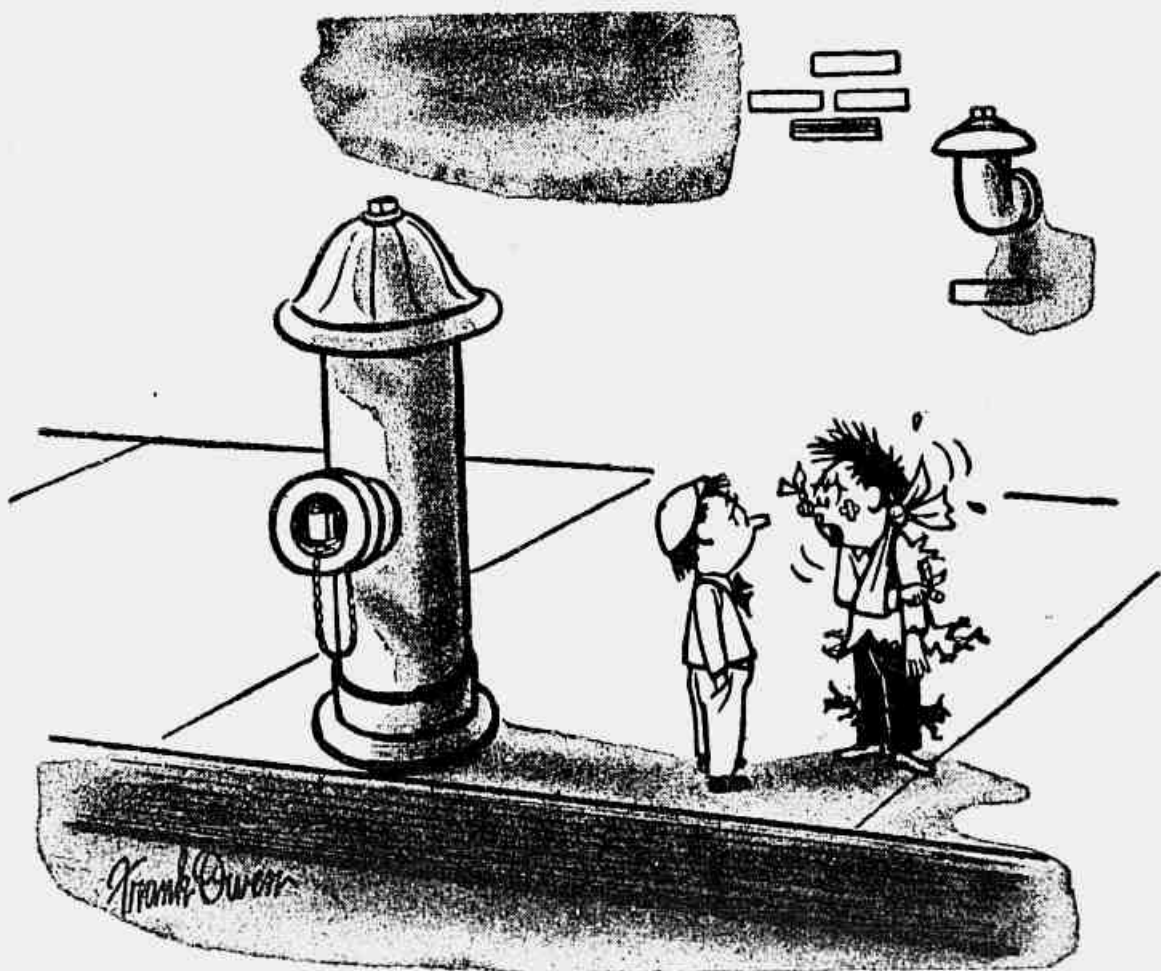
— Se vai querer madama escolha logo, é prá acabar!...



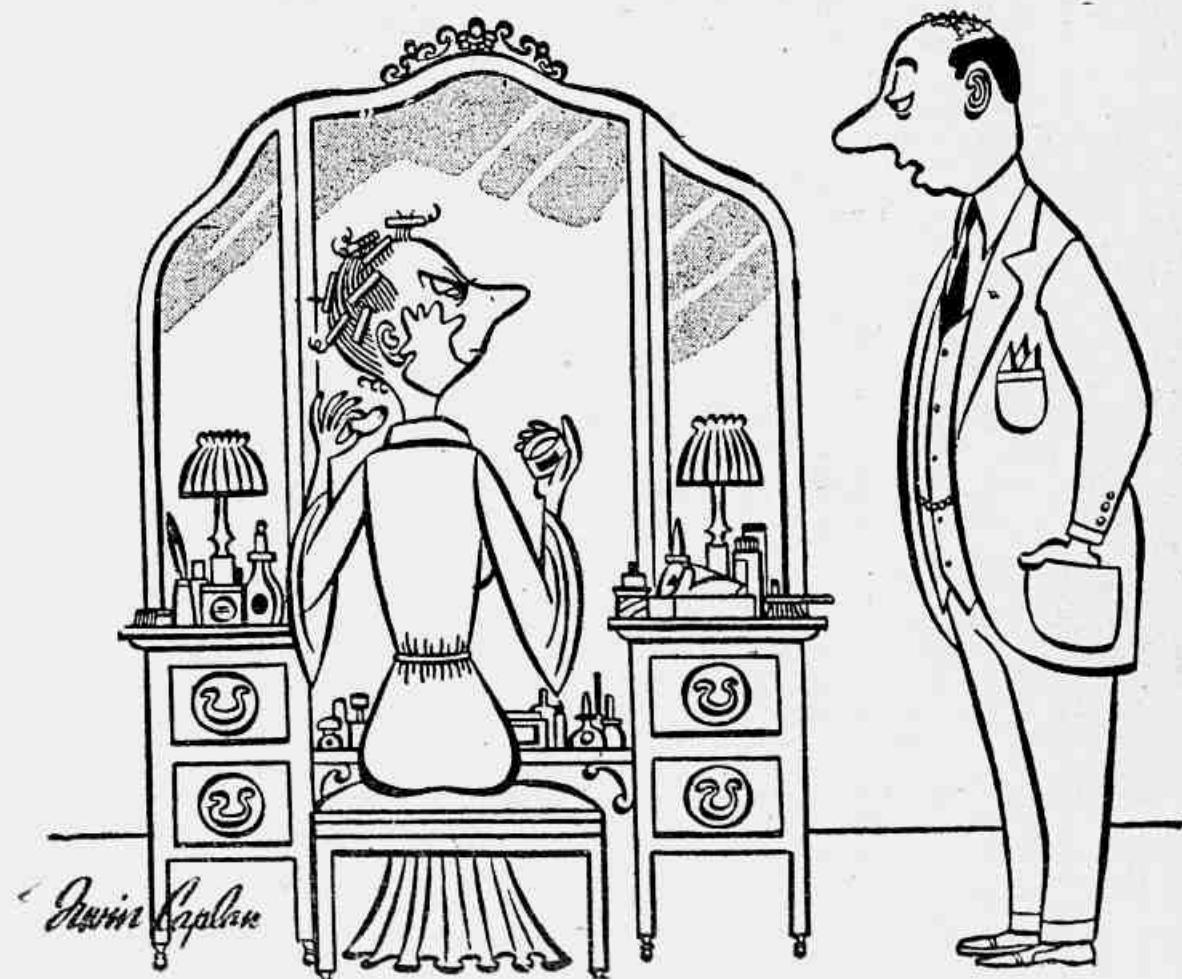
— Mamãe, a senhora ainda vai usar isto?



— Adoro cachorros, são tão engraçadinhos...



— Ouve meu conselho, Zeca, nunca experimentes dar banho em gatos!



— Vamos, vamos! Nunca me viu?!

(Continuação)

CAPÍTULO V

JENNIFER pusera o despertador para as sete menos um quarto, e logo que a campainha entrou em ação ela se ergueu e foi à cozinha tratar da primeira refeição, colocando chaleira ao fogo e preparando o leite.

As vezes Betty vinha ajudá-la nesses serviços matinais da casa; mas, quase sempre ficava a bocejar na cama, sem ânimo de erguer-se.

Faddy também se levantava muito cedo e Jennifer lhe arranjava o vestido, os cabelos, enquanto a criança segurava nos braços uma boneca ou um brinquedo qualquer, metida em seu pijama e calçando chinelos de tênis.

Ai então aparecia Betty, com a outra filha, e tôdas tomavam seu café. Depois o serviço doméstico tomava seu ritmo e os trabalhos gerais e os relativos às crianças não tinham mais fim até a hora do repouso noturno.

Aos domingos, Jennifer e Betty se dedicavam a certos trabalhos internos de limpeza, lavagem de roupa, asseio geral do apartamento, arrumação de roupa, da cozinha, etc. De quando em quando era preciso remover os montes de papéis, de jornais, de latas esvaziadas que ficavam a um canto da cozinha, como entulhos.

Tinham que pôr tudo em ordem, repondo coisas móveis em seus respectivos lugares, arrancar os vestidos de sair das crianças, suas fitas, os patins. Os discos de vitrola precisavam estar na estante, as coisas que se descolavam, devidamente reparadas. Uma série interminável de coisinhas que aparentemente nenhum esforço exigem, mas que, em verdade, dão trabalho e enfadim.

Era este o ambiente de onde emergia Jennifer para ir, em seguida, para o seu trabalho no escritório de contabilidade. Se o tempo estava frio, ela vestia sua blusa de lã, uma suéter já envelhecida de cor escura. Quando o tempo estava primaveril e de agradável temperatura, costumava sair com vestido de seda azul e gola bordada. Esse vestido lhe havia custado três dólares e oitenta e cinco centavos, uma ninharia, mas bastante importante para ela. Quando queria mudar, usava um vestido cinzento guarnecido com botões vermelhos de vidro. E' interessante notar que esse pertencera a uma senhora idosa que residira no andar inferior e que o oferecera a Betty, que, por sua vez, dera-o a Jennifer. Afora essas peças de roupa, a jovem não possuía mais nenhuma.

Ela reconhecia que com esses tão modestos indumentos não poderia conquistar facilmente rapazes de mais elevada situação social como Sidney; mas não gostava de exibições. Sua personalidade estava acima de qualquer exteriorização e superficialismo. Sid parecera compreendê-la e amá-la, pois a beijara e se julgava feliz ao seu lado. Por esse motivo sentira-se chocada quando percebeu que ele procurava ir-se afastando dela, proibin-

do-lhe de telefonar-lhe, evitando certos encontros quando em sua companhia.

Por vezes ficava a pensar em fazer cursos de cultura, vestir-se bem, pentear-se à última moda, tornar-se chic, elegante; porém, em seguida caía em si, e se reconhecia estar num mundo de dificuldades.

Muitas noites seguidas ficava Jennifer a pensar em tudo que a tornava infeliz na vida, ouvindo hora a hora o bater do relógio até uma, duas, três e quatro da madrugada!

E lhe vinham à lembrança episódios passados no trabalho do escritório.

— Está observando que as coisas estão frias entre Grace e Mr. Peters?

— perguntou-lhe certa vez, cautelosamente, Mollie Evans.

— Noto que ela está chorando — respondeu Jennifer à sua colega, vizinha de trabalho, a fingir que procurava qualquer coisa nas gavetas do "bureau".

Mollie, no intuito de também evitar a fiscalização de Miss Griggs, meteu uma folha de papel em branco na máquina, para disfarçar, esclarecendo:

— Sim, ela está chorando porque vai sair daqui. Arranjou um outro emprego na firma Davidson. A pobre está atordada. À noite passada estive em seu escritório, desesperada. Dor's Smith disse que ele lhe prometeu divorciar-se da esposa e desposá-la.

— Mas Mollie, ela sabia que ele era casado?

— Oh! Certamente que sabia. No começo dessas coisas, as jovens sempre pensam que tudo sairá bem. A esposa dele é muito distinta e já estavam casados há dez anos. A pobre Grace acreditou nele, especialmente ao alugar um aposento aqui na rua Clay.

— Oh! Mollie! Ele praticou esse ato?

— Ora, se praticou... Foi isto que me disse Nancy. O caso é bem típico da natureza dos homens e uma advertência para as moças crédulas. Digo-lhe, querida, que estou farta de tudo isto e ansiosa para voltar para a companhia de minha mãe. Tudo isso é uma fatalidade, Jennifer. Quando a moça começa a flirter, pode temer nada? A coisa é justamente esta: uma jovem comete um erro como o fez Grace, iludida pelo homem com quem simpatizou e que lhe prometeu este mundo e o outro. Lew Peters, porém, só se mostrou amigo e apaixonado no princípio. Ela errou, vivendo a chorar e a escrever-lhe cartas que só aborrecimentos lhe causavam. Se ela soubesse manter-se, talvez que ele requeresse divórcio. Agora ela está com seus trinta anos e já não lhe é possível conseguir casamento com facilidade. Por isso minha mãe tem pavor dessas aproximações de moças com rapazes. Mas você, Jennifer, não fique assim tão espantada com essas coisas — rematou a vizinha, diante da cara de pavor de Jennifer, concluindo: — Não estou falando de você, que ainda é uma garota. Que idade tem, Jennifer?



Desde QUEIMADOS

ROMANCE DE KATHLEEN NORRIS ★ ILUSTRAÇÃO DE O. MATTOS

— Dezoito.

Dias depois Mollie deu-lhe uns conselhos e lhe fez tentador convite.

— Ouça, menina. Estive pensando acerca do que você me disse sobre seus trabalhos caseiros, lavar pratos para o jantar.

— Não há mal nenhum nisso.

— Bem... Não quero saber se há mal nisso ou não — redarguiu Mollie decidida. — E' muito bonito que uma jovem se dedique aos trabalhos domésticos; mas é necessário que você tenha amigos. Com quem costuma sair à noite?

— Oh!... Quer dizer... em companhia de quem? Com Seely, uma amiga de Betty, saio levando as crianças. Também com a velha Crane, Mrs. Bangs, modista. E' ela que arranja meus vestidos e não cobra nada a Betty por isso. — E Jennifer olhou para o próprio vestido cor de cinza com os botões vermelhos.

— Tem algum vestido de etiqueta?

— Etiqueta?... — perguntou Jennifer meio perturbada. — Quer dizer... um vestido para solenidades? A rigor?

— Sim — respondeu Mollie.

— Não. Tinha começado um vestido branco, mas Betty o recortou para Elma, numa solenidade juvenil.

— E' assim mesmo... — respondeu Mollie com tristeza. Bem... mas que veste você se vai alguma reunião, a um teatro ou cinema?

— Bem... — disse Jennifer — deve acontecer alguma coisa para que eu possa ir...

A outra não conteve o riso diante dessa saída filosófica da amiga, e retornou:

— Ouça. Tenho uma prima chamada Ellen Flowers, chegada de Sacramento, e que vai passar uma semana conosco. Mamãe vai organizar uma festinha de recepção para ela. Quer dar-nos o prazer de comparecer?

— Oh! Gostaria muito... — E no semblante da moça se estampou uma onda de tristeza, de timidez, de irresolução.

— Não, Jennifer! Você não se preocupe com o traje. Não se trata de uma festa a rigor. Haverá grande número de moças e rapazes, dançaremos, comeremos doces, num ambiente agradável.

— Sua casa não é em Twin Peaks, Mollie?

— Oh! Eu a levarei até lá. Apenas mamãe exige que você fique durante a noite, e no dia seguinte um dos rapazes a reconduzirá à sua casa. Você gostará da festa. Minha irmã Delia chegou. Ela é casada e reside agora em Oakland. Avise sua madrastra.

CAPÍTULO VI

A residência do casal Michael Evans estava situada numa zona de colinas

e de alguns precipícios, no velho contorno de São Francisco, para os lados do sudoeste da cidade, conhecida como Twin Peaks.

A casa de residência dos pais de Mollie era confortável, e Jennifer estava verdadeiramente excitada, diante da expectativa daquela festa, coisa ainda inédita para ela.

Que bela casa! E que belas pessoas a entrar e a sair, e como eram todos elegantes e distintos! Como tudo isso a encantava, mostrando-lhe uma página ainda não conhecida em sua vida!

A irmã casada de Mollie alimentava seu filho de sete meses, dando-lhe colheradas de suco de maçã. Joe, irmão de Mollie, rapaz forte, alto, de cabelos avermelhados, não descansava, a levar e a trazer recados, prestando serviços à festa. O outro irmão, Eugênio, era muito obsequioso e prestativo. Para Jennifer, Eugênio deveria ter seus dezoito anos. Porém, mais tarde, ele mesmo lhe dissera que tinha mais dez anos além daquele palpite. Ellen, a prima visitante, muito afetada, se ocupava em retirar coisas de uma valise muito bonita no quarto de Mollie. Havia naquele aposento duas camas, além de um sofá improvisado, especialmente armado para servir de leito a Jennifer. O dono da casa, grandalhão e de voz estentóica, lia seu jornal e olhava sobre os aros dos óculos para os filhos, os convidados, para a benvinda Jennifer, enquanto a esposa se entregava à luta da cozinha. Reparando bem em Jennifer, falou-lhe:

— Ora! Não é você senão uma criança! E eu que preparei aquela cama tão grande!

— Ora! Gosto muito dela!

Nesse momento a boa senhora, percebendo que o seu pudim de maçã estava a queimar, correu para a cozinha, a fim de salvar a obra-prima.

Muitas outras moças estavam a chegar. Mollie se vestia para a recepção, enquanto já a homenageada, sua prima Ellen, exibia belíssimo vestido guarnecido de rosas.

Naquele instante Mollie apareceu com um bonito vestido de seda azul, conduzindo um outro de rendas cor de rosa.

— Jennifer, vem cá! Toma... experimenta este!

— Para mim? — disse espantada a jovem, ao entrarem no quarto.

A oferta de Mollie não fôra notada por estranhos. Ela podia aceitar sem nenhum acanhamento. Delia e Mollie a vestiram, e em seguida foi levada diante de um espelho para ver como estava bonita!

— Está um pouco grande... — lamentou Mollie, enquanto Delia procurava ajustá-lo.

Jennifer estava aturdida. O vestido emprestado era de tafetá cor de rosa, enfeitado com pequenas flores azuis e brancas. Ao talho do pescoço, umas pregas de renda branca. As mangas vinham até o meio, deixando ver os braços semi-desnudos.

— E' muito lindo! — murmurou.

— Bem... espere um pouco — disse Delia. — Agora temos que resolver o problema dos sapatos.

Nesse momento entra no quarto a mãe de Mollie, que lembra um par de sapatos de Ellen, que ela ia devolver. Diz isso e senta-se pesadamente numa cadeira.

Delia se arrastou de petrechos para o reajustamento do vestido. Jennifer ia voltando para a direita, para a esquerda, enquanto o vestido ia ficando mais justo aqui, melhorando acolá, tomando novas formas.

— Bem... Ela está que é uma lindezinha! — exclamou a mãe de Mollie emocionada, como se estivesse elogiando uma filha.

Depois, Mollie começou a arranjar os cabelos de Jennifer. Passou-lhe primeiramente a escova, colocou grampos aqui e ali, aperfeiçoou o "maquilage" da moça, para que tudo ficasse de primeira ordem.

A esse tempo já os sapatos haviam chegado. Foram de delicado modelo, próprio de recepção e assentaram perfeitamente nos pés de Jennifer, que, assim, estava verdadeiramente chic.

Apesar de tudo isto, ela não se sentia envidescida e fútil. Era a primeira vez que se via erguida a tais alturas, numa sociedade desconhecida; mas sua natureza se manteve equilibrada.

As sete da noite, já os convidados estavam todos reunidos, num total de trinta e cinco. Músicas de rádio e vitrola começaram a alegrar o ambiente. Na sala de jantar as mesas foram postas, com doces, frutas, nozes, bebidas, etc. Joe Evans tomou o braço de Jennifer e, com os demais convidados e pessoas da casa, foi para a sala de refeições. A alegria era geral, ouvindo-se sorrisos,

pilhérias, pequenas cortesias entre os animados pares. Havia exorbitância de alimentos e iguarias, e Jennifer, acostumada com as restrições da mesa de sua madrastra, estava assombrada com tanta fartura. Aliás, ela já percebera que isso era o habitual daquela casa, pelo que vira na cozinha e na dispensa, desde o momento em que chegara ali e tivera oportunidade de correr tudo, em companhia de sua amiga Mollie. Muita carne, língua, presunto, toucinho, açúcar, etc., a serviço de enorme cozinha. Batata em quantidade, biscoitos, toda sorte de alimentos enlatados, leite, massas, extratos, cerveja, café, chocolate, todo um mundo de coisas para a nutrição farta e variada.

Súbito, ergueu-se Michael Evans e, tocando com o cabo de sua faca no cristal de sua taça, pediu silêncio. Todos os circunstantes ficaram atentos.

O dono da casa ia discursar. Todos os olhares se dirigiram para ele.

— Como sabem, — começou, com voz pausada e grave, — esta minha jovem filha esteve de olho fixo sobre um jovem, estes últimos anos. Seus planos foram prejudicados pela morte do pai dele, faz agora dois anos. Que Deus o tenha na sua santa glória.

— Amem... — responderam os mais velhos, homens e mulheres.

— Contudo — prosseguiu solenemente Mr. Evans — está ele novamente livre, capaz de construir sua felicidade interrompida, com Mary Victoria Stella Evans. Vocês compreendem como me deva sentir ao dar-lhes esta novidade. Ela é uma boa filha. Será ótima esposa. Foi contra minha vontade, mas não sem minha permissão, que ela se colocou há um ano já, não sei para que, pois sua mãe me disse que serei eu quem vai pagar as contas do enxoval. E' possível que Mollie se dê bem com o esposo e o suporte, acostumando-se com a vida. Mas estes particulares não preciso dizer a vocês. E agora bebamos à saúde deles, pela felicidade de ambos. E eu os abençoo, a Daniel Francis Moore e Mollie, e peço a Deus que os proteja e abençoe, a ambos!

O discurso foi breve, interrompido de quando em quando por gargalhadas, ditos pilhéricos, aplausos, comentários antecipados, em face do tom jocoso do seu autor. Quando ele terminou com aquela bênção aos dois noivos, todos se puseram de pé e irromperam gritos de aplausos aos dois jovens, enchendo de palmas e vivas! o salão da festa.

Em seguida, o pai de Mollie a conduziu até o lugar em que estava Daniel, de pé, por trás de Mrs. Evans, que abraçou a filha a chorar, debruçada sobre seu ombro.

— Eis aqui, a sua Mollie, meu rapaz — exclamou Mr. Evans.

— Obrigado, senhor. Procurarei ser digno dela.

Havia cenas de lágrimas e lengos ao nariz, olhos vermelhos, rostos espelhando emoção. Dan e Mollie se beijaram e riram por alguns minutos.

Agora... era dançar!

(Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA — Desde o momento em que Jennifer Richie encontrou Sidney Borrows numa tarde chuvosa em S. Francisco, começou a amá-lo. Entre ambos havia a diferença de situação social e financeira. A fim de obter uma decisão da parte dele, Jennifer o convidou para uma entrevista, quando, ambos sentados à mesa de um restaurante, trocaram idéias sobre aquela situação, tendo ela recebido resposta negativa e protelante. Desiludida, voltou para casa e ouviu de Betty, sua madrastra, com quem vivia, uma série de conselhos e histórias de moças que se dão mal com certos amôres sem futuro. Betty havia notado algumas mudanças nos hábitos da enteada, mas ignorava seus amôres com Sidney.

VIDA LITERÁRIA



Pedro Fernandez Ormaechea, que se iniciou nas colunas de "Espanha Livre", de Nova York, com umas conversas humorísticas entre patriotas refugiados ou não, e terminou com a estréia de um livro notável: "Era Atômica"

UM GRACEJO QUE FOI LEVADO A SÉRIO

HA em Nova York grande número de espanhóis que fugiram de sua pátria de nascimento em virtude de acontecimentos políticos. Como não podia deixar de suceder, fundaram seu jornal e ali escreviam impressões sobre sua terra perante o mundo e em face de si mesma.

Um desses periódicos se chama "Espanha Livre". Certo dia, apareceu em suas colunas um artigo intitulado: "Charlas entre Nosotros", ou seja, em português, conversa entre nós, isto é, entre eles, os espanhóis refugiados.

O autor dessas conversas era um tal Pedrito, pseudônimo sob o qual se ocultava uma inteligência de escôl, um observador do homem e da sociedade, do mundo e seus achaques. Pedrito, desde o primeiro número de sua "charla", tomou conta dos seus conterrâneos.

Os casos debatidos naqueles comentários de Pedrito levantaram também protestos. A matéria não devia ser tratada com ares de pilhéria, de simples gracejos, pois envolviam episódios e assuntos de grande relevância para a Espanha, para a América, enfim, para o mundo inteiro.

Então resultou de tudo isto o inesperado. Descobriu-se o autor: era o jornalista e escritor Pedro Fernandez Ormaechea, que teve de dar aos seus escritos um aspecto mais sério, embora sem tirar-lhe, de todo, o ar jocoso.

Resultou daí um livro de grande sucesso, intitulado "Era Atômica", através do qual o escritor pilhérico glosa os problemas do mundo, analisa os maiores vultos da atualidade política, abarca as nações de norte a sul e de leste a oeste, reunindo tudo e todos num saco de gêneros e os expõe ao público ávido de novidades.

Os comentários desse incrível Pedrito abrangem os anos de 1946 a 1948, compondo com seu talento uma espécie de rapsódia literária de grande gosto popular pela forma deliciosa com que enfrenta os males do mundo atual.

No futuro, quem desejar conhecer bem o panorama em que se desenrolou o "processus" social, artístico, econômico, financeiro e político do pós-guerra, terá que consultar a "Era Atômica", de Pedro Fernandez Ormaechea, como repositório geral de tudo o que se passou entre homens, povos e governos.

Não se pode esconder que estamos assistindo à transformação de uma era na humanidade. Esse escritor humorista, que fala a rir das coisas mais sérias, é um novo Bernard Shaw, um outro Homero e também um Cervantes.

Iniciou suas crônicas diante do panorama multiforme de Los Angeles e, dali, foi alargando sua vista pelos quatro cantos do mundo. Os Estados Unidos mereceram suas principais conversas entre espanhóis, e a verve irresistível de Pedro construiu uma espécie de "diário da humanidade" no período de três anos.

No seu estilo engraçado e vivo, ele faz troça com todo mundo, censura a pilhéria, ridiculariza sem ofender. "Pedrito", a personagem oculta por um pseudônimo, avultou na pessoa de Pedro Fernandez Ormaechea, hoje em dia uma das mais respeitadas autoridades do humorismo internacional, versando coisas muito sérias e... eprigosas!

NOVO IMORTAL

Logo que terminem as férias a 1.º de abril, tratará a Academia Brasileira de Letras da solenidade da posse do novo imortal, dr. Anibal Freire, na vaga deixada pelo saudoso Roberto Simonsen. E' provável que a posse do novo membro se verifique na primeira quinzena de abril.

★

UMA DE ZEFERINO GALVÃO

Uma das linhas de bondes do Recife é a de Tamarineira, que corresponde à da Praia Vermelha, aqui no Rio, por estar ali o asilo dos loucos, como até pouco tempo esteve na Praia Vermelha, o nosocômio dos alienados.

Zeferino Galvão, desejando tomar um bonde na rua da Imperatriz, estava já desesperado, pois todos passavam superlotados. Súbito, apontou, um, à altura da ponte da Boa Vista, que, pelas aparências vinha quase vazio. Ao aproximar-se o veículo, viu o escritor que era da Tamarineira. Olhando para o seu companheiro de passeio, disse, apontando para o bonde: "O único que devia ir cheio".

★

OS ÚLTIMOS VERSOS DE QUINTINO CUNHA

Quintino Cunha sempre viveu na mais poética e filosófica pobreza. Talento invulgar, inteligência robusta, cultura polimorfa, sempre se viu preferido em virtude de sua natureza indomável. Morreu pobre. Antes de fechar os olhos para sempre, pronunciou estes versos que foram recolhidos por parentes seus:

O Padre Eterno, segundo
Refere a História Sagrada,
Tirou o Mundo do Nada,
E eu nada tirei do mundo...

★

O DESEMBARGADOR POETA

O dr. José Menezes Júnior é um alagoano de grande talento, exímio versificador e... boêmio da velha classe. Acha-se hoje em S. Luiz do Maranhão onde desempenha com proficiência e retidão o cargo de Desembargador do Tribunal do Estado. Mas não esquece as Musas, estando a sair seu livro de versos, "Albatroz", em cujas páginas aparecerá um dos mais famosos sonetos de nossa língua, "O Sapo", cuja filosofia vai fazer muita criatura ter vergonha de ser gente...

★

LINGUA LATINA

O prof. Paulo Ronai, húngaro de nascimento, mas que, há muitos anos reside no Brasil, onde conquistou fama literária com a edição brasileira da "Comédia Humana", de Balzac, é um poliglota de primeira grandeza, conhecendo, dentre vários idiomas, o latim. Diante do êxito que alcançou com seus métodos para o ensino dessa língua, entre a mocidade brasileira, volta agora o mestre a editar duas obras desse gênero, intituladas "Gradus Primus" e "Gradus Quartus".

★

MINAS GERAIS, AS LETRAS E AS ARTES

Milton Campos, governador do Estado de Minas, sancionou, em fins de novembro último, uma lei que concede prêmios como estímulo à cultura, às artes e às letras mineiras.

Em seu art.º I, diz o decreto: "O Governo instituirá, anualmente, três prêmios, indivisíveis, de vinte mil cruzeiros, destinados a estimular a cultura das artes e letras mineiras". Os prêmios serão dados ao autor do melhor livro de versos e de prosa, ao melhor compositor e intérprete musical, e ao autor do melhor quadro, trabalho de escultura ou obra arquitetônica.

★

CURIOSO INQUÉRITO

Um jornalista do Rio, escandalizado com o exíguo movimento literário da própria Capital Federal saiu a campo e andou indagando de gregos e troianos o que se lia, chegando a este resultado, depois de ouvir umas trezenas pessoas: 19% dos consultados têm livros comprados; 33% têm livros emprestados, e os restantes 48% não chegam a ler um livro por mês. Isso se passa no Rio de Janeiro, capital da República, com dois milhões de habitantes...

★

CONCURSO DE CONTOS

O sr. Negrão de Lima, prefeito de Belo Horizonte, não é somente um engenheiro que vive debruçado sobre os problemas da administração de sua bela capital. E' ainda um estimulador das letras, um incentivador dos novos. Por esse motivo instituiu em Belo Horizonte um concurso mensal de contos literários, com vários prêmios, no total

de 2 mil cruzeiros, além de um maior no fim do ano, de cinco mil cruzeiros.

A PROPÓSITO DE PLÁGIOS

Há tempos houve quem quisesse descobrir plágio neste verso de Basílio da Gama, considerado como o mais belo de nossa língua: "Tanto era bela no seu rosto a morte", comparando-o com este de Petrarca: "Morte bela pareia seu bel viso".

Melra Pena, entretanto, num dos capítulos de sua interessante obra "O Mundo Anodótico", deu um balanço geral a respeito de plágios e plagiadores, desfazendo o palpite e mostrando que o famoso verso de Basílio da Gama continua impoluto.

★

FUNDAÇÃO DA ACADEMIA FRANCESA

Sete intelectuais se reuniam em casa do escritor Conrat, em Paris e conversavam sobre coisas da inteligência, da poesia e da literatura. Isso se passava em 1633 e tantos. Até aí, nenhuma idéia da Academia. Coube ao cardeal Richelieu lembrar sua fundação, o que se realizou em 1635, com cartas de autorização de Luís XIII. A vida da Aca-

(Continua na pág. 52)

★

CARTAS DE MARCEL PROUST



Marcel Proust, fotografia tirada mais ou menos em 1890 e constante do livro "Letters of Marcel Proust"

PARA se estudar, com perfeição, a natureza íntima, o estado de alma de um escritor, é preciso que se conheça sua correspondência íntima. Inteligentemente a literatura epistolar não está muito difundida, e, raramente sai a lume uma obra que trate do assunto. O motivo é óbvio: nem todos os que possuem correspondência de homens de valor mental, científico, político, cultural, concordam em colaborar com os biógrafos no sentido de dar-se publicidade a esses documentos de primeira grandeza para o estudo de intelectuais.

Por vezes, aliás, essa dificuldade vem em favor dos homenageados. Certos selecionadores, ao invés de contribuir para exaltar os biografados, comprometem-nos aos olhos da crítica, como sucedeu há anos com um volume da "Correspondência de Rui Barbosa", dado à estampa na Bahia e compaginado por um seu filho. Esse livro não mereceu do revisor o cuidado que deveria merecer, e saiu elvado de incorreções, erros de grafia, etc., o que não poderia ter sido perpetrado por Rui Barbosa, que sempre teve muito cuidado no escrever, mesmo em se tratando de correspondência particular, entre amigos.

A figura de Marcel Proust, já muito discutida através de obras como "Lembranças de Coisas do Passado", que retratam toda a sua personalidade, o que foi Proust e o que deveria ser, acaba de voltar à baila com o aparecimento de suas "Cartas", por Mina Curtiss.

BROADCAST

DICK FARNEY DE VOLTA!

DICK Farney está novamente entre nós. Através de "Disc Jockey", um bom programa de Louis Serrano, que a Globo transmite, ele fez referências elogiosas à acolhida que os americanos lhe dispensaram; contou novidades da Terra de Uncle Sam e prometeu números bonitos iguais a "Um cantinho e você". Gostamos de ouvi-lo, sabedores do sucesso que alcançou numa das mais importantes emissoras dos Estados Unidos, onde "tuam" figuras de primeiro plano na constelação radiônica de lá. Depois, esse nosso patricio não se apresentou aos radiôfilos americanos como intérprete de sambas e marchas. Nada disso, Farnésio Dutra, este seu nome verdadeiro, foi competir com os valores da terra, cantando o gênero, ou seja, foxes e blues. Sua voz, cheia e bonita, aliada a uma dicção perfeita, valeu-lhe a conquista do mercado, convergindo para sua pessoa, o interesse dos rádio-ouvintes de lá. E, diga-se de passagem, Dick Farney cantou em programas em que participam, entre outros, Frank Sinatra e Bing Crosby.

Aqui voltamos a repetir o que já dissemos quando da chegada desse querido astro em 1948:



Nada menos de seis meses, eis os contratos de Gregório Barrios que, presentemente, se acha contratado pela Rádio Nacional. E' ele o intérprete de "Venganza", o disco mais vendido no momento

RÁDIO-FLASHES

AI VEM GREGORIO BARRIOS

Foi realmente feliz, a contratação de Gregorio Barrios para uma temporada no Brasil, agora. Feliz e oportuna. E' que o simpático cantor de melodias centro-americanas conseguiu, através de seus discos, arregimentar uma legião de ardorosos fans, entre nós. Basta dizer, para comprovar nossa assertiva, que as gravações mais vendidas e tocadas nos programas genéricos, são suas, conforme atestam pesquisas recentes.

Entre elas, figuram, nos primeiros lugares, as composições: "No, no y no", "Luna lunera", "Venganza", "Final", além de "Mujer", "Dos almas", "Palabras de mujer", e "Lo Abandonado".

Diante de tais êxitos, não existe dúvida sobre a grande popularidade do cantor catalão — e não argentino, como a maioria acredita. Por isso, sua atual temporada na Cidade Maravilhosa, em que participa dos programas da Rádio Nacional e dos "shows" do "Night and Day" — foi projetada com inteligência e critério, ganhando, assim, tanto o público que o aplaude, como o próprio artista.

Tendo chegado da Argentina, onde recebeu encomiásticas referências da crítica, por sua atuação no sem fio e nas luxuosas "boites" locais — Gregorio Barrios é, a rigor, um "cantor andarilho", levando sua voz e sua arte a quase todos os países do continente americano. Sempre chamado para contratos vantajosos,

difficilmente fecha um, antes de seis meses, no mínimo.

— "No Brasil — confessa ele — sinto-me como em casa, pois aqui tudo é bom — o seu povo e a sua natureza. Oxalá as minhas mensagens musicais agradem a todos."

NOVAMENTE HELIO TYS

Neste momento em que tanto se discute a situação da Rádio Mayrink Veiga, Helio Tys apresenta-nos "Poderia ter sido assim...". Cartaz sem grandes pretensões, uma vez que nada foi feito em matéria de publicidade, nem por isso ele deixa de agradar a todos os paladares. Explorando casos curiosos de nossa história, essa nova apresentação mayrinkiana, reúne os elementos do cast de teatro cego, sob a direção de Mancel Braga, cabendo a André Rosito as versões musicais, enquanto a orquestra, sob a batuta do maestro Alceu Bocchino, encarrega-se do restante. Participam, ainda, desse cartaz, os locutores Souza Filho e Maria Helena.

Curioso, que no primeiro "Poderia ter sido assim...", Helio Tys explorou a descoberta do Brasil, conduzindo-a para um sentido pitoresco, em que a giria carioca não faltou.

RÁDIO-FLASHES

Nestor de Holanda, exclusivo da PRE-8, acaba de lançar "Quem é mais inteligente?", programa que reúne Manoel Barcelos e Ligia Sarmento. Como seu próprio título o indica, trata-se de uma atração destinada a verificar qual o mais inteligente, se o homem ou a mulher. ★ Finalmente, está entre nós a cantora Ana Maria Gonzalez que, conforme já anunciamos, levará a efeito uma temporada ao microfone da Nacional. A famosa estrela participará, ainda, dos "shows" de uma "boite". ★ Anna Marly, cognominada "a cantora da resistência", embora brilhando na "boite" Monte Carlo, continua afastada das lides radiônicas. Não haverá ninguém interessado no curso dessa apreciada intérprete das melodias gaulezas? ★ Silvino Neto voltou ao teatro, assinando contrato com a companhia que irá ocupar o Carlos Gomes. Desse jeito, o conhecido humorista não perde tempo, dividindo seus afazeres entre o microfone e o palco. ★ David Nasser levou a melhor, sendo absolvido pelo júri. Isto não impediu que Osvaldo Santiago, através de matéria paga, viesse insultar aqueles que absolveram o popular compositor e jornalista. ★ Zezé Fonseca movimentou-se para conseguir um teatro, a fim de apresentar a sua companhia. A inteligente estrela de nosso "broadcasting", ao que tudo indica, estreará no Ginástico, tão logo termine a temporada que ali se realiza. ★ Iara Sales, aproveitando o período carnavalesco e a interrupção nas viagens do "Trem da Alegria", foi descansar os "ossos" em Buenos Aires. ★ A propósito do "Trem da Ale-

gia", temos a informar que Heber de Boscoli desistiu de levá-lo para a Continental, renovando seu contrato com a Rádio Globo. Dessa maneira, no próximo dia 23 de abril, o trenzinho voltará a trafegar, saindo da plataforma do Carlos Gomes. ★ Tal como vem acontecendo nos anos anteriores, o compositor Ari Monteiro acaba de entregar ao cantor Carlos Galhardo, sua mais recente produção para comemorar a festa de S. Jorge. Intitula-se "Cavaleiro de Cristo".

A. MIGUEIS.

RADIO-LITERATURA

Silvio Moreaux, figura bastante conhecida nos círculos radiofônicos, através da colaboração que vem prestando aos bons empreendimentos de nosso "broadcasting", volta a aparecer em livro. Trata-se de um volume de versos, a que o festejado radialista intitulou de "Flôr da Madrugada". No volume em apreço, cuja feição gráfica é das melhores, encontra-se à página sessenta e três "Bacurau", trabalho consagrado em diversos países sul-americanos, graças a divulgação que do mesmo têm feito diversas declamadoras de renome, entre as quais figura a nossa patricia Margarida Lopes de Almeida.

Ainda, a respeito de Silvio Moreaux, temos a informar sua participação na programação recém-lançada pela Roquete Pinto. Ele colabora com uma atração musical, em que nos revela a biografia e a obra dos grandes músicos. Apesar da curta duração desse cartaz, pois não vai além de quinze minutos, ela merece ser ouvida pelos apreciadores do gênero.



Anastácia, inconfundível personagem de Monteiro Lobato, encontrou em Graziela Ramalho, sua verdadeira intérprete no palco



RIO
(Samba)

Ari Barroso

Rio, barulho de rodas rangendo
Barulho de gente correndo
Que vai p'ro trabalho e é feliz
Rio, barulho de rodas rangendo
Rio... batida de bombo e pandeiro
Batuque do bom no terreiro
Cabrochas gingando seus quadros.
Rio... que conta anedota no bar
Que vai p'ros estádios gritar
Canta samba de improviso.
Rio... Copacabana, feiticeira
Jóia da terra brasileira
Pedaco do paraíso
Bate o tamborim
Bate o omelê é é

Rio de Janeiro (rio, rio)
Céu azul
Verdes montanhas
Um mar de águas verdes
Praias inundadas de sol

P'ra Iaiá-Iaiá
P'ra Ioiô-Ioiô
P'ra Sinhá-Sinhá
e p'ra Sinhô
Terra de amor, de luar, de vida e
[resplendor]

Rio de Janeiro ô ô
Canta, canta cantador.

★

UM SONHO QUE PASSOU
(Samba)

Fernando Martins - Geraldo P. Santos

Quem passa
Perto daquela colina
Há de ver
Uma casa branca e pequenina
Coberta de arbustos
Em completo abandono
Dirá lá consigo
Será que não tem dono

Dono tem
E o dono dela sou eu
Se vive fechada
E' porque o meu amor morreu
Apesar de abandonada
Não vendo, não troco, nem dou
Porque ela é a recordação
D'um sonho que passou.

★

CONCHITA, MARQUITA, LOLITA,
PEPITA, JUANITA, ROSITA
LOPE

Benny Kanter - Noel Victor

Aconteceu quando eu ia pro Sul
Bem na fronteira num rancho
Numa fazenda eu vi seis pequenas
Filhas do gordo Don Pancho,
A todas dei meu coração
Bancando o vaqueiro sultão.

Eu tenho seis amores
E adoro os seis de uma vez,
Conchita, Marquita, Lolita, Pepita,
[Juanita,
Rosita Lopez.

Vou me embora desse rancho.
Eu não volto mais, talvez.
Só regresso se Don Pancho
Deixar-me casar com as seis.



1.º prêmio — Exemplar da raça Boxer. O proprietário, sr. Jaime A. Pustilnic, recebe das mãos do juiz do certame, Mr. Forest N. Hall, da equipe de juizes do "American Kennel Clube", dos Estados Unidos, a taça "Brasil Kennel Club"

A 32.ª EXPOSIÇÃO CANINA

PERANTE numerosa e seleta assistência realizou-se, em princípios deste mês, nos salões do antigo Cassino Atlântico, a 32.ª Exposição Nacional Canina, certame promovido anualmente pelo Brasil Kennel Club, do Rio de Janeiro.

Dentre os proprietários expositores, se encontravam personalidades ilustres, autoridades administrativas, membros das Forças Armadas, e grande número de representantes de nossa mais alta sociedade, procedentes de outros Estados do País.

De acôrdo com as bases estabelecidas pela referida Sociedade para aquela tradicional exposição de cães de criação nacional, foram inscritos cento e trinta animais, das mais variadas raças e "pedigrees".

Para maior facilidade de seleção e julgamento final, foram os cães divididos em grupos, segundo a raça a que pertenciam. Assim, seis grupos de raças foram escolhidos, figurando alguns dos melhores exemplares da criação nacional de Cães-de-caça (sporting), Caça (hound), de Utilidade (working), de Luxo (toy), de Companhia (non-sporting) e Terriers.

Serviram de juizes Mr. e Mrs. Forest N. Hall, do corpo de juizes do "American Kennel Club", dos Estados Unidos, tendo sido instituído, pela congênera brasileira, dez prêmios aos vencedores, consoante o critério de seleção adotado pelos organizadores do certame.

Perante os juizes, desfilaram os cães selecionados para o primeiro grupo — Caça (sporting), lindos exemplares das raças Cocker Spaniel, Irish Red Setter e English Setter, tendo sido escolhido como vencedor deste grupo a fêmea Red Setter, "Lupi de Shangri-Lá", nascida em janeiro de 1946, de propriedade do criador Eduardo C. May.

Dentre os componentes do 2.º grupo (hounds), em que figuraram representantes Afghan Hound, Dachshound e Greyhound, foi vencedor um exemplar desta última raça, "Tigre de Água Branca", macho, nascido em fevereiro de 46, pertencente ao sr. Gladstone D. Dart.

O vencedor do 3.º grupo (Cães de Utilidade — working) foi a fêmea Boxer "Ifá da Zita", nascida em outubro de 47, de propriedade do sr. Jaime A. Pustilnic — depois de convenientemente julgados muitos representantes das raças Bull-Mastiff, Pastor Alemão, Collie, Foberman e Dinamarquês.

A campeã de 1948, "Roman Foggyfurze Miranda", da raça Bedlington Terrier, de propriedade do sr. L. Salazar Requeira, foi classificada em primeiro, para os do 4.º grupo em que figuraram Fox Terriers, de pelo liso, pelo de arame e Bull Terriers.

"Sir Rex of White Gourt", da raça miniatura Pinscher, nascido em março de 46, conquistou o primeiro lugar para os do 4.º grupo (Cães de Luxo — toys), sendo seu proprietário o sr. Luiz Hermann Filho. Desfilaram lindos representantes de Toy Manchester Terrier, Greyhound italiano e Pequês.

O vencedor do 6.º e último grupo (Cães de companhia — non-working), foi "Sheriff de St. Germain", da raça Poodle, nascido em dezembro de 44, do sr. Paulo Gallienne.

Em obediência ao regulamento do certame, selecionados os melhores de cada grupo, foi então escolhido pelos juizes, o "Melhor Cão da Exposição" — tendo essa es-

colha recaído em "Ifá da Zita", da raça Boxer, vencedora do 3.º grupo, cujo proprietário, sr. Jaime Pustilnic, recebeu das mãos do juiz Forest N. Hall a taça "Brasil Kennel Club".

O prêmio reservado ao "Melhor Cão de Criação Nacional", coube ainda à "Ifá da Zita".

A taça reservada à "Melhor Dupla", coube ao sr. L. Salazar Requeira, assim como à "Melhor equipe", com seus dois interessantes exemplares da raça Bedlington Terrier.



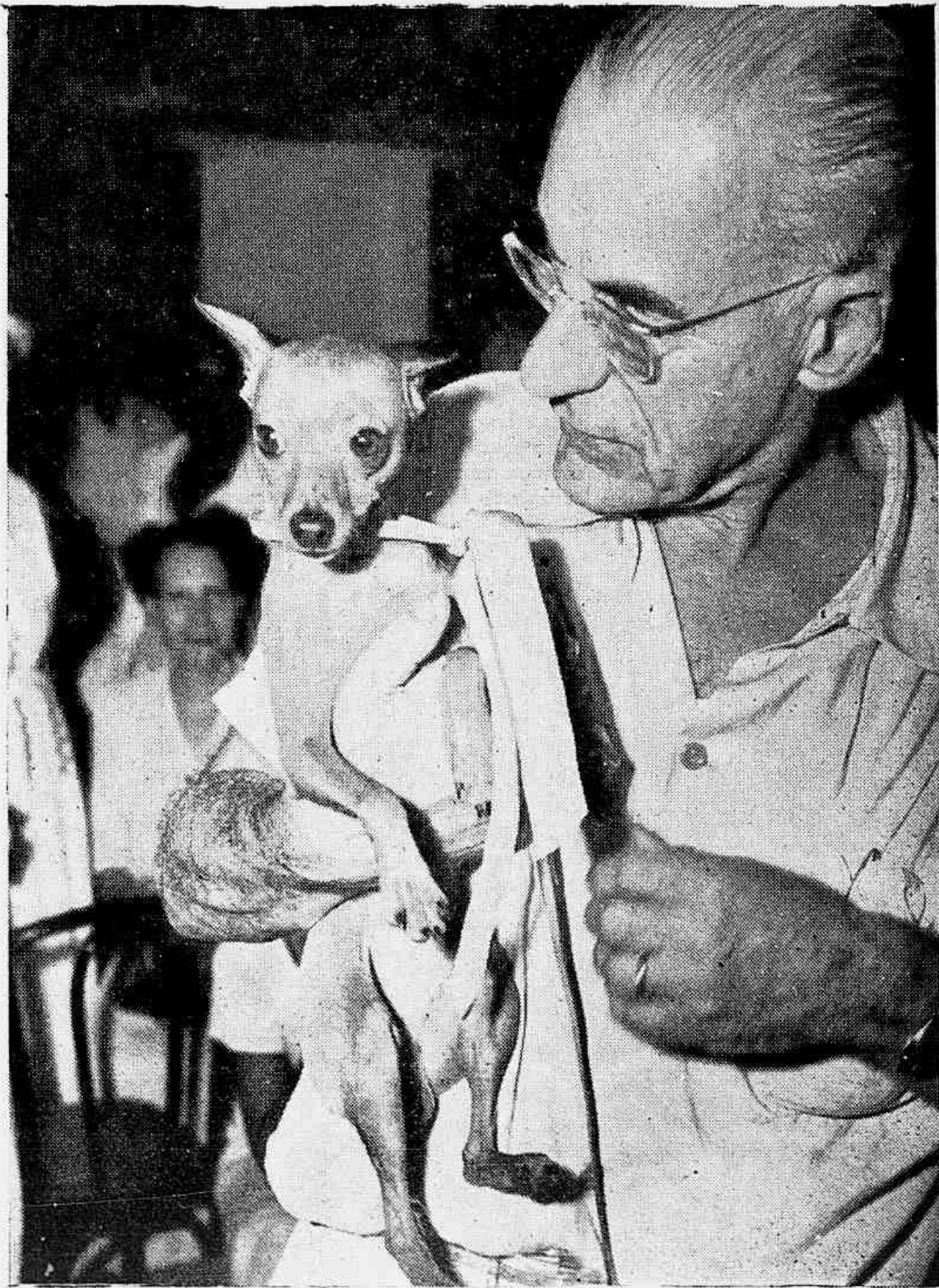
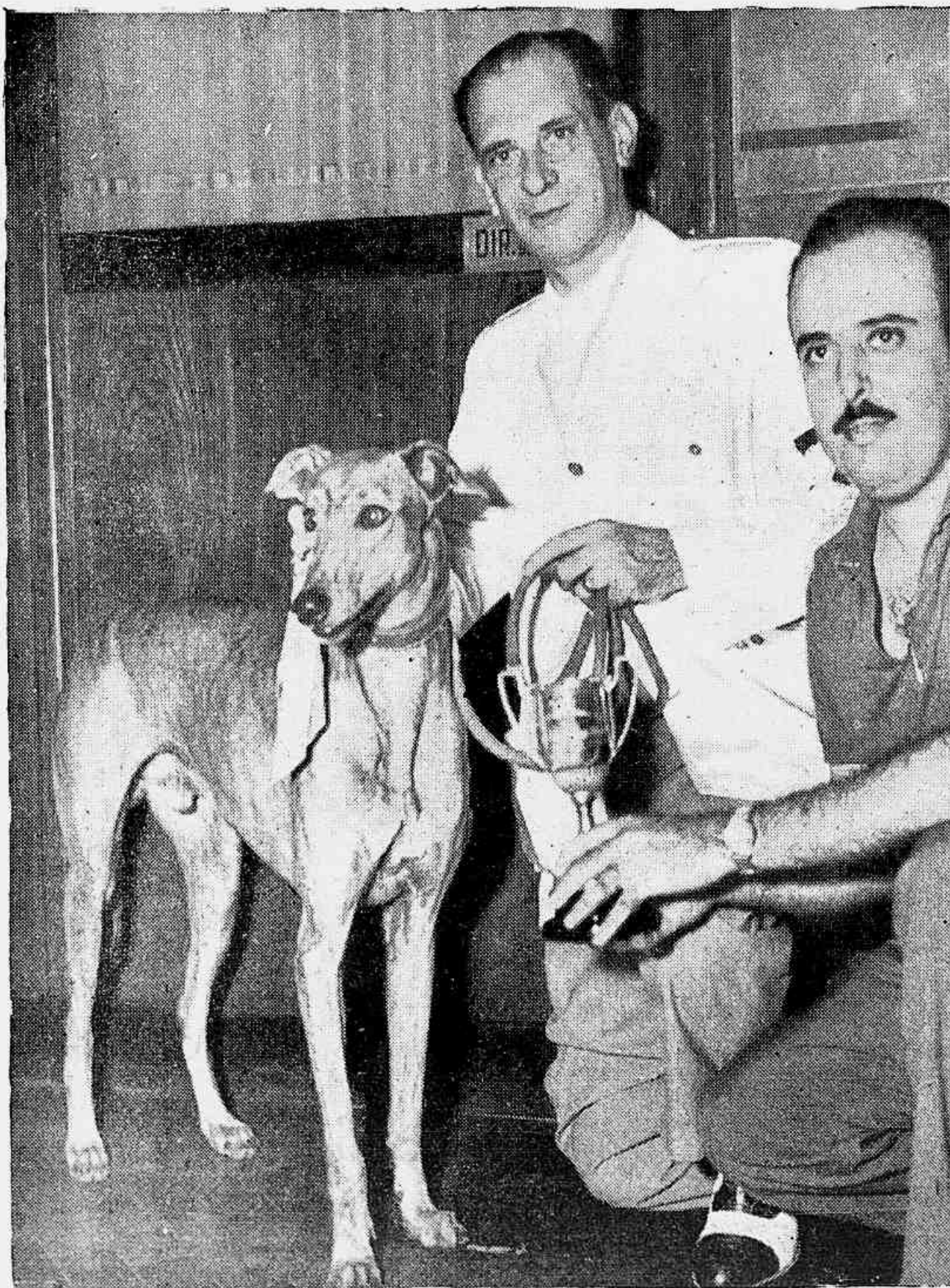
O melhor Cão-de-caça (sporting) — "Lupi de Shangri-Lá", do sr. Eduardo G. May. Na exposição do ano passado, "Lupi", além de conquistar igual prêmio, foi classificada como o "Melhor Cão de Criação Nacional"



Um "close-up" de vencedora — "Ifá da Zita", considerada como o "Melhor cão da Exposição" e "Melhor Cão de Criação Nacional"



Em cima, à esquerda: O melhor da Raça Terrier — "Roman Foggyfurze Miranda", do sr. L. Salazar Regueira — fêmea "Bedlington Terrier". A direita: O melhor Cão-de-companhia — "Sheriff de St. Germain", da raça Poodle, de propriedade da sra. Paulo Galienne. Em baixo, na mesma ordem: O melhor Cão-de-caça (hound) — "Tigre de Águia Branca", da raça Greyhound, do sr. Gladstone Bandeira Dart. O melhor Cão de Luxo — "Sir Rex of White Court", da raça Miniatura Pinscher, do conhecido Industrial Luiz Hermann Filho



LAVOISIER destruiu a bênção do gênio e sofreu a maldição da riqueza. O gênio levou-o à glória; a riqueza trouxe-lhe a morte. Seus antepassados tinham-se erguido "do pó às estrelas". O trisavô era postilhão das cavalaria reais. O pai foi advogado junto ao Parlamento de França.

Como seu pai, Antoine preparou-se para seguir a advocacia. Seu interesse, no entanto, dirigia-se para outro terreno. Preferia a investigação aos litígios forenses. Andava tão absorvido nos experimentos científicos, que já nos tempos de estudante se apartava dos "frívolos passeios" da sociedade. Furtava-se às obrigações sociais alegando saúde precária. E essa alegação não era inteiramente sem base. Lavoisier sofria de dispepsia crônica e passou vários meses alimentando-se exclusivamente de leite. Os amigos aconselharam-no a trabalhar menos e fazer mais exercício. "Um ano de vida na terra", observou um deles, "é melhor que cem anos nos livros de história".

Lavoisier consentiu em permanecer mais algum tempo na terra. Aceitou uma proposta que lhe permitia combinar o exercício com o trabalho. O famoso geólogo Jean Guettard solicitara-lhe a cooperação no preparo de um atlas mineralógico da França. Era uma oportunidade para viajar, e Lavoisier aproveitou-a.

Partiu em companhia de Guettard para os Montes Vosges no verão de 1767. Tinha cinquenta luíses (cerca de 225 dólares) no bolso, um bom cavalo entre os joelhos, o seu fiel criado Joseph a seu lado, o maior cientista francês como mestre, e o mundo inteiro por campo de ação. Foi com grande otimismo que empreendeu a sua primeira aventura nos caminhos encantados da ciência.

Também o seu mestre se achava em ótima disposição — um estado de espírito assaz raro em Guettard. Esse geólogo era duro como uma rocha e mordente como o vento norte. Andava sempre de cara fechada por causa das "patifarias" dos seus semelhantes. Certa ocasião um candidato à Academia foi agradecer o seu apóio. "Não me agradeça", requingou o velho geólogo. "Eu votei na sua inteligência, não no senhor".

Mas para com o seu jovem colaborador o assomado cientista mostrava a ternura severa de um pai. "Lavoisier", dizia, "tem inteligência e caráter". E o caráter refinado mas supersensitivo de Lavoisier era reconhecido à terna simpatia, misturada à ocasional severidade, de seu mestre. Desde a infância, sempre fora ansiosamente protegido contra as arestas do mundo. Sua tia — Lavoisier perdera a mãe em criança — quisera criá-lo como um vaso, raro e precioso, de frágil porcelana. Mesmo agora que o moço contava vinte e quatro anos, ela seguia com o coração inquieto a sua viagem pelas "montanhas e minas da França". "Não deixe de mandar notícias frequentemente", escreveu ela em uma das suas cartas diárias. "Eu espero o carteiro como um Messias... Temo pela sua saúde... o calor sufocante... os perigosos abismos... as florestas pantanosas... as feras... Seja ainda mais cuidadoso do que me prometeu... e não se esqueça da contínua ansiedade de seus amigos".

Era um alívio ter escapado dessas mãos trêmulas para junto de um homem que o admirava mas não estava disposto a mimá-lo. Guettard enrijou o espírito e os músculos de seu jovem pupilo. A tia de Lavoisier ficaria horrorizada se soubesse como era árduo o trabalho que o sobrinho realizava diariamente. Levantar-se com o sol para verificar o termômetro e o barômetro, registrar a natureza do solo e a configuração do terreno, visitar as minas, fundições e pedreiras, analisar a água de rios e lagos, reunir e classificar os diversos espécimes de plantas e minerais, e finalmente compilar no caderno de notas os resultados das investigações — tais eram as multiformes atividades da sua vida cotidiana. Regressando da viagem a altas horas de uma noite de outubro, não se esqueceu de anotar as observações barométricas antes de entregar o corpo fatigado aos confortos de uma cama. "Este rapaz maluco vai matar-se de tanto trabalho", gemeu a tia.

Mas, em vez de matar-se de tanto trabalho, Lavoisier até ganhou com isso. Voltou a Paris cheio de energia, confiança e tenacidade. Apresentou a sua candidatura à Academia e, com alguma surpresa — pois contava apenas vinte e cinco anos então — viu-se eleito.

A VIDA DE LAVOISIER

(ANTOINE LAURENT LAVOISIER — 1743-1794)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre)



LAVOISIER

Era uma honra tremenda, mas depunha tremendas obrigações sobre os seus ombros. Só, ou em colaboração com outros membros da Academia, era encarregado de preparar relatórios científicos sobre os mais variados assuntos práticos e teóricos — o magnetismo animal, o peso específico, a adulteração da cidra, o abastecimento de água da cidade, a teoria das cores, a extração de óleo das sementes de couve, a manufatura do amido, a destilação do fêforo, a decomposição do salitre, a armazenagem de água fresca nos navios veleiros, a eliminação das manchas dos tecidos de seda e lã, a extração de ouro das cinzas das plantas, a natureza e temperatura da lava, a remoção dos cheiros desagradáveis dos esgotos parisienses, a manufatura do açúcar, a transformação da turfa em carvão, a respiração dos insetos, a ferrugem, a composição da pólvora para fogos de artifício, e centenas de outros assuntos semelhantes que interessavam o mundo científico do seu tempo.

Essas atividades bastariam para tomar todo o tempo de uma pessoa. No entanto constituíam apenas uma parte das ocupações de Lavoisier. Este se associara à Ferme, companhia de financistas que cobravam os impostos do povo e pagavam uma quantia fixa ao governo. A Ferme, como todos os outros negócios, era um jogo de azar. Mas era tida como um jogo bastante seguro. Havia muito maiores probabilidades de lucro que de prejuízo. Sempre era possível arrancar ao povo uma quantia consideravelmente superior à exigida anualmente pelo governo. Lavoisier entrou nessa companhia de financistas porque precisava de mais dinheiro — não para si, mas para a realização de experiências científicas, pois entre as suas caracte-

terísticas não se contava a ganância pessoal. Mas era um negócio pouco simpático — um jogo em que ele estava destinado a ganhar dinheiro e perder a vida.

★

No curso de suas atividades como coletor de impostos, Lavoisier conheceu e desposou Marie Anne Pierrette, moça de catorze anos, filha do **Fermier-Général** Jacques Paulze. Este casamento veio trazer mais um belo dote ao já confortável ninho de Lavoisier. E — uma vez que não há melhor fórmula para alcançar o êxito que um espírito empreendedor combinado com o apóio de amigos influentes — o jovem cientista e financista induziu o sogro a conseguir-lhe outro cargo. Tinha agora os postos de **Académicien**, **Fermier** e **Régisseur des Poudres** (Diretor do Arsenal).

Mas essa tripla responsabilidade não o impedia de prosseguir conscienciosa e regularmente os seus experimentos particulares. Reservava-lhes seis horas diárias — das seis às nove da manhã e das sete às dez da noite. Instalara um laboratório no Arsenal, e ali recebia muitos dos homens mais eminentes no mundo científico — Priestley, Blagden, Young, Watt, Tennant e Franklin, para só mencionar alguns. Equipou o seu laboratório com os últimos e mais dispendiosos aparelhos. E contratou como auxiliares a alguns entre os mais brilhantes — e mais necessitados — cientistas jovens da época. O custeio desse "instituto de experimentação" consumia-lhe a maior parte da fortuna. E dele veio a base de uma ciência que revolucionou a vida do mundo. Pois foi Lavoisier que converteu as névoas da alquimia na clara luz solar da química.

Quando Lavoisier deu início às experiências no Arsenal, o pensamento químico do mundo permanecia ainda envolto nas tralhas medievais. A química era considerada apenas como a criada de quarto da medicina. E uma criada bastante inepta, por sinal. Em 19 de junho de 1739, uma "química" britânica chamada Mrs. Joanna Stephens recebeu da **London Gazette** o prêmio de £ 5000 pela publicação de um "remédio científico" que "curou o Primeiro Ministro Mr. Walpole, o qual vinha sofrendo de cálculos". Esse remédio era uma pilula composta, em parte, dos seguintes ingredientes: "Casca de Ovo e Caracóis, um Sabão, Agrão, Sementes de Bardana e Mel".

Outros químicos, mais metódicos nas suas pesquisas mas igualmente desprovidos de espírito científico em suas conclusões, realizavam experiências com que "demonstravam" que "um elemento pode ser transmutado em outro". Um dos maiores cientistas do século XVII, Johann van Helmont, descreveu um "processo" que o habilitava a "transformar" a água em madeira. "Tomei de um Vaso de Barro, em que pus 200 libras de Terra... que umedei com Água da Chuva e ali enterrei o Caule de um Salgueiro que pesava cinco libras; por fim, tendo decorrido cinco anos, a Árvore... pesava 169 libras e cerca de três onças... Sempre umedei o Vaso de Barro com Água da Chuva... Por fim tornei a pesar a Terra do Vaso e encontrei as mesmas duzentas libras, faltando-lhe cerca de duas onças. Portanto, 164 libras de Madeira, Cortiça e Raízes originavam-se exclusivamente da Água". Antes dessa experiência, van Helmont havia transformado madeira em cinzas e gás (térmo que ele foi o primeiro a usar). Logo, raciocinava o ingênuo cientista, a água, a madeira, as cinzas e o gás eram um mesmo elemento.

Outros químicos "demonstraram" que a água pode ser transformada em terra. Tinha observado que quando a água se evaporava num vaso hermeticamente fechado para impedir a entrada de pó da atmosfera, ficava no fundo do vaso um resíduo de terra. "Logo, a terra provém da água".

Foi esta asserção que levou o sábio francês a realizar uma das suas primeiras descobertas importantes. Desde a viagem com Guettard, Lavoisier se interessava pela densidade e a natureza da água. Encetou agora uma série de experiências a fim de determinar se o resíduo de terra encontrado depois da evaporação da água provinha da decomposição desta ou da erosão do interior do vaso. Seu lema científico era não confiar em especulações, e basear-se unicamente em fatos. **Je veux parler des faits.** E os fatos que descobriu como resultado de suas repetidas experiências provavam decisivamente que o resíduo de terra deixado pela evaporação da água provinha do vaso, e não da água. Pois em todas as experiências cuidadosamente realizadas com água pura, o vaso sofrera uma perda de peso igual ao peso da terra que ficava depois de evaporada a água. "A água é, portanto, inalterável", concluiu que era a derrota definitiva da alquimia, com suas teorias de "transmutação da água em terra, da terra em ferro, e do ferro em ouro".

Mas isto foi apenas o princípio dos seus experimentos. Lavoisier passou a mostrar que as plantas não são simplesmente "quantidades de água transformadas em quantidades de terra", mas que são compostas de várias substâncias derivadas da água, da terra e do ar em que vivem e de que se nutrem.

O passo que deu a seguir foi a descoberta da natureza de algumas dessas substâncias. Interessava-se particularmente pela composição do ar. Alguns cientistas, inclusive van Helmont e Joseph Priestley, já haviam observado que existiam diferentes "espécies" de ar — isto é, diferentes gases. Restava a Lavoisier o anunciar (em 1777) que o ar se compõe de "dois fluidos elásticos, um respirável e outro venenoso". Ao fluido respirável, ou **vital**, aplicou pela primeira vez o termo **oxigênio** (das palavras gregas **oxys**, ácido e **gennan**, gerar). E também pela primeira vez definiu o termo químico **elemento** — Lavoisier dava-lhe o nome de princípio — como "uma substância que a análise química não pode reduzir a substâncias mais simples".

Ali estava, pois, a pedra fundamental de toda a estrutura da química moderna.

(Continua na pág. 48)



NOS BASTIDORES FEMININOS

AMABILIDADE EXCESSIVA

Existem pessoas que têm a preocupação de parecerem amáveis e gentis e, para isso se esforçam tremendamente, sem que, no entanto, consigam iludir a um observador menos apressado. Não que isto constitua defeito grave, não. Deveria até ser classificado entre as coisas consideradas como "virtudes", porque, realmente, ser amável é uma grande virtude.

Porém, quando essa amabilidade passa dos limites normais, quando é estudada e forçada, torna-se desagradável e por vezes impertinente. A pessoa que assim age, em geral não tem uma exata medida das suas atitudes e das suas palavras, atingindo, não raro, o ridículo. Uma amabilidade excessiva não justificada, leva muitas vezes o "homenageado", quando este é inteligente, a uma posição falsa que em nada o beneficia.

Há ocasiões em que essa amabilidade é ditada pelo in-

Gloria Grahame, da RKO, sugere para mocinhas, este vestido de festas em renda branca e "tulle".

teresse cascos em que se torna ainda mais ridícula. Outras pessoas ainda existem, que são amáveis porque querem que todos as julgem assim, querem de qualquer forma, causar uma boa impressão e se desfazem em amabilidades com quem quer que seja. Tudo isso é muito fútil, pois, não raro, o "jogo" é descoberto e a sua insinceridade

se torna notória; daí perderem o seu tempo sem conseguirem atingir o resultado desejado.

..O ideal seria um meio-térmo; nem muita secura, nem muita amabilidade, pelo menos amabilidade insincera.

Há uma verdadeira arte de ser amável. Existem criaturas que pouco dizem que quase nada fazem mas que nos deixam uma impressão profunda, um encantamento que nos faz exclamar: "Como é amável!" Outras, no entanto, as que já nos aludimos, por muito que se esforcem, nada conseguem. É que lhes falta naturalidade, trato e finura; é que confundem, muitas vezes, servilismo com amabilidade, é que lhes falta também sinceridade, é que se lhes percebe claramente a intenção de conseguir para si um "público" que os consagre com os "reis da amabilidade". Infelizmente, para eles, há ainda muita gente inteligente neste mundo...

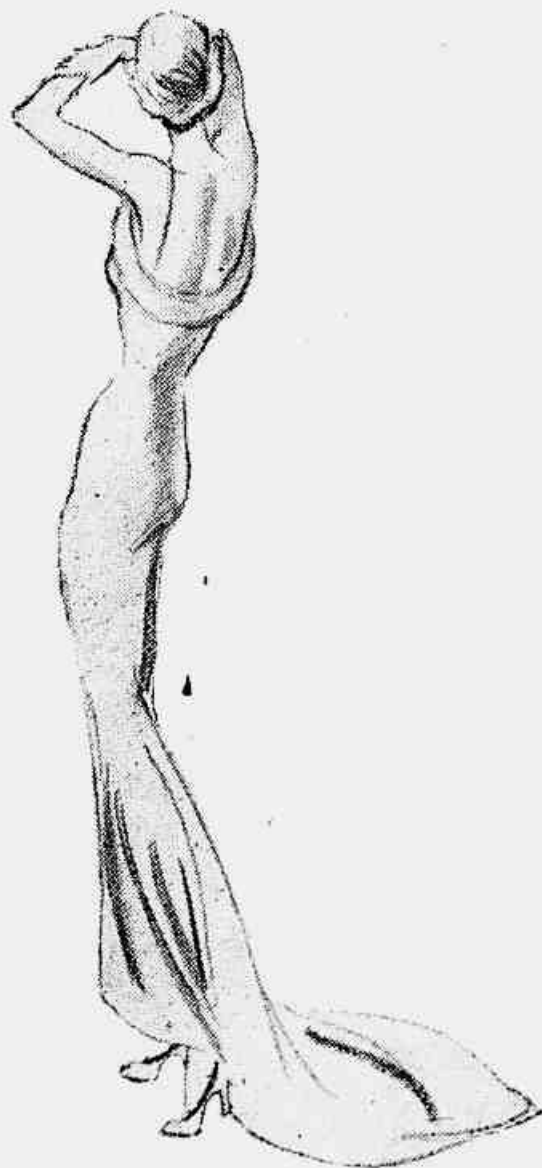
A “

Linha JUSTA”

N OS modelos para a noite, a “linha” atinge os extremos: ou é larga, muito ampla, ou justíssima, modelando o corpo e abrindo em baixo para facilitar o andar. São da “linha justa” os modelos aqui apresentados:

A esquerda: Pierre Balmain com um modelo em jersey preto, mais curto na frente, terminando atrás com pequena cauda. Corpete justo, enfeitado com gaze azul claro

No canto esquerdo da página: Em jersey preto, muito justo, marcando muito as linhas do corpo. Pequena cauda. Babado enviezado acompanha o decote. Criação de Pierre Balmain





Ao alto: De Pierre Balmain, modelo elegantíssimo em cetim pérola, muito justo, abrindo-se em baixo em "godet" e formando pequena cauda. Bordado em pérolas na cauda e na "pellerine"

A direita: Em mousseline de seda negra, drapeado em todo o corpo, babado franzido à altura dos joelhos. Criação de Jeanne Lafaurie

No canto da página ao alto: Modelo de Heim, em tafetá preto, muito justo, abotoando na frente. Babado "godet" à altura dos joelhos sobre um outro babado em tafetá listrado preto e branco

Na página ao lado: Jacques Fath lançou, com extraordinário êxito, este modelo com saia de tafetá rosa, enrolada e drapeada, e blusa em "guipure" preta





Um gato no escuro

CONTO DE CLÉA MALHEIROS

CAMINHANDO pela estrada de ferro era perto. Depois da estação já se via a lâmpada vermelha marcando a entrada, sombreando a tabuleta com o gato. Um aviso aos tranquilos que se benziam. Um convite aos infelizes que empurravam a porta.

Lá dentro era fumo. Vício e miséria. Um antro, uma tasca de má fama, a pior da zona. Condenada pelos homens de batina. Porque davam o corpo de Cristo exigiam a alma. Enquanto Salua dava a sua carne e não pedia nada.

Era por Salua que o gato ainda dançava na porta. Recebendo maquinistas com cheiro de querosene e os doentes que a mina sugava em cada manhã. Estavam na mulher profundas raízes de sagrada humanidade. Compreensão de animal sofrido que consola repartindo o seu.

Quem descobriu Salua foi o japonês da plantação. Numa madrugada de garça enfeitando o cabelo com um lírio do vale. O japonês se deslumbrou com a imagem de Salua. Como era menina e morena, cheirando a alecrim.

Foi triste o olhar macio que ele jogou nos ombros nus, tentando agasalhar as asas partidas. Um jeito terno de quem está chorando uma virgem morta.

Depois veio um dia o mulato canção-neiro. Com dente de ouro e chinela de pano. Tirou o violão para cantar Salua, acariciando na madeira as pernas bonitas que dançavam o lundu. Em baixo do lampeão que aprisionou um pedaço do dia, lamentos crioulos vieram chorando canções do sertão. Foi Salua, a perdida, quem fez ressurgir a nostalgia no peito do homem.

Ele trouxe um amigo, o barbeiro da vila. Navalha prestava muitos serviços e ele a usava no cano da bota. Tão breve e ligeiro que nem o gato se mexia para recebê-lo. Uns olhos miúdos, febris de remorso. Avisaram Salua que aquela navalha brilhou uma noite na vingança de macho ofendido. Para que o barbeiro queria Salua ficou um mistério em todo lugar. Dêle Salua não foi porque ele não quis. Estranho sentimento que ninguém explicava. Nem ninguém se importava com os desejos dos outros.

Salua dançava para todos, era de todos que davam. Às vezes também não era preciso dar nada para ter Salua. Bastava um olhar que pedia, um modo quieto de entornar a cachaça e ela emprestava a vida.

Havia carinho no trato dos homens com a perdida Salua.

Quem descobriu a loucura de Salua? Ninguém soube, mas começaram a dizer que ela estava ficando doida. Falando de terra estrangeira, de gente importante que a saudava nas ruas. A voz rouca ficava doce como se ela ninasse uma criança.

Era sempre o japonês quem a ouvia. Os outros não riam, mas não gostavam daquelas invenções. Salua, morena com olhos de pomba, falava na noite para ninguém escutar.

Salua se lembra de uma cidade brilhante, com luzes se equilibrando na beira das calçadas. Um passeio pegando de asfalto e carros deslizando com sons de piano. Era Paris. Não importa que não acreditem, eu sei que era lá porque o ar

tinha brilho de prata molhada e o céu era azul de pedra fresca.

Salua falava de alguém sem nome, de um amor casto e puro, que as bocas de hoje não podiam manchar. Repetia acontecimentos de uma história infeliz. Repare Salua, vestida de chita, está transformada no êxtase da criação.

São pedaços de recordações. Recordações de calçadas coloridas, lavadas de lua. De um mar com quebranto, jogando na praia conchas vazias. Um parque com relógio luminoso marcando uma hora profunda. Ali está Salua, envolvida em amor, tôda leite e camélias, pés ligeiros de menina.

Ao seu lado uma figura de homem, amparo contra ventos e chuvas. Um braço passado na sua cintura, o outro balançando no jôgo do andar. Recordações da presença humana, da companhia perfeita, da renúncia ao louro poeta que primeiro a possuiu.

Lembranças contínuas de caminhadas sem rumo e do velho general que passava a cavalo acenando com o chapéu. Noites de rosas fremindo, de espigas dobradas na boca do vento. A alvorada encontrando-a serena, os braços quados e os olhos de luz.

De repente, Salua soube que ele ia falar.

O ar ficou parado, a luz suspendeu seu piscar, os passos se fizeram interrogações. A nuvem susteve a lua, a roseira seguiu a rosa.

— Eu não posso te ver mais...

A imobilidade suspirou. Os laços se desfizeram e tôdas as verdades retomaram

o seu ritmo. Uma dolorosa pressão empurrou os olhos dela e os puseram, sozinhos, dentro de um mundo recém-criado. Ia descobri-lo vagarosamente, nos sucessivos encontros com as belezas reveladas a todos os desenraizados.

Tão dôce caminhar de mãos dadas ouvindo os lamentos do mar. Tão terno o embalar de onda nos silêncios cheios de som.

— Eu não posso te ver mais...

Não continues, eu quero retirar ainda do que disseste a melodia da tua fala. Abandonar o sentido da palavra, partir o invólucro da significação e alcançar a beleza que permanece nela como a voz do mar dentro da concha.

As frases dêle traziam lembranças antigas. Quedavam-se em Salua, despertavam saudades tristes de outros desejos.

Tantas vezes ela o esperou ali. A florista da esquina trazia nas mãos pedaços de arco-iris perfumados com orvalho. E palmas de sol esticado em fios, tecendo bordados de renda para buquês de noiva. Quando êle chegava, ela o tomava pelo braço e ria de pura felicidade. Esperei tanto tempo por ti!

— Eu não posso te ver mais...

Viu-o partir e pôde ficar parada. Permaneceu assim, sem ânimo para atravessar o parque e voltar ao mundo de sempre, onde os adultos riem e as crianças choram. Onde surgem meninas melancólicas, pedindo esmolas na noite. Onde uma mulher muda esteve encolhida na sombra de seu desespero, a última face perdida no espelho de uma casa.

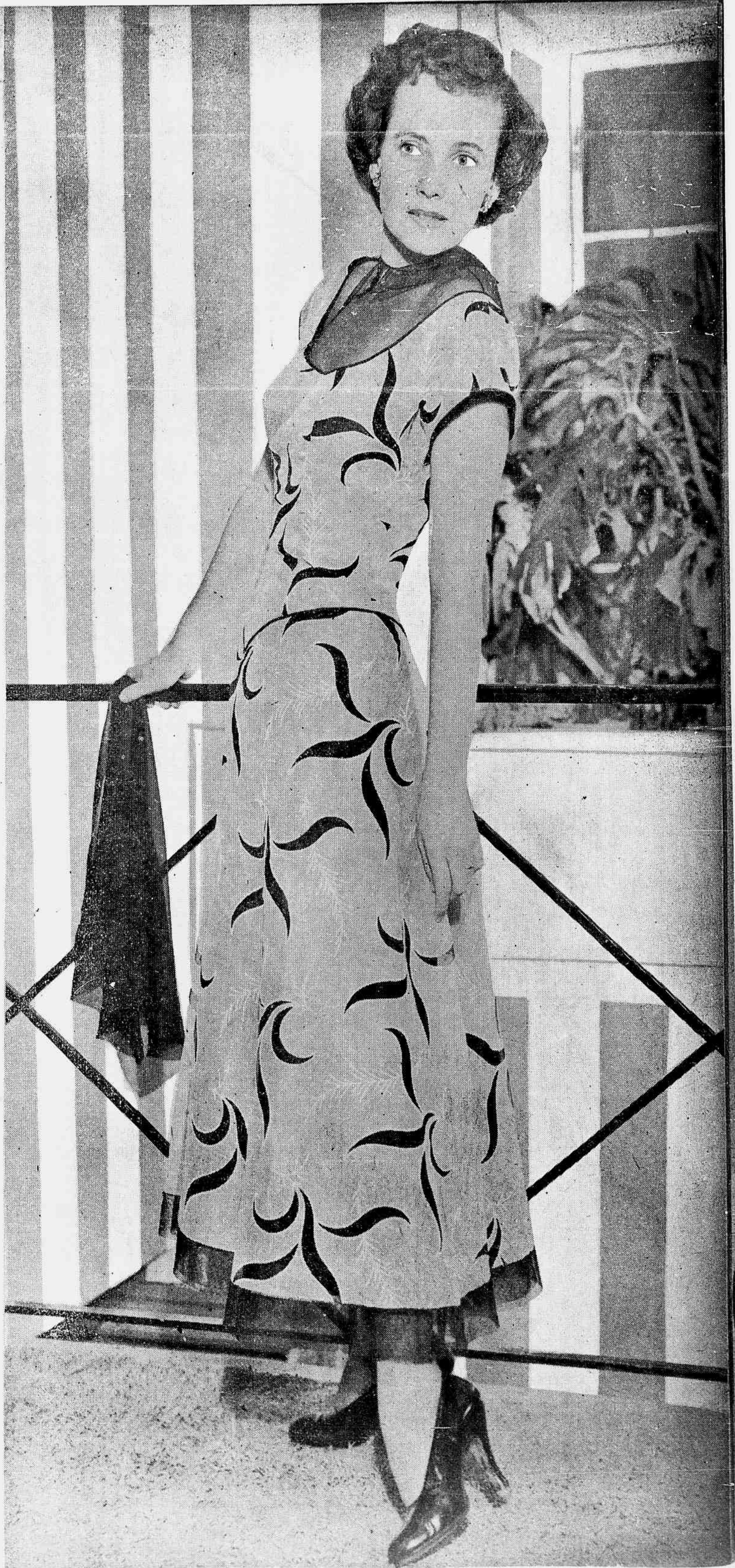
(Continua na pág. 48)

DE HOLLYWOOD

○ ESTAMPADO, reconhecem as "estrelas" de Hollywood, remeça e dá maior vida e alegria à uma "fille". Daí preferem tal tipo de fazenda para os seus vestidos esportivos, "habillés" ou para a noite, como aqui se verifica:



Ao alto: Jayne Meadows, "estrela" de Samuel Goldwyn, escolhe, para se expor ao sol, um modelo de alças, em "chintz" com grandes flores em cores vivas. Fauxade ciré. A direita: E agora, Teresa Wright, da RKO, exibe um modelo para a tarde, cinza com ramagens brancas e folhas pretas, insculpidas, de organdi. Pala e "echarpe" também de organdi preto. A esquerda: E novamente, Jayne Meadows, com um modelo para a noite em seda estampada, abacate e branco, usando uma estola do mesmo tecido



BLUSAS DE SEDA



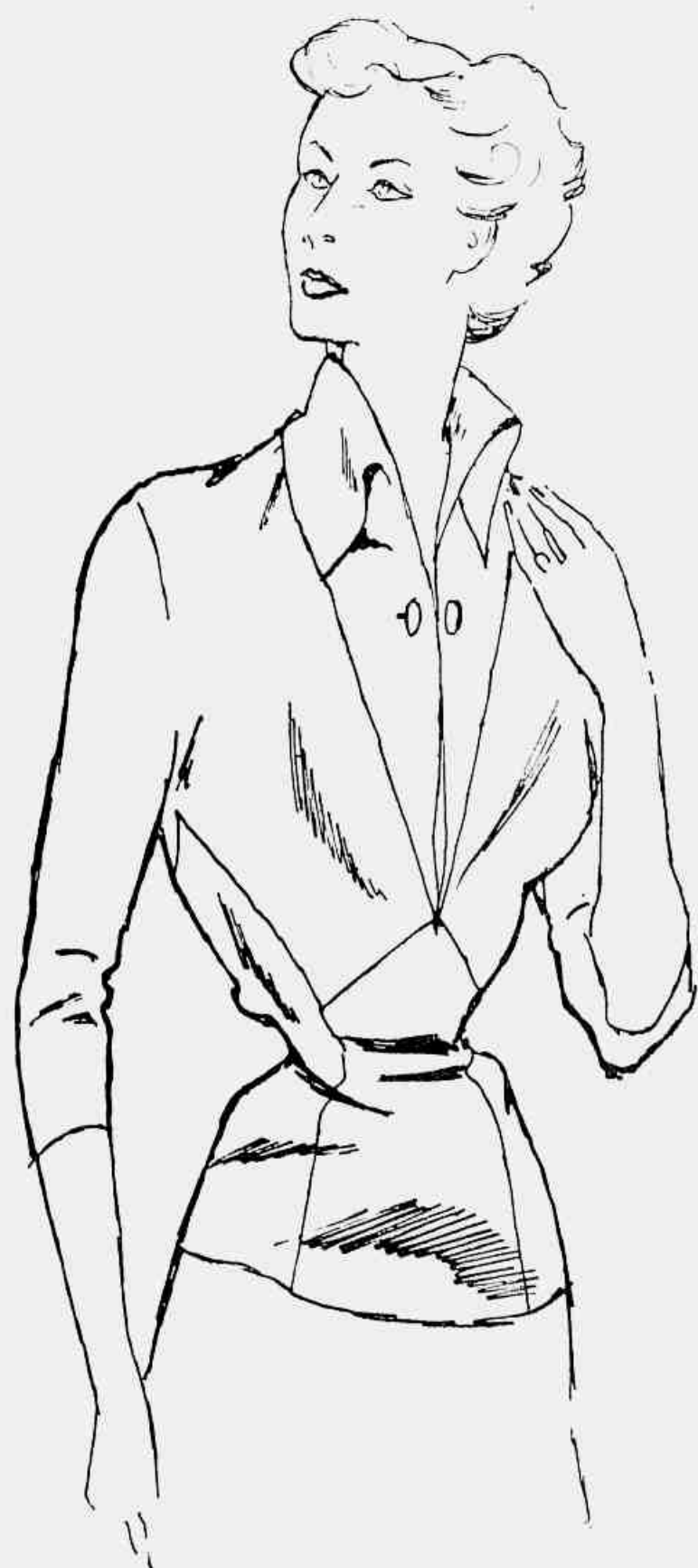
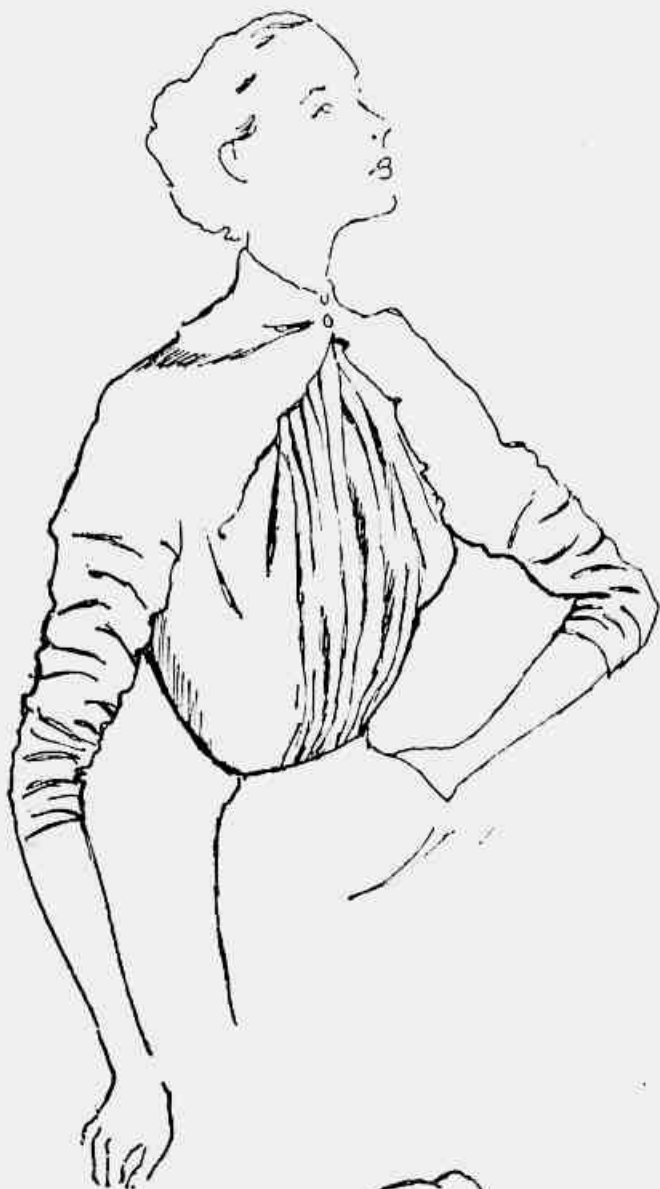
Você, por exemplo, costuma abrir logo os embrulhos contendo os presentes que lhe dão? Ou será que você os deixa, negligentemente para o lado? Mesmo que você não seja curiosa, mesmo que você não se entusiasme com facilidade, deve ter, para com os seus amigos, a atenção de abrir logo o embrulho e mostrar-se sempre agradecida, seja qual for o seu conteúdo...

PEQUENAS CAUSAS GRANDES EFEITOS

Quantas vezes não terá acontecido, também a você, o afastamento ou a indiferença de uma pessoa amiga? Quantas vezes não terá, você também, ficado a imaginar por que teria essa pessoa mudado assim tão repentinamente? Se você pensar bem, a causa está mesmo em você, numa desculpa apressada, numa atitude de indiferença, ou numa opinião um tanto precipitada...



Você também, não teria se apressado demais ao se despedir de suas amigas? Nesse dia, precisamente, você deveria ter reservado um maior espaço de tempo para atendê-las. Outras coisas poderiam ficar para mais tarde... Bastaria que você lhes dedicasse alguns minutos a mais para que levassem melhor impressão de você e continuassem a considerá-la uma excelente amiga... Lembre-se que perder um amigo é muito mais fácil do que se imagina, e muitas vezes o perdemos por muito pouca coisa...



ELEIONAMOS hoje algumas blusas para serem executadas em cetim, jersey de seda ou crepe "lingerie". Há em qualquer uma delas um indiscutível bom gosto e uma elegância "rafinée". São modelos que muito contribuirão para a distinção do seu moderno e variado guarda-roupa.

INTIMIDADE



A direita: Combinação em seda e renda pretas, para vestido de baile. Ao alto: Camisa de noite em mousseline rosa pálido, "plastron" de rendas valencianas.



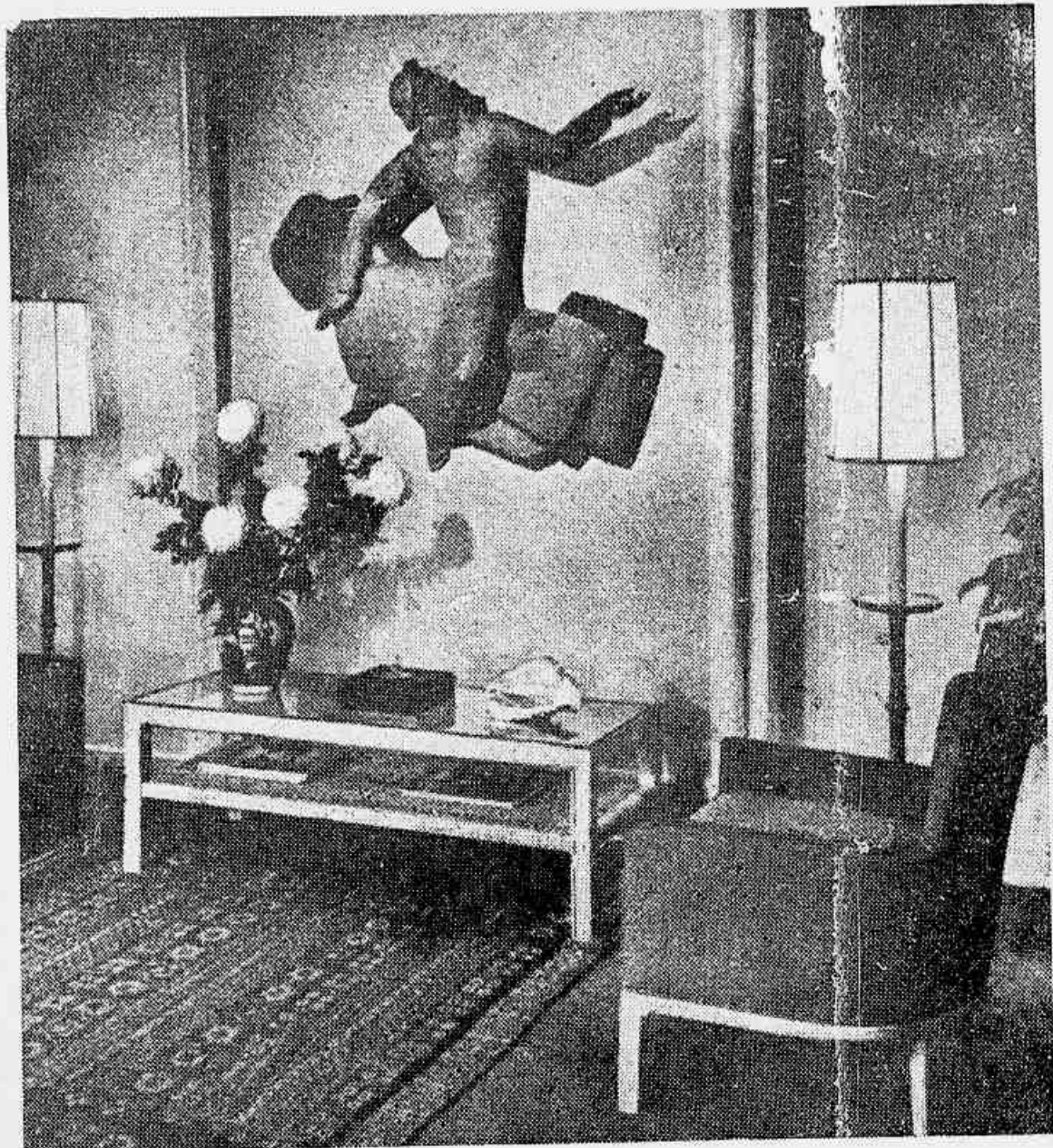
A esquerda: Camisola em mousseline, rendas verdadeiras. A direita: "Robe" em brocado branco, ajustado até os quadris. Mangas largas.



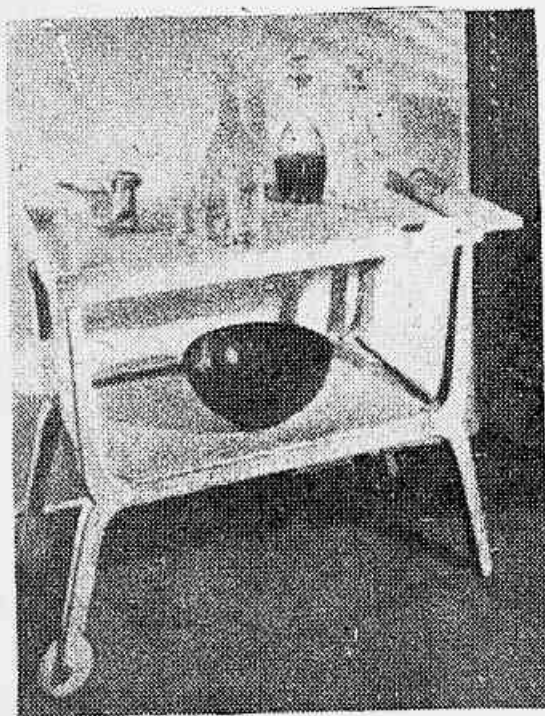
PENTEADO E CHAPÉU

Um detalhe de muita importância para aquelas que querem realmente ser elegantes, está na perfeita combinação do chapéu e do penteado. Pentear os cabelos de qualquer forma e depois colocar sobre a cabeça um chapéu, também de qualquer forma, é um erro que a mulher elegante nunca deveria cometer. Teresa Wright, da RKO, mostra aqui o penteado ideal para o elegantíssimo chapéu que usa. Realmente, é uma combinação impecável, cujo resultado não pode deixar dúvidas.



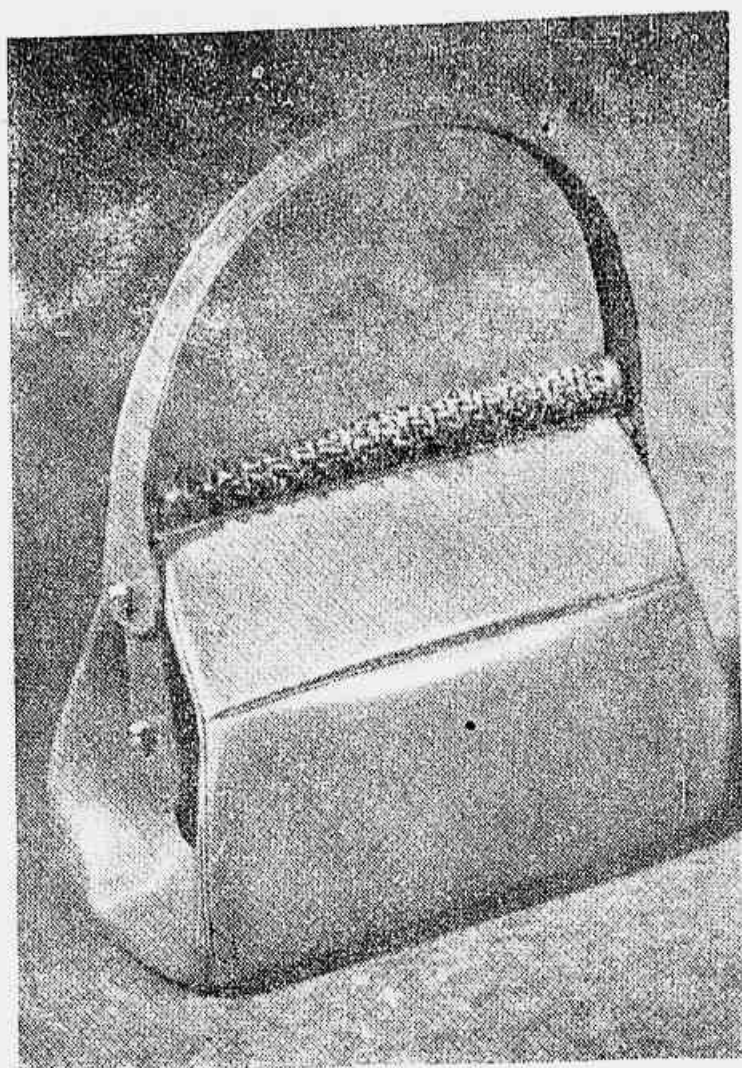
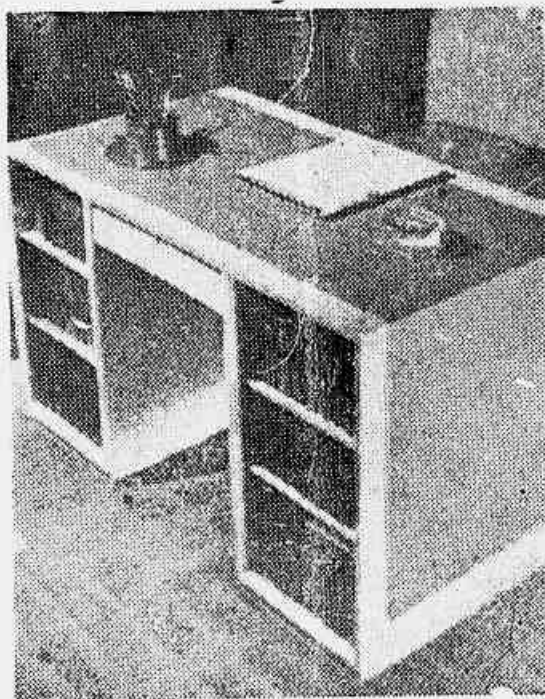


INTERIORES



As linhas modernas continuam a ser as preferidas na decoração de interiores, os móveis claros e de linhas sóbrias constituem sempre indiscutíveis notas de bom gosto e elegância. Um exemplo do que aqui dizemos são estas suges-

tões apresentadas nesta página. Ao alto, um sugestivo recanto de "living", cuja nota de excentricidade é dada pela escultura em madeira escura, presa à parede. A seguir, duas sugestões bastante aproveitáveis, um carrinho para "cock-tails" e "lunchs" e um "bureau" moderno e simples. Finalmente, este quarto de dormir, onde as cores claras e discretas dão ao ambiente discrição e elegância.



DETALHES E NOVIDADES

Bolsa de couro bege com fecho de metal dourado. Feito muito "chic" e sóbrio



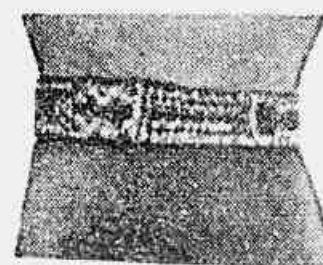
"Maillot" de "tricot", formando "duas-pecas" unidas na frente



Modelinho para menina dos dez aos treze anos, em fustão azul-claro, blusa branca e vizes também brancos



Elegantíssima sandália dourada dando nó no tornozelo, para noite, salto anabela



Um cinto de camurça vermelha, bordado a ouro, próprio para "toilettes" de noite

E
ES

fêcho de
muito

mando
rente

menina
os, em
blusa
es
os

ndá-
ando
elo,
lto



Botões e "echarpes" são as grandes sensações da nova temporada



Colar de turmalinas com miniatura verdadeira. Brincos também de turmalinas. Audrey Totter, da MGM, usa-os para grandes ocasiões

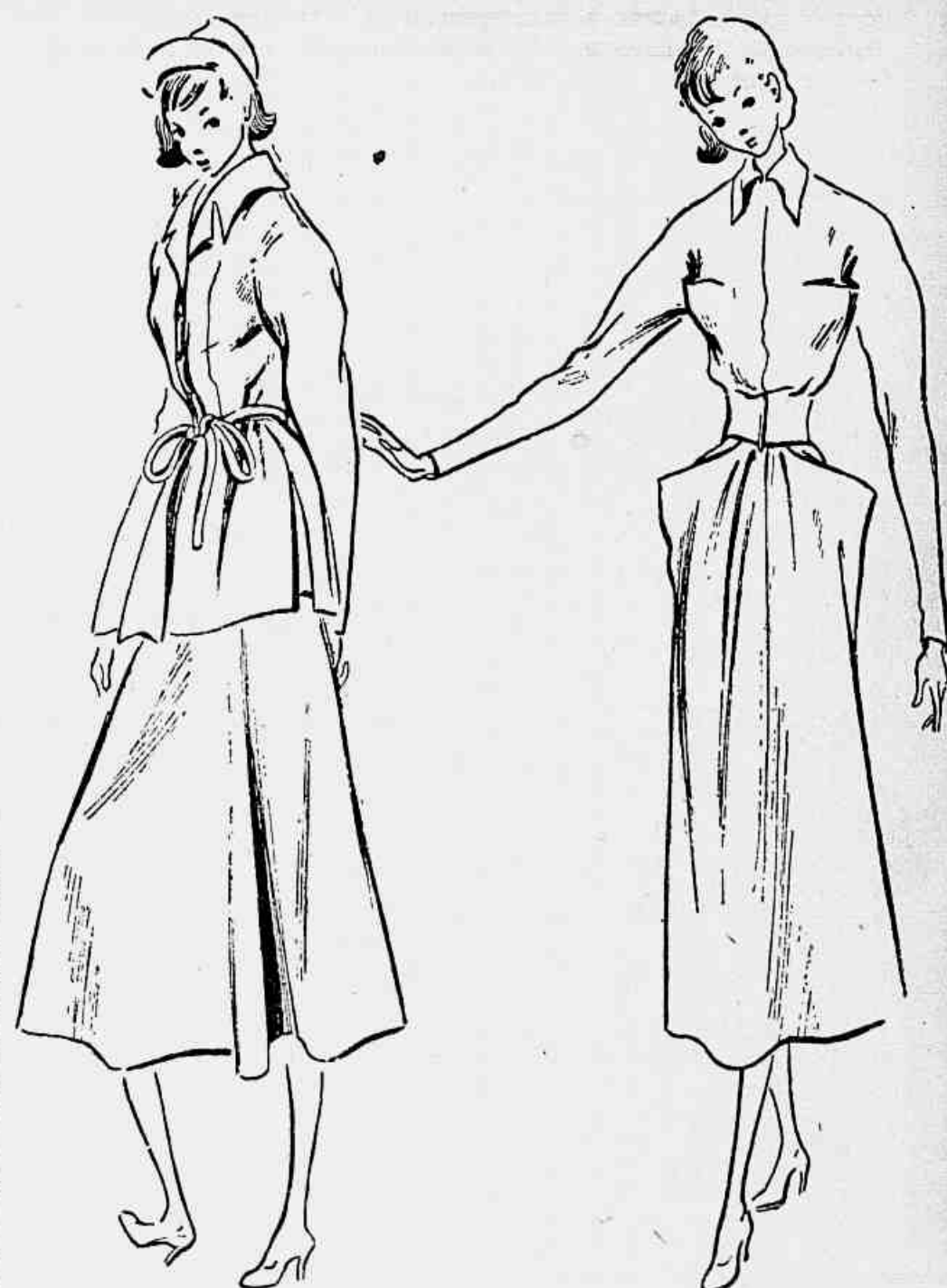


Para as jovens, um penteado moderno e elegante, para passeio

Coralie, a grande especialista em chapéus, apresenta esta encantadora sugestão em palha branca brilhante, completado por grande véu, também branco



Blusa em mousseline branca com nervuras nos ombros e nos punhos. Laço de veludo negro



Dois elegantes e sugestivos modelinhos para a meia-estação que se aproxima. O primeiro compõe-se de saia ampla, casaco longo, com traspasse, justo na cintura. O segundo é um modelo simples com original detalhe na saia formando bolsos



Uma pintura de Pedro Bruno, na fachada da capela do cemitério de Paquetá. Muitos outros trabalhos seus se encontram em várias municipalidades, em São Paulo, Curitiba e Porto Alegre e também no Museu de Arte de Estocolmo.

O NAMORADO DE PAQUETÁ

NA AREIA branca da antiga praia da Guarda, num belo fim de tarde em Paquetá, um vulto esguio permanece sentado em uma cadeira portátil, como que absorto a contemplar a estranha aquarela do horizonte longínquo — o mar tranquilo e o céu desnudo — avermelhado como braza.

De repente, a quietude do ambiente é despertada pelos gritos angustiosos de um juvenzinho de seus oito anos, que corria, pés descalços pela areia, em direção a ele.

— Seu Bruno! Seu Bruno!

O vulto estremeceu. Olhou em torno apreensivo e, como nada avistasse de anormal, estendeu os braços num gesto acolhedor para a figurinha, que já agora

"O poeta da côr, das árvores e dos pássaros" ★ O romantismo da ilha plasmou o sentimento do seu maior filho ★ Pedro Bruno dali saiu para a glória ★ Mas, em verdade, nunca deixou Paquetá... ★ Traços e curiosidades de sua vida

Reportagem de
W. GUARNIERI

Fotos de
A. VIEIRA

ali estava junto dele, ofegante, sem poder articular palavra, tal a excitação que a dominava.

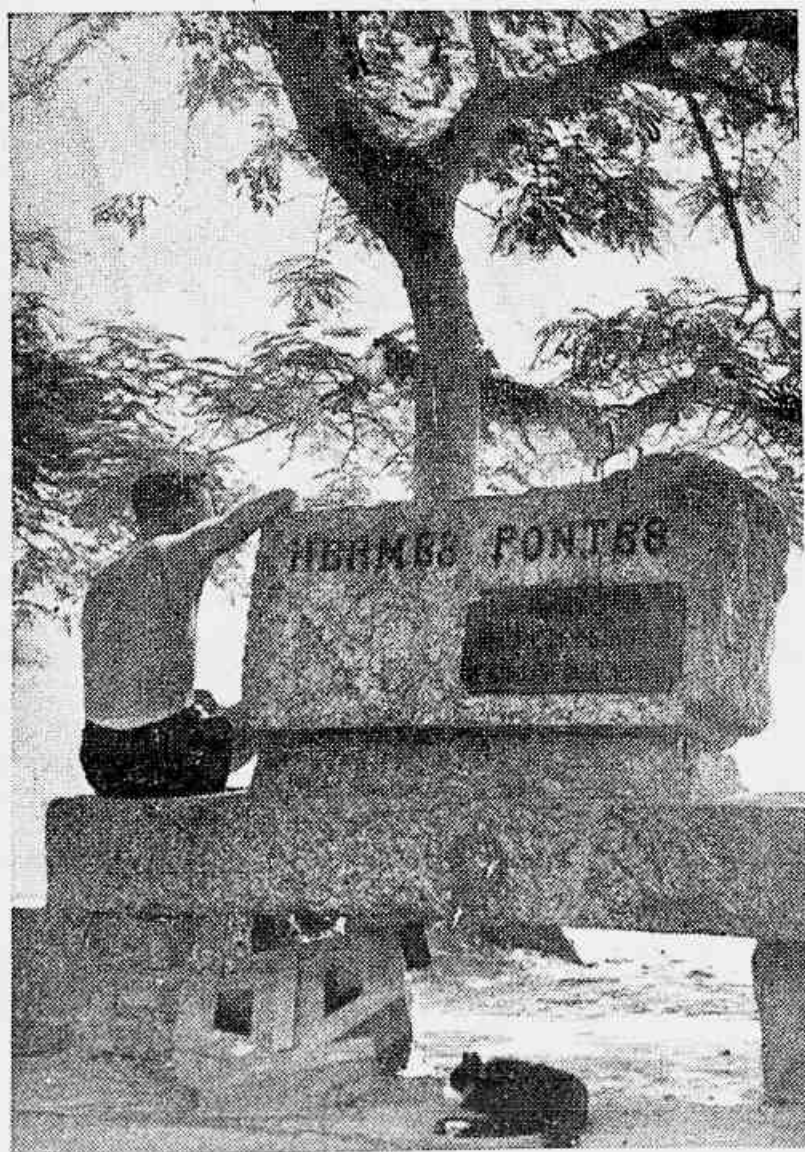
— Que foi, meu filho?

— Eu vi um homem pegando um passarinho de arapão, lá na chacra do Juca! — informou sôfrega a criança. Respirou, depois, aliviada e seus olhinhos como que interrogavam curiosos, querendo adivinhar a reação que aquelas palavras iriam produzir no homem com quem falava. O menino sabia que "seu" Bruno não gostava de passarinho preso...

— Onde foi?

— Lá — e o garoto estendeu o dedo apontando ao longe — na chacra do Juca...

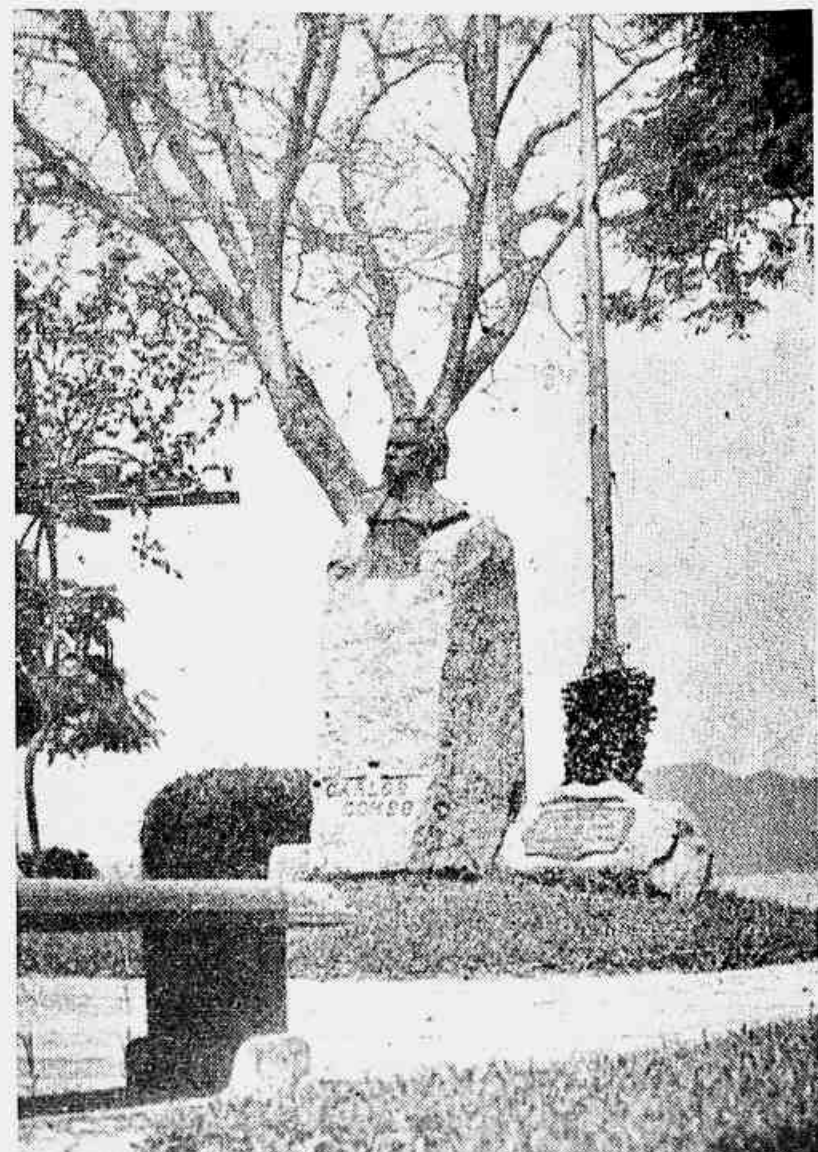
Pedro Paulo Bruno — assim era o nome todo do pa-



Da esquerda para a direita: "Paquetá é um céu profundo que começa neste mundo e não sabe onde acabar" — versos de Hermes Fontes, que Bruno mandou gravar



em bronze. ● Pedro talhava as inscrições: "Plantar árvores e proteger os ninhos é um tributo do homem à terra mater". O rapaz executa a limpeza por conta da



Liga Artística, fundada por Bruno. ● Monumento a Carlos Gomes, oferecido à Paquetá, por iniciativa da Liga Artística e sugestão do poeta-pintor

quetaense mais amigo, talvez, dos pássaros e das árvores de sua ilha, do que de si mesmo — levantou-se, curvando-se sobre a cadeira de armar, fechou-a, enfiando-a debaixo do braço esquerdo, apanhou o menino pela mão e seguiu, passos apressados.

— Vamos lá ver isso.

★

Esse episódio, que aqui vai narrado apenas para ilustrar uma das facetas da vida de um grande pintor, recentemente falecido, ocorria frequentemente com Pedro Bruno; desse e de muitos outros episódios falam moradores da ilha de Paquetá.

★

Pedro Paulo Bruno era, realmente, um homem extraordinário. Devotou toda sua existência a Paquetá. Seu primeiro sorriso e suas primeiras lágrimas. A ilha era a inspiração perene de sua alma de artista. De Paquetá foram as alegrias de Pedro Bruno, e também suas tristezas sentidas, sua esperança, seus amores e também sua última morada.

Para se saber quem foi Pedro Bruno não era preciso conhecê-lo pessoalmente. Pedro Bruno, em Paquetá, era como um deus nas Alturas — estava em toda parte.

A começar pelo simples cipó que se enrodilha, amarrando carinhosamente, um galhozinho tenro de uma árvore que se partira durante um soprar mais forte de vento — até o velho tronco de "flamboyant", abatido por um raio na fúria da tempestade, num desses vendavais medonhos, que faz estremecer toda a ilha. Ali, nas árvores de Paquetá — está Pedro Bruno.

Nos jardins, nos canteiros, nas praças públicas e nas ruas, até nas residências de austeros cidadãos importantes, como também nas mais humildes choupanas — ali também está Pedro Bruno.

Nos ninhos das altas palmeiras, nos amoreiras em flor, no coraçãozinho dos pássaros e das crianças da ilha — ainda vive Pedro Bruno.

Por toda parte, o forasteiro que aporta à ilha, parece sentir a presença de um ser estranho a zelar por aquilo tudo, tal a boa impressão que causa o ajardinamento de seus parques, a estranha beleza de suas árvores bem cuidadas, a limpeza e o cuidadoso trato dos jardins das próprias residências particulares.

— "Pedro Bruno fez escola" — dizia-nos um velho morador de Paquetá. Era bem verdade. Ali está a prova de que os conselhos e cuidados daquele que foi o maior amigo da ilha, que um poeta, um dia, chamou de Pérola da Guanabara — não foram esquecidos.

★

Para se poder contar a vida de Pedro Bruno, basta percorrer a ilha, acompanhado por qualquer de seus moradores, e ouvi-los dizer coisas a respeito do que está apreciando. Senão, vejamos:

Num desses domingos preguiçosos, o reporter ali foi ter, no desempenho de sua missão. O seu espírito não estava preparado para o que iria acontecer. Vinha de uma cidade agitada e cheia de dificuldades, como é o Rio. Depois que a "velha barca deixou o velho cáis", como na canção dolente, passamos os olhos pelos jornais do dia: ameaças de todos os lados, iria faltar arroz, carne, talvez pão, também. Homens brigavam e se matavam por questões risíveis, toda uma tragédia, numa coluna de jornal...

Há, evidentemente, uma crise de compreensão e confiança entre os homens. Jamais se desdenhou tanto pela vida de um ser humano, como em nossos agitados dias. A causa de tudo isso, não interessa investigar. O fato é que o coração dos homens jaz endurecido dentro do peito, como a lage mais dura, da mais dura montanha...

★

Por isso, o reporter sentiu alívio ao desembarcar em Paquetá. Ali pelo menos se respira um pouco. A missão que nos fôra confiada — confessemos sem temor — não nos impressionava muito. Afinal, já ouvimos falar de Pedro Bruno. Conhecíamos algumas de suas admiráveis telas, sabíamos um grande pintor e um amante da natureza e dos pássaros. Mas isso não ajudava muito. A gente tomar conhecimento dessas coisas aqui no Rio, é o mesmo que ouvir falar de um país onde os homens não discutem, não se aborrecem, passam o dia contemplando o mar, a cuidar dos pássaros e a praticar o Bem, ajudando-se mutuamente. Para nós, isso só poderia acontecer num país lendário... e não aqui neste Planeta. Um homem que vivesse assim, só poderia ser personagem de romance... Fica-se a pensar. Será verdade, mesmo?

Indagando daqui e dali, o reporter foi conhecer um velho e dedicado amigo de Pedro Bruno — um italiano, cortês e amável, que desde que chegou ao Brasil, há muitos anos, foi viver em Paquetá — Di Franco.

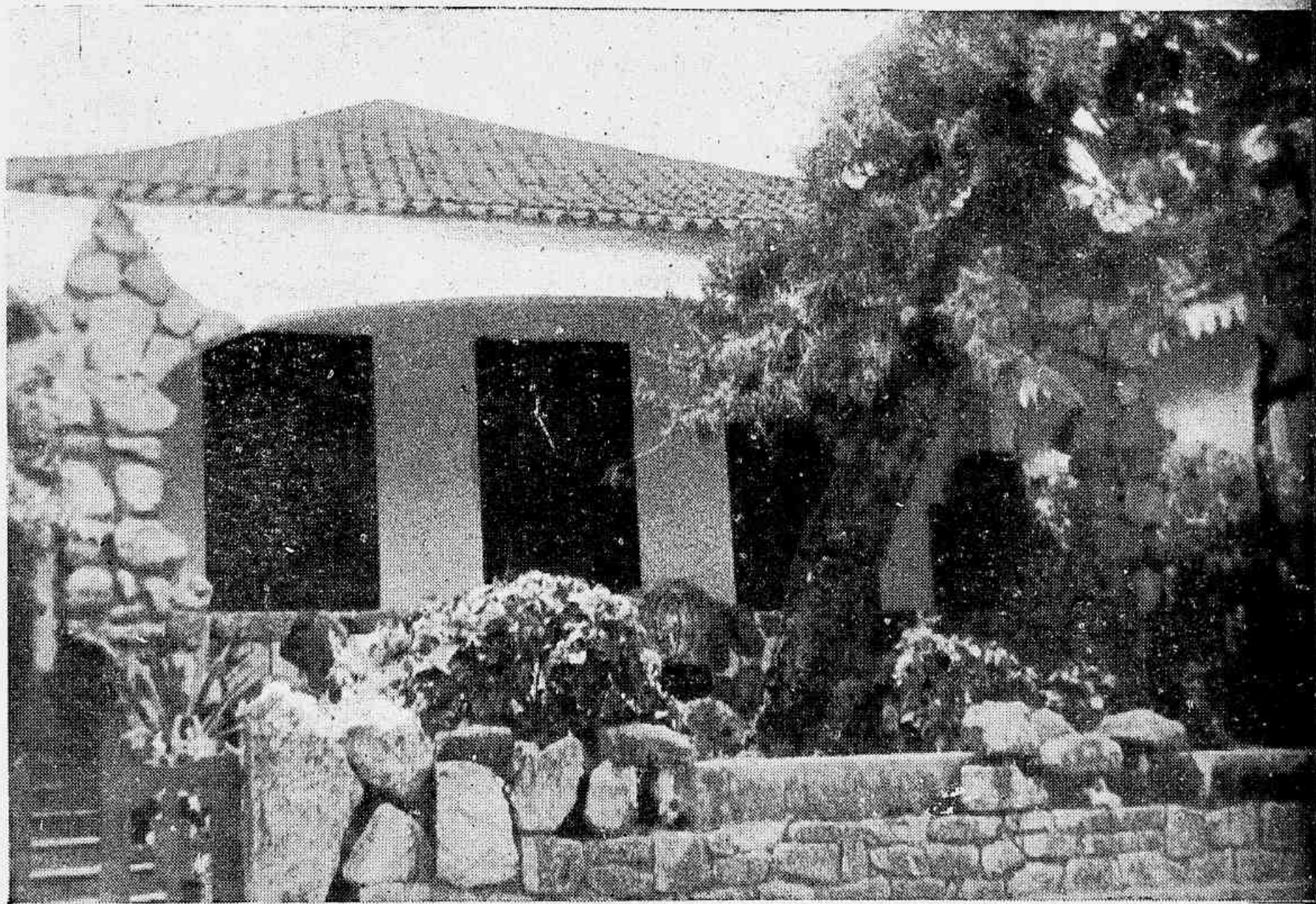
Proprietário de uma loja de bicicletas — que aliás parece ser o melhor negócio da ilha — Di Franco, ao ouvir pronunciar o nome de seu amigo, interrompeu o serviço que estava fazendo, e se apresentou:

— Bon giorno! Angelo Di Franco, às ordens.

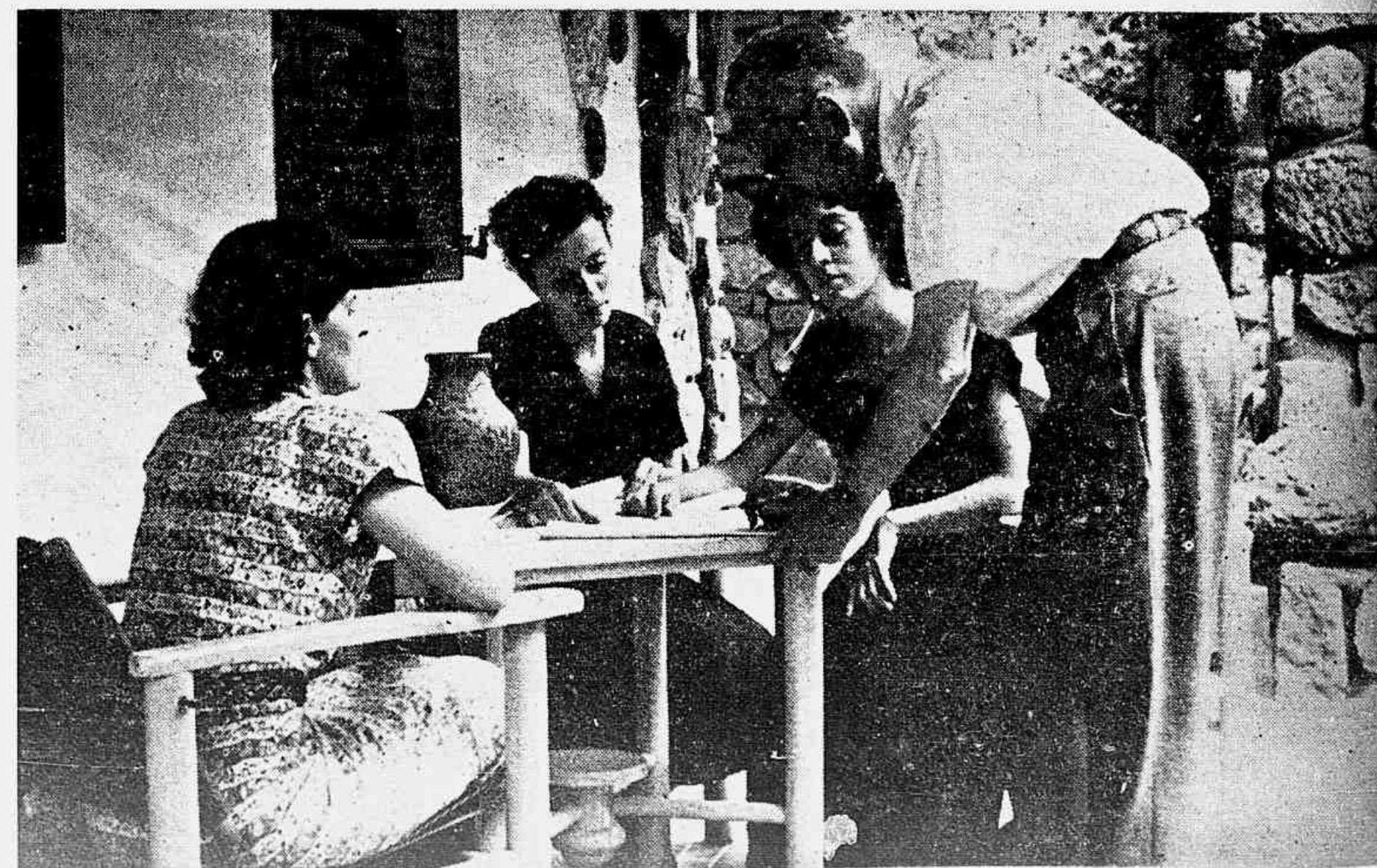
Dissemos o nosso intento. Prontamente chamou um seu empregado para substituí-lo na tarefa, e nos convidou a acompanhá-lo até a residência da família do pintor, que fica perto da loja. Ali, tivemos oportunidade de palestrar longamente com os quatro filhos de Pedro Bruno — Magda, Hélio, Lia e Fábio — com o

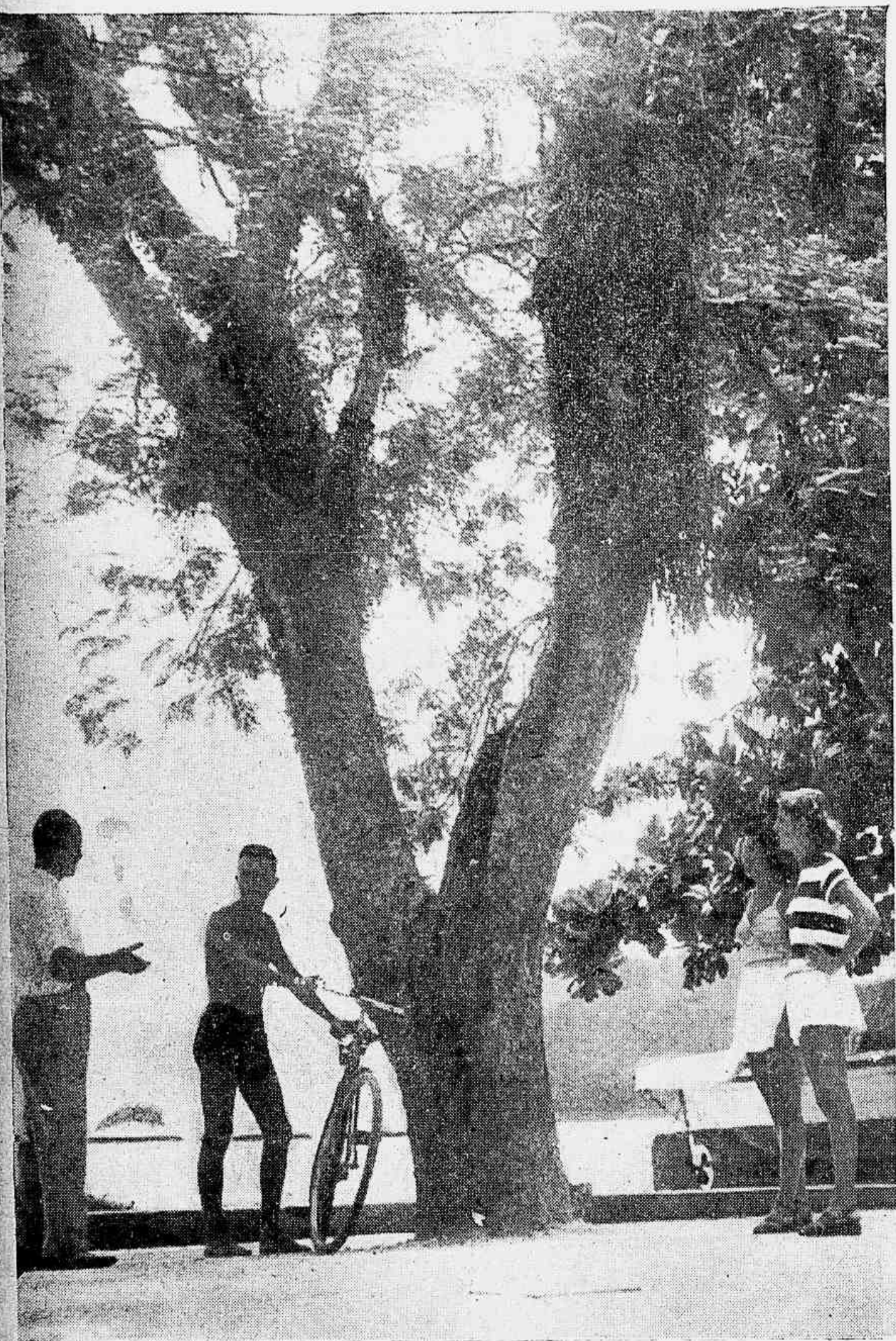


De cima para baixo: Estação das Barcas, numa movimentada manhã de domingo. A essa multidão, que ali vai para "gozar as delícias de um domingo em Paquetá", Pedro Bruno cognominava de "invasão dos bárbaros"...
● A residência do pintor. E' pensamento dos amigos e continuadores da obra de Pedro Bruno em favor da pre-



servação da ilha, transformá-la em Museu. ● O professor Mazzucchelli, realizando o trabalho de conferência no arrolamento das obras do pintor, assistido pelas duas filhas do pintor — Magda e Lia e pela senhora Di Franco





O sr. Angelo Di Franco — membro da Liga — repete um "bárbaro", que já se dispunha a encostar a bicicleta na árvore que era um dos "amores" do extinto

professor Mazucchelli, autor do busto do pintor, colocado na praça fronteira à Estação das Barcas, e ainda com um velho amigo da família Bruno — o sr. Luiz Marques Poliano, residente em Paquetá e autor de interessante trabalho biográfico, publicado quando da última manifestação dos habitantes de Paquetá a Pedro Bruno, ainda em vida.

Nos foi mostrada, então, algumas telas ainda inéditas para o público, inclusive muitos trabalhos e estudos que foram deixados inacabados, por Bruno.

Como o professor Mazucchelli houvesse escolhido aquele domingo para dar início ao arrolamento das obras do pintor que, após devidamente catalogadas, deverão ser transferidas para o "atelier" no Rio — caso não seja levada adiante a idéia a ser apresentada ao Prefeito do Distrito Federal, no sentido de se transformar a antiga residência de Pedro Bruno, em Museu da Ilha, fato que nos parece digno de irrestritos aplausos — para não atrapalharmos o serviço do professor Mazucchelli, resolvemos sair, para um passeio pela ilha, no que fomos acompanhados pelo sr. Poliano e o próprio Di Franco.

Queríamos conhecer detalhes da vida do pintor extinto, por isso interrogamos, ora um, ora outro. E foi o sr. Poliano, quem começou:

VOCAÇÃO DE ARTISTA

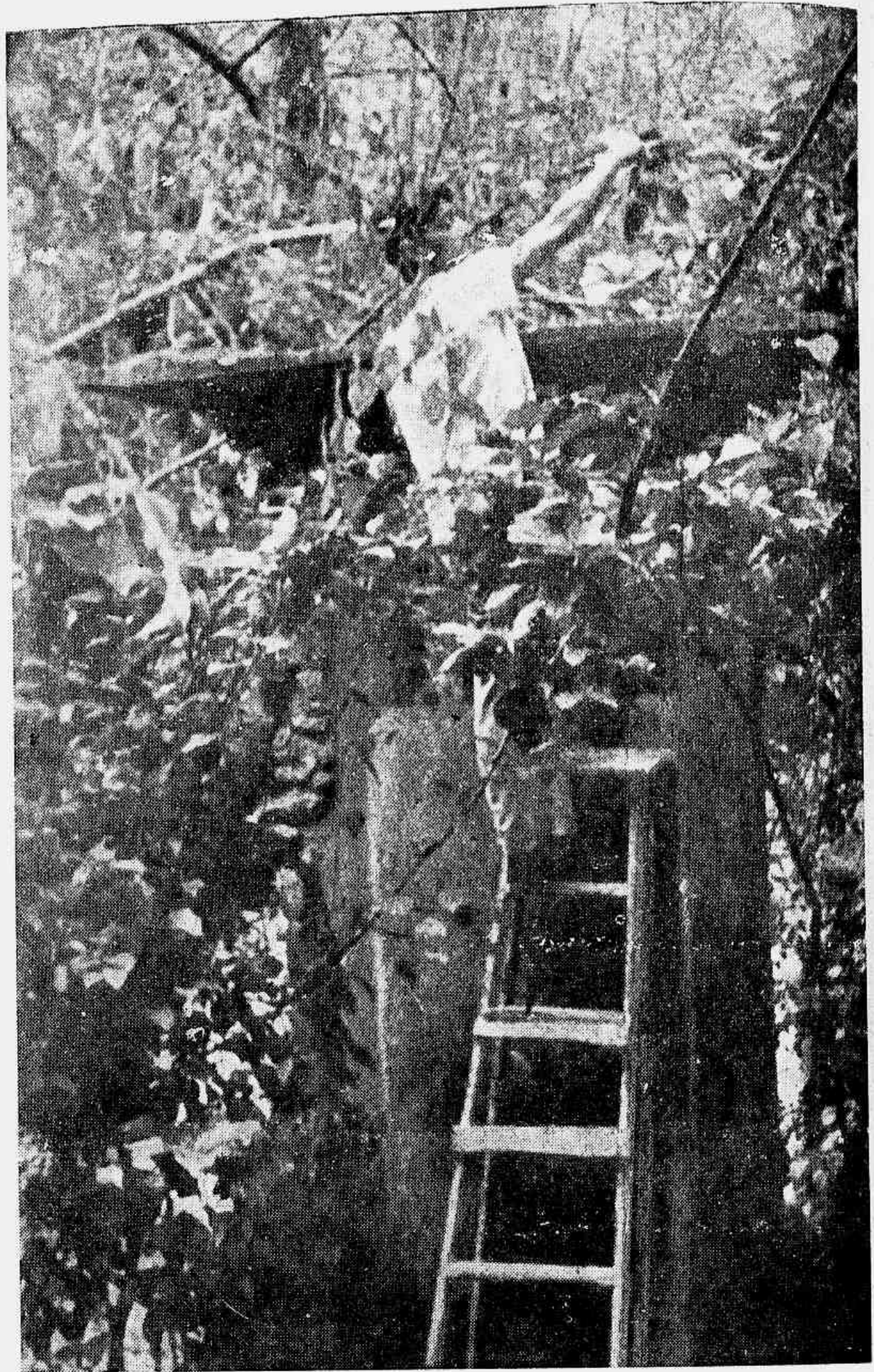
— "Pedro Bruno nasceu em Paquetá, em 14 de outubro de 1888 nesta casa que o senhor está vendo. Essa praça, antigamente se chamava da Guarda, hoje, se chama José Bonifácio."

Estávamos parados em frente ao antigo casarão, hoje remodelado. No portão principal, uma placa, comemorativa desse acontecimento, está ali gravada.

— Ele foi cantor, também? — inquirimos, depois de ler a placa.

— "Os pendores de Pedro Bruno se revelaram ainda muito cedo. Fez versos e cantou, antes de manejar a paleta. Sou amigo de infância de Pedro. Lembro-me

A posição em que Pedro Bruno deixou a paleta, os pincéis e as tintas, que usava nos seus maravilhosos quadros. Até hoje é conservada assim, pela família



A esquerda: Uma das coisas maravilhosas que fazia Pedro Bruno. Um empregado do cemitério substitui o saudoso pintor na tarefa de alimentar os pássaros... "Era o seu café da manhã..." — comenta o empregado. A direita:





O interior do cemitério é assim. As aves foram esculpidas por Bruno, e guarnecem as sepulturas que aí vemos. Tudo isso, ele fazia simplesmente por amor à arte, sem nunca reclamar um centil que fôsse, em troca de seu trabalho



O prof. Mazzucchelli anotando as dimensões de uma tela deixada inacabada por Pedro Bruno



ainda, quando de sua primeira viagem à Europa. Foi em 1905, para a Itália, a fim de estudar canto, matriculou-se na Escola de Santa Cecília, em Nápoles, cursando também o Conservatório de Música de Roma. Cinco anos mais tarde, voltou ao Brasil, realizando concertos no Rio, em Belo Horizonte e São Paulo."

— Mas... quando foi que ele mostrou desejos de pintar?

A essa pergunta, o sr. Di Franco, intervém para informar:

— "Ah! foi um episódio muito interessante. Pedro era ainda menino; deveria ter seus dez anos, conforme ele mesmo me contou certa vez — fora expulso da aula e se postara a contemplar o mar azul de Paquetá. D. Isabel, a professora, o surpreendeu absorto, sentado sobre o muro que se erguia nessa direção — e fez um gesto apontando a praia — e o despertou, convidando-o para lanchar, o que Pedro Bruno fez maquinalmente, sem se aperceber que caminhava. D. Isabel, sobressaltada, julgou tratar-se de uma estranha moléstia, pois Pedro nem sequer dava sinal de si... Até que afinal, acordou. "Aquêlê momento — se referiu o pintor, alguns anos mais tarde, quando já laureado várias vezes — foi o exato instante em que nasceu em mim o desejo de pintar".

Aí, o sr. Poliano retoma o fio da meada:

— "Pois, foi assim mesmo. Pedro foi aprender canto na Itália e de lá voltou pintor... aliás o mesmo pintor que daqui saiu. A vocação da criança robusteceu-se no adolescente e venceu no adulto. Pedro tomou a G. Boschetto e a João Batista da Costa, como mestres, e já, em 1912, concorria ao prêmio de viagem no "Salão", com três trabalhos, dentre os quais "Manhã Azul", o seu primeiro sucesso, que obteve medalha de bronze.

Em 1913, voltou ao "Salão", e mais uma vez o assunto predominante de suas composições era a marinha — "a marinha de Paquetá" — como ele próprio chamava. O mesmo acontecendo no ano seguinte. E, em 1915, já os críticos reconheciam em Pedro Bruno "aptidões apuradas"; em 1916, concorre novamente ao "Salão", perseguindo sempre o ambicionado prêmio de viagem à Europa, que lhe havia fugido em anos an-

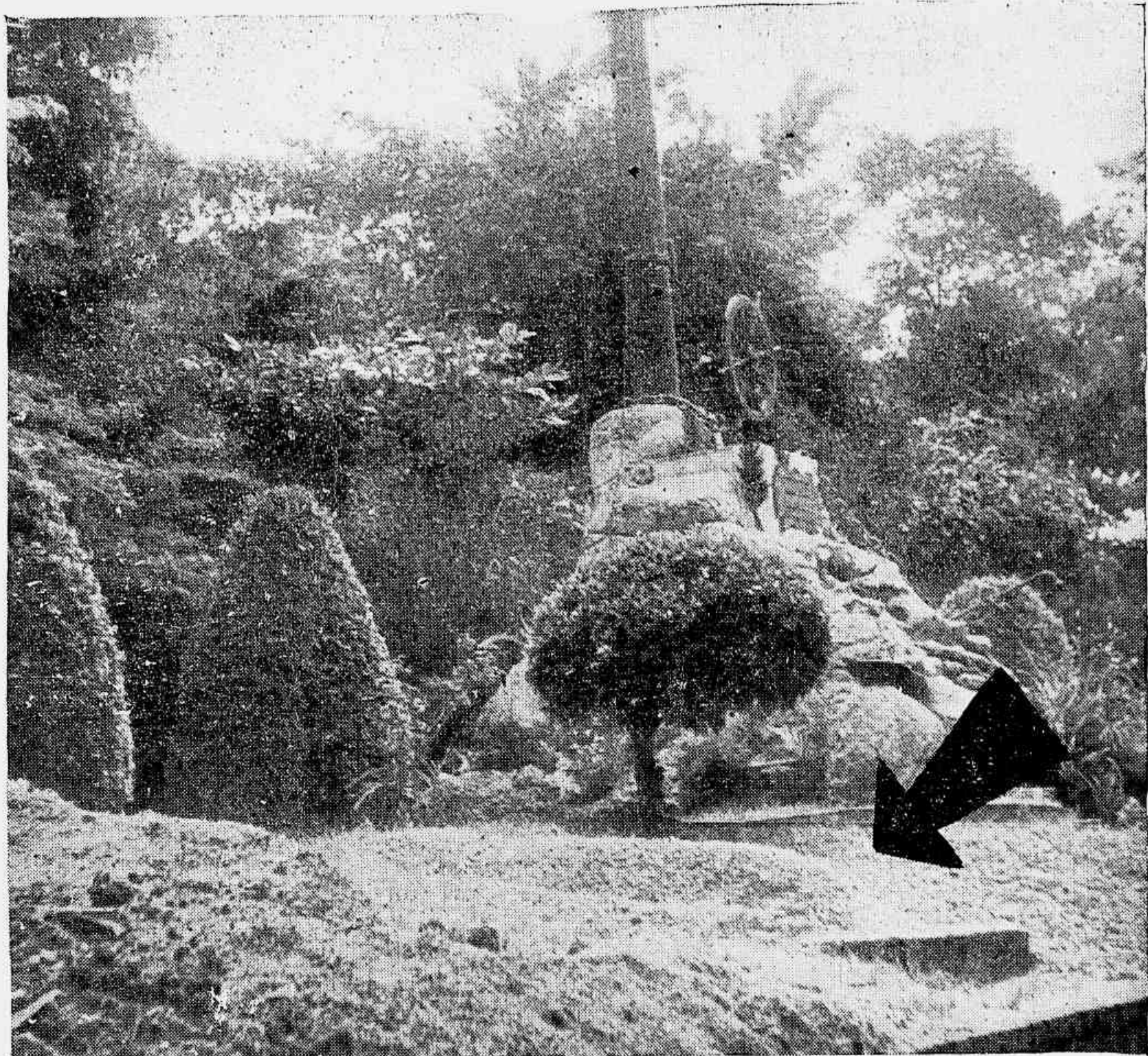
Magda — a única filha do pintor — que herdou os pendores artísticos do pai. Brevemente irá realizar uma exposição de quadros seus



De cima para baixo: O busto erguido na praça da estação das Barcas, obra de Mazzucchelli, inaugurado quando da última manifestação dos moradores da ilha. "Paqueta a Pedro Bruno — o poeta da cor, das árvores e dos pássaros". Imensas árvores copadas, plantas



de variadas espécies, arbustos, como se fôra um bosque — assim é o Cemitério de Paqueta — tudo isso feito por Bruno... Portão da casa onde nasceu Pedro Bruno, na antiga praia da Guarda, em Paqueta. À esquerda, uma placa faz alusão a esse acontecimento



Ai, no primeiro plano, está a sepultura de Pedro Bruno. Breve será erguido um mausoléu, em sua homenagem. Ao fundo, vê-se o monumento erguido sobre a campa dos que tombaram na "Revolta da Armada", em 1910

teriores, menos por falta das indispensáveis qualidades, do que em virtude de ocorrências fortúitas, ou por sutilezas no processo de escolha, comuns em tais casos...

O VELHO TRONCO...

Chegáramos ao pé de um gigantesco "flamboyant". Estranhámos o fato de nos parecer que a árvore já não mais vivia, somente o tronco ali erguido.

E o sr. Di Franco, prontamente nos esclarece:

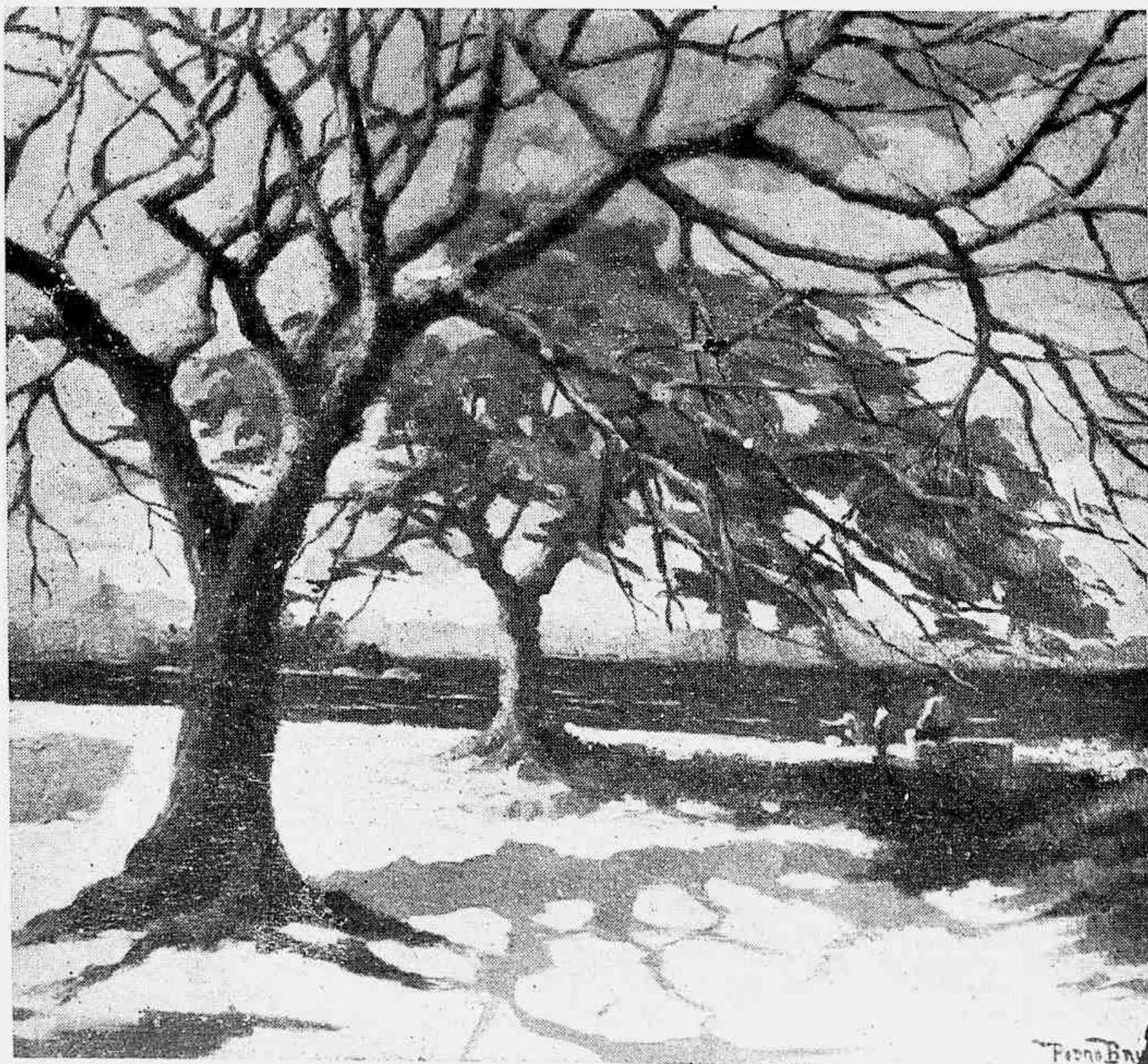
— "Essa árvore tem sua história na vida de Pedro..."

E, ante a nossa curiosidade, prossegue:

— "Num dia de tempestade forte, esse "flamboyant"

foi atingido por um ralo, e se partiu desse modo que o senhor está vendo. Isso aconteceu há muitos anos atrás. Pois bem. Quando se falou na remoção do tronco, pois a árvore não tinha mais vida, Pedro Bruno ficou furioso. Removeu céus e terras, foi ao Rio, falou com o Prefeito, pediu aos amigos, fez tudo para impedir que o tronco fôsse arrancado. E nos dias de chuva e muito vento, ele se postava, abrigado na soleira da porta de um prédio fronteiro, e a gesticular vivamente, chamando a atenção dos transeuntes que por ali passavam — para que tomassem cuidado com o velho tronco, pois poderia a todo momento desabar... Esse

"Flamboyants", quadro de Pedro Bruno. O sr. Pollano é de opinião que a introdução do motivo "Flamboyant" é obra exclusiva de Pedro, tendo sido aproveitada por muitos pintores nacionais e estrangeiros





A esquerda: Os quatro filhos do extinto, cercando o ataúde. Ajoelhada está Magda, Hélio (de terno cinza), Lia e Fábio. A direita: Várias personalidades ilustres acompanharam o féretro de Pedro Bruno à sua última morada. Centenas de pessoas, quase toda a população da ilha fez o mesmo

fato pode ser confirmado por qualquer pessoa aqui da ilha."

Ficámos por longo tempo a admirar o velho tronco a imaginar um homem assim como Bruno. Sem dúvida, era possuidor de alma de artista.

Voltámos a interrogar o sr. Poliano:

— Vimos o célebre quadro "Pátria", na Pinacoteca. Foi pintado também aqui em Paquetá?

— "Embora fugindo ao gênero até então preferido pelo pintor, esse quadro foi pintado aqui mesmo; logo depois de deflagrada a primeira Grande Guerra. Sacudido no seu civismo pela agressão germânica — que também nos atingiu naquela época — sugeriu-lhe o

tema, tão bem aproveitado, da composição que o haveria de celebrar. Não fôra outro também o sentido de "Casa dos Mártires", pintado um ano antes, e calcado nos grandes sofrimentos dos corações maternos, sacrificados no delírio bélico da Alemanha do Kaiser."

"Pátria" deu a Pedro Bruno a chance tão almejada. Antes de partir para a Europa, realizou uma exposição em São Paulo, a cuja inauguração compareceu o então presidente do Estado, sr. Altino Arantes. Foram ali expostos: "Tiradentes" e o tríptico de "S. João Batista", dois dos seus mais vigorosos trabalhos.

O célebre quadro "Pátria", representa uma família bordando um bandeira brasileira. Está no Palácio Gua-

nabara, havendo também uma cópia no Batalhão Naval. Mereceu de Coelho Netto, no vespertino "A Noite", de novembro de 1919, uma bela página dedicada ao poeta-pintor. Em 1922, conquistou, Pedro Bruno, a medalha de ouro do "Salão". Finalmente, em 1943, foi-lhe conferida a maior láurea, a medalha de honra, com o quadro "Sonata ao Luar". Encontram-se hoje trabalhos do grande artista pátrio nos seguintes lugares: Escola Nacional de Belas Artes, nas municipalidades de São Paulo e Curitiba, no Instituto de Belas Artes, de Porto Alegre, no Museu de Estocolmo, na Suécia, e em várias coleções particulares, aqui e no estrangeiro.

(Continua na pág. 52)

"Pátria" — o quadro que celebrizou Pedro Bruno e lhe conferiu o Prêmio de viagem à Europa, em 1919. Hoje é patrimônio da União, e está no Palácio Guanabara



TRÊS NOTAS

MADAME BOVARY, uma das mais famosas e queridas histórias da literatura francesa, mereceu grandes cuidados, em sua adaptação cinematográfica, de habilidosos cenaristas da Metro-Goldwyn-Mayer, e entrou, finalmente, em filmagem, após dois anos de intensos trabalhos dedicados a pesquisas sobre modas e costumes da França do século 19.

Anunciado como um dos mais importantes filmes do ano, MADAME BOVARY apresenta elenco excepcional, em que se congregam nomes como Jennifer Jones, como Emma Bovary; James Mason, Van Heflin, Louis Jourdan, Christian Kelleen, Gladys Cooper, Gene Lockhart.

Mais de 25 elaborados "sets" foram construídos para a ação, desde espaçosas praças de aldeia a uma poeirenta loja comercial. Walter Plunkett desenhou todos os vestidos apresentados por Jennifer Jones, e Valles criou toda a vestimenta destinada aos elementos masculinos.

A produção está sendo dirigida por Vincente Minnelli, atuando Pandro S. Berman como produtor.

★

QUO VADIS entrará em produção, definitivamente, na Europa, por conta da Metro-Goldwyn-Mayer, no próximo verão, esperando-se que a primeira rodada da "câmera" se verifique no dia 1 de junho, segundo anunciou oficialmente, há pouco, de volta da Inglaterra, o produtor Arthur Hornblow Júnior.

O filme terá um elenco todo de grandes nomes, e seus exteriores serão filmados na Itália, tendo os estúdios da Metro em Elstree, Inglaterra, como base de operações, onde serão filmadas as cenas de interiores. QUO VADIS será realizada em technicolor. S. N. Berhman e Sonya Levien já terminaram a adaptação cinematográfica.

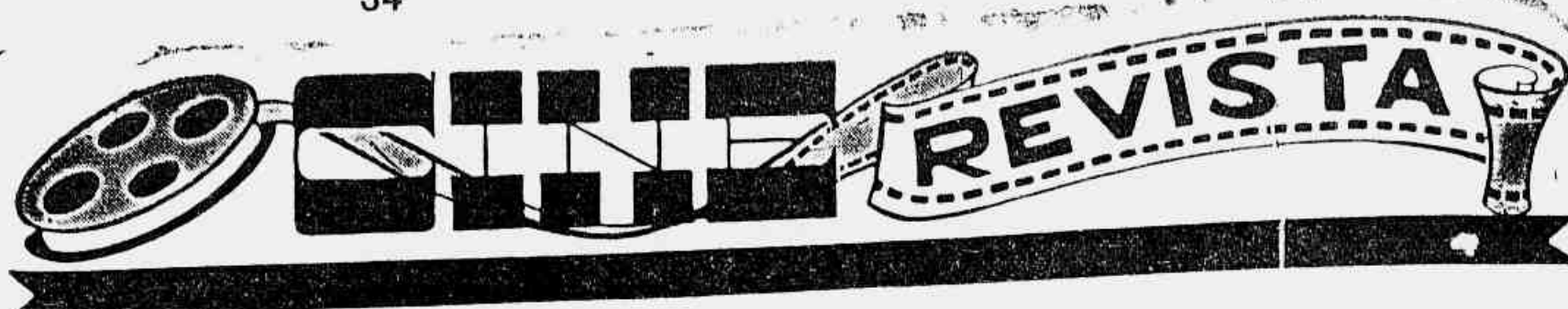
★

THE PLAGUE, uma intensa e dramática história de uma comunidade francesa da Algeria e de uma terrível epidemia que a desligou do resto do mundo, foi comprada pela Metro-Goldwyn-Mayer. Projeta-se dar início à filmagem proximamente, logo que se organize o elenco, que promete reunir grandes nomes.

Como A LA PESTE, o livro escrito por Alberto Camus, foi publicado em Paris em 1947, com grande êxito. Traduzido por Stewart Gilbert, será publicado dentro em breve nos Estados Unidos.

A história é a de um bravo e audaz grupo de pessoas de uma cidade atingida pela horrível peste. A figura central é um Doutor Rieux, que é quem primeiro verifica os sinais da trágica enfermidade, e então se lança ao seu combate.

Há grande interesse, nos próprios estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer, pela publicação dos nomes que vão constituir o elenco de "The Plague".



ESCOLAS PARA ESPECTADORES

Evidentemente, o público brasileiro, e em particular o carioca, não está apto a assistir a um espetáculo artístico. Especialmente um espetáculo cinematográfico. Nada mais deprimente e repulso do que certas atitudes de certos cavalheiros (e o número, em determinadas horas, constitui a maioria) dentro dos salões de projeção, perturbando a paz e o silêncio onde devem permanecer os que assistem ao filme. Torna-se quase impossível acompanhar o desenrolar da história. Situações dramáticas são ridicularizadas pelo riso fácil, pela falta de raciocinar, acompanhar o desenrolar da história. Situações dramáticas são ridicularizadas pelo riso fácil, pela falta de capacidade de certas mentalidades obtusas. Cenas realistas são maliciadas e vaiadas por indivíduos de caráter mal formado. A obra de arte, o filme de valor, se vê, por isso, enormemente prejudicado, pois a platéia se deixa envolver, involuntariamente, pelo grupo dos pobres de espírito que, pela incapacidade de assimilar o que é bom, pelo seu completo deslocamento quando diante de algo verdadeiramente apreciável, perturba a ordem, fazendo reinar a mais completa balbúrdia. A atenção de todos é, assim, desviada. O espectador que admira o filme, que se enquadra dentro da obra, não pode estar tranquilo, sendo importunado, a cada instante, com risadas sarcásticas e piadas de indiscutível mau gosto.

Admite-se, é bem verdade, um ou outro gracejo, quando proferido dentro de uma certa linha, durante a exibição de um dramalhão. Toda a platéia ri. Tudo muito justo. Mas, da forma em que as coisas estão, o espectador apreciador do bom cinema, terá de alugar, para si, todo o salão para assistir a uma obra de arte. O desrespeito pelo próximo é a coisa mais patente dentro de um salão de projeção. Não existe o menor policiamento. Ninguém se importa com os outros espectadores, que pagaram o preço de um ingresso para assistir a um filme e não ouvir bobagens e ser incomodado pelas mentalidades infantis que infestam essas casas de espetáculos. O letreiro inicial a cada sessão, advertindo que "é muito feio" comportar-se mal durante a exibição do filme, é uma lição elementar de moral, sem a menor intenção de ser obedecido. E as ameaças de multas nada mais são do que mera formalidade para cumprir decretos ou para garantir ao público de boa fé que, de fato, ele irá assistir, sossegadamente, a um filme de cinema. Jámais houve, por parte dos donos de cinemas, a verdadeira intenção de oferecer ao público o conforto necessário à exibição de uma sessão cinematográfica. Os chamados cinemas de luxo, estão atualmente igualados, ao menos em sua frequência, aos cinemas de terceira e quarta categoria. E o público, aproveitando esse relaxamento, expande-se cada vez mais, transformando em verdadeiros circos e praças públicas os recintos de um cinema. E, infelizmente, a obra de arte não pode ser apreciada e aplaudida como realmente merece ser. E se a culpa cabe, em parte, aos exibidores, a sua maior responsabilidade vem ainda do próprio público, que não recebeu a educação adequada para assistir a um espetáculo artístico. Será preciso, senhores, que se construam escolas para diplomar espectadores?...

CARTAZES..

ANNA KARENINA — Bom espetáculo, essa nova versão de Duvivier. Alguns momentos admiráveis.

★

VIDA À LARGA — Comédia para público de gosto fácil.

★

MOEDA FALSA — Semi-documentário apreciável com excelente fotografia.

★

O SILÊNCIO É DE OURO — Concordamos. Por isso preferimos calar.

★

OS INCONQUISTÁVEIS — Cecil B. de Mille, mais alguma coisa?...

★

QUE PAPAI NÃO SAIBA — Reprise regular.

★

A QUEDA DA BASTILHA — Reprise regular.

★

ESCOLA DE SEREIAS — Reprise regular.

★

TRÊS FILHAS LEVADAS — Boa música cercada de cretínicos por todos os lados.

★

DICK TRACY CONTRA O MONSTRO — Péssimo.

★

O DESTINO SE REPETE — Leve a pé-quena.

★

POR UM CORPO DE MULHER — Deixamos de ver.



Ann Sheridan, da RKO, tal como aparecerá em "A Felicidade Bateu à Porta". Pode entrar...

NÃO É SÓ "OOMPH" QUE ELA TEM...

TERMO "oomph" foi criado especialmente para Ann Sheridan. Ninguém sabe ao certo defini-lo, mas todos o percebem em Ann Sheridan. Seus primeiros filmes assim o exigiram, mas esse tempo já passou, não sem uma forte perseverança da "estrela". Embora não se mostre ingrata com a "etiqueta" que a tornou célebre, Ann sente-se muito feliz, pois pôde realizar uma série de brilhantes interpretações dramáticas, especialmente em "Em Cada Coração Um Pecado", provando assim o seu real talento de atriz nessa difícil cidade artística que é Hollywood. Durante mais de 10 anos ela tem atuado diante das câmeras. Ingressou no cinema por intermédio de um concurso de beleza — e quem, senão ela, poderia vencer? Apesar dos anos decorridos, o "oomph" de miss Sheridan ainda está bem conservado — ou será o seu próprio "oomph" quem a conserva? Ainda recebe assovios na rua e quando vai à praia consegue paralisar o trânsito — pois só atravessa a rua com o sinal fechado. Sua próxima película será "A Felicidade Bateu à Porta" (Good Sam), dirigida por Leo McCarey para a RKO. Nesse filme, miss Sheridan aparecerá ao lado de Gary Cooper, fazendo o papel de sua esposa. É um filme que focaliza a intimidade de um casal, sua vida particular, seus problemas e seus momentos de alegria. Ann Sheridan, dizem, lutou seriamente para fazer sobressair o seu talento ao seu "oomph" — mas, de nossa parte — ainda achamos que é um páreo duro...



Algumas sugestivas cenas do bailado "THE RED SHOES" interpretado no filme "Os Sapatinhos Vermelhos", por Margot Fonteyn e Robert Helman

UM dos motivos da renascença das artes na Inglaterra, durante os últimos dez anos, tem sido o desenvolvimento do "ballet". Se olharmos para o passado, veremos que o divertimento mais apreciado pelos britânicos durante os quarenta anos do século vinte é a dança; particularmente as que são interpretadas pelos grandes executantes russos: Pavlova, Nijinsky, Karsavina, todos foram transformados em verdadeiros ídolos.

Mas, convenhamos, que o gosto e a admiração pela dança é privilégio de toda pessoa de bom gosto, e, não só na Inglaterra, como em todas as partes do mundo, a coreografia vem sendo aplaudida e admirada com entusiasmo. O cinema não se furtou ao prazer de focalizar longos trechos de "ballet" e, em alguns casos, escrever histórias sobre bailarinos e bailarinas, sobre a dança e seu ambiente fascinante. Se não me engano, foi Loretta Young quem viveu, há alguns anos, a figura de Pavlova, numa biografia cinematográfica feita em Hollywood. Aliás, inúmeras películas do gênero têm sido elaboradas nos estúdios californianos, e a bilheteria das mesmas bem comprova o agrado que elas exercem sobre o público. "A Dança Inacabada", apesar de conter um argumento fraco, direção fraca, foi um tecnicolor apreciável, especialmente nas cenas de "ballet" que o filme apresenta. "O Espectro da Rosa", talvez o melhor que tenha sido realizado no gênero, contava-nos uma história interessante, decorrida dentro dos próprios bastidores. Mas, a bem dizer, a verdadeira história, com espírito cinematográfico, com uma apresentação à altura do assunto a ser objetivado, ainda estava por ser filmada. E é nesse pedaço de nossa crônica que entram em cena, mais uma vez, os nossos amigos ingleses.

O "BALLET" NO CINEMA

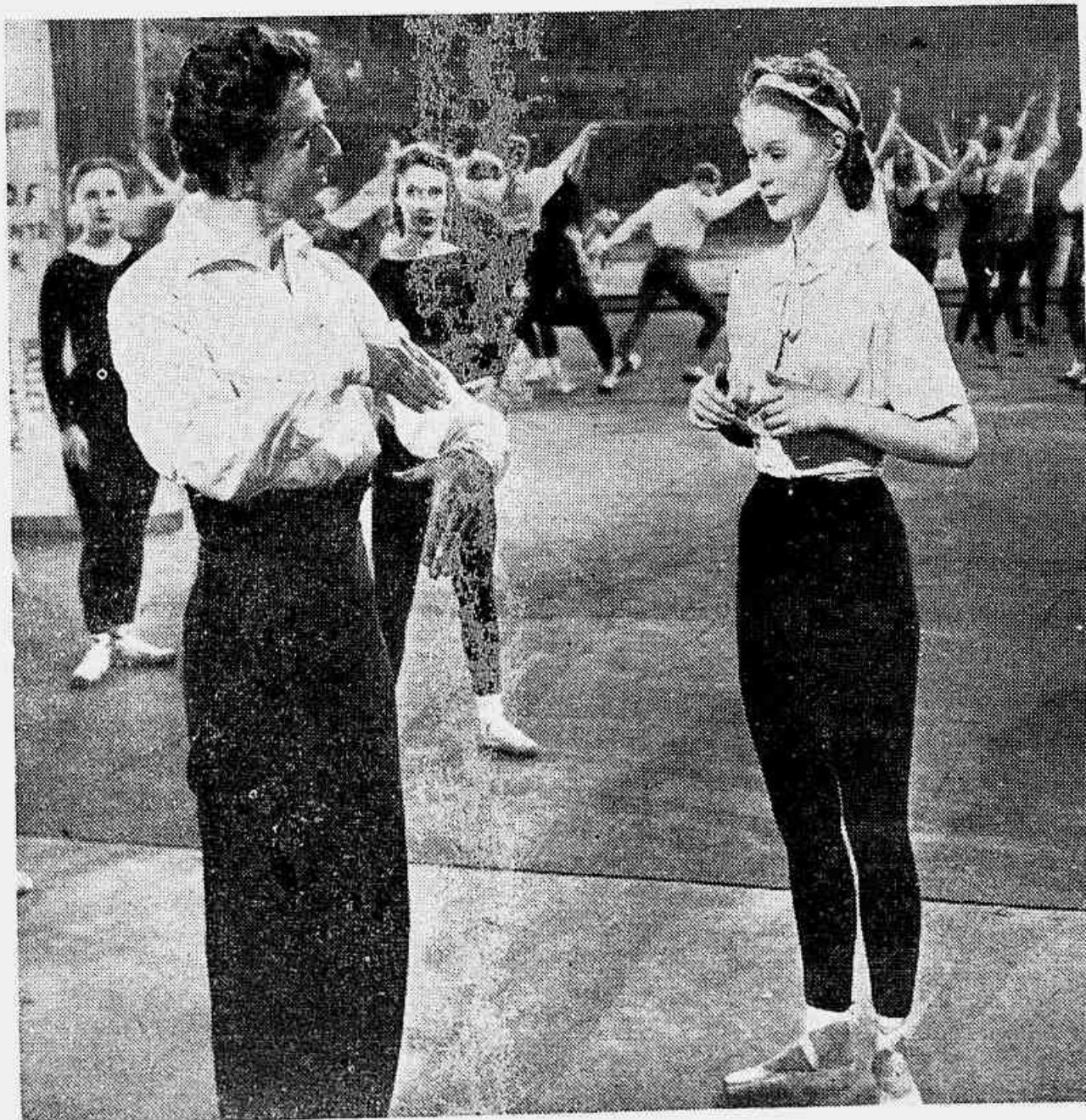


Michael Powell e Emeric Pressburger, a dupla que produziu, escreveu e dirigiu "Neste Mundo e No Outro" e "Narciso Negro", duas das melhores produções do moderno cinema inglês, resolveram fazer um filme de "ballet". Metuculosos que são em seu trabalho, tiveram o cuidado primário de escolher os ídolos do momento para figurarem no "cast", em primeiro plano. Margot Fonteyn, nascida na Inglaterra; Robert Helmann, australiano, e Moira Shearer, escocesa, que representam, atualmente, o "ballet" moderno da Inglaterra, foram os escolhidos. Depois de escreverem uma história inteligente, jogaram esses artistas na cena, deram-lhes vida movimentaram-nos à sua vontade, e surgiu, assim, mais um fabuloso tecnicolor da notável dupla: "Os Sapatinhos Vermelhos". Independente de dançarem os velhos clássicos, como Giselle, Les Sylphides e Swan Lake, que continuam sendo os favoritos dos balletô-

manos, existe, nessa película, algo de novo. Pela primeira vez, serão apresentados números de "ballet" cuja coreografia foi elaborada especialmente para ser apresentada no cinema. Os artistas dançam, no filme, como costumam dançar na realidade. E o número de maior sensação, e de beleza plástica é o bailado "The Red Shoes", escrito especialmente para o filme. A filmagem dos bailados obedeceu à uma norma previamente estabelecida: muito espaço e muito movimento. Isso permitiu que a câmera se movesse com facilidade, apanhando ângulos sugestivos, sem limitar-se a "takes" parados, a "close-ups", e cortes sucessivos.

Leonid Massine, que faz no filme o papel de sapateiro, foi encarregado de toda a parte coreográfica. Seus bailados são célebres na história da dança e, como intérprete, tem equilíbrio de técnica (gesto, emoção dosada, senso de estilo) que o coloca no plano de autêntico valor universal. Massine é um dos mais famosos coreógrafos e bailarinos do mundo. Vem dedicando-se à coreografia há cerca de 50 anos, fazendo bailados clássicos e modernos, num nível que o conserva sempre como um criador atual.

Se excetuarmos os filmes de Fred Astaire, e mais uns dois ou três filmes musicais, raramente a dança tem sido apresentada satisfatoriamente no cinema. E a dupla Powell-Pressburger vem marcar mais uma vitória. A crítica mundial louvou o seu trabalho e não tem poucado elogios a essa obra realmente artística. Portanto, não só os fanáticos pela dança o apreciarão; os apreciadores de música, os apreciadores de um bom argumento também gostarão. E os de bom cinema, como o é em realidade, o cinema dessa dupla.



"Os Sapatinhos Vermelhos" é um filme feito pela dupla Michael Powell-Emeric Pressburger. Segundo as opiniões da imprensa inglesa e norte-americana, foi o melhor já realizado até hoje. (Fotos Eagle-Lion)

CONTRASTES DA MODA



DOIS NOVOS MODELOS

Beatrice Campbell, "estrela" da Europa Sul-América Filmes, é a portadora destas originais criações, que muito enfeitarão o seu guarda-roupa para noite. Ao alto, um modelo para passeio em tafetá preto, completado por drapeados em crepe rosa e barra de "tulle" na saia; em baixo, originalíssimo traje para noite em tafetá e gaze preta.



JEANNE
LAFABRIE



JACQUES
HEIM



reto, abrindo-se em fenda dos joelhos para baixo, a fim de facilitar o andar, enquanto o outro tem um amplo babado de tule, na altura dos joelhos

A moda atual está marcada pelos seus vivos contrastes; contrastes que se encontram na variedade de suas linhas e de suas formas. Para ilustrar esses contrastes, eis quatro modelos para a noite: nos dois primeiros, nota-se a localização eposta da cintura; enquanto num a linha desce até sobre os quadris, noutra ela sobe até sob o busto, numa inspiração Império. Nos dois segundos, também para a noite, um é ajustado ao corpo,



CHAPÉUS MODERNOS

De Paris, chegam-nos estas duas originais e notáveis sugestões em matéria de chapéus, assinados por modistas famosos. Ao alto: Uma aba plissada, dá um "toque" de originalidade à este modelo de Jean Barthelet, em cetim verde. Em baixo: Um motivo de "paillettes" se reflete neste pequeno chapéu rosa de Dominó.



week-end NA COZINHA

CULINÁRIA

Os bifes ficarão muito mais saborosos se forem bem temperados pelo menos três horas antes de serem fritos. ★ Hoje, que a carne é tão rara, é preciso saber aproveitá-la da melhor maneira possível. Os "contra-pesos" podem ser aproveitados para bolinhos e almôndegas, e até a própria gordura pode ser derretida e usada para frituras. ★ O arroz ficará também muito mais gostoso se o refogado for feito com pedaços de carne.

★



Barbara Bel Geddes, da RKO, faz, "assistida" por sua filhinha Susan, o famoso prato americano "ham and eggs"

MIOLOS FRITOS COM OVOS

Cozinhe com todos os temperos 1 miolo depois de muito bem lavado. Parta-o em pedaços e na mesma caçarola quebre 3 ovos batidos. Tempere com sal e pimenta, e depois de bem frito retire e sirva com salsa picada.

CENOURAS ESTUFADAS

Afervente e corte em rodela algumas cenouras grandes. Coloque-as na caçarola com toucinho "bacon" picado, pimenta, cebola e salsa. Regue com um pouco de caldo de carne, abafe a panela e deixe cozinhar lentamente.

SALADA DE CEBOLAS

Corte cebolas em rodela finas e deixe-as em água durante uma hora. Prepare o seguinte molho: ferva com um pouco de azeite, 1 alho bem esmagado

e retire-o em seguida. Adicione mais azeite e vinagre, mistura muito bem e vá pingando aos poucos sobre uma gema batida. Condimente com sal e pimenta e misture as cebolas, servindo-os com salsa picada.

LINGUA SÊCA COM "PETIT-POIS"

Corte em fatias finas $\frac{1}{2}$ língua seca, deite-a de molho em água fria e no dia seguinte retire a pele grossa e escale-o bem. Escorra essa água e reserve. Prepare um bom refogado com tomate, cheiro verde, cebola, aipo, pimentão. Junte as fatias já cozidas, e refogue, adicione mais água e deixe reduzir para então juntar azeitonas, presunto e "petit-pois".

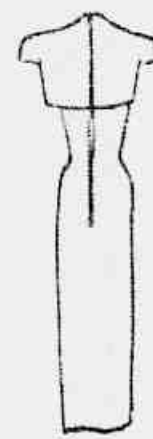
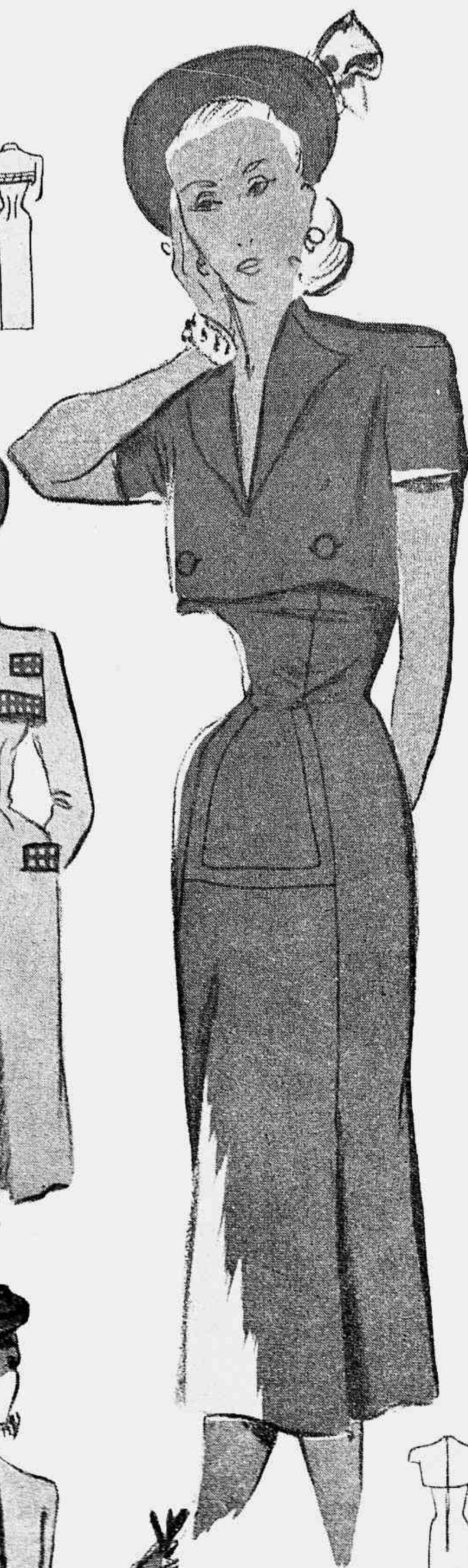
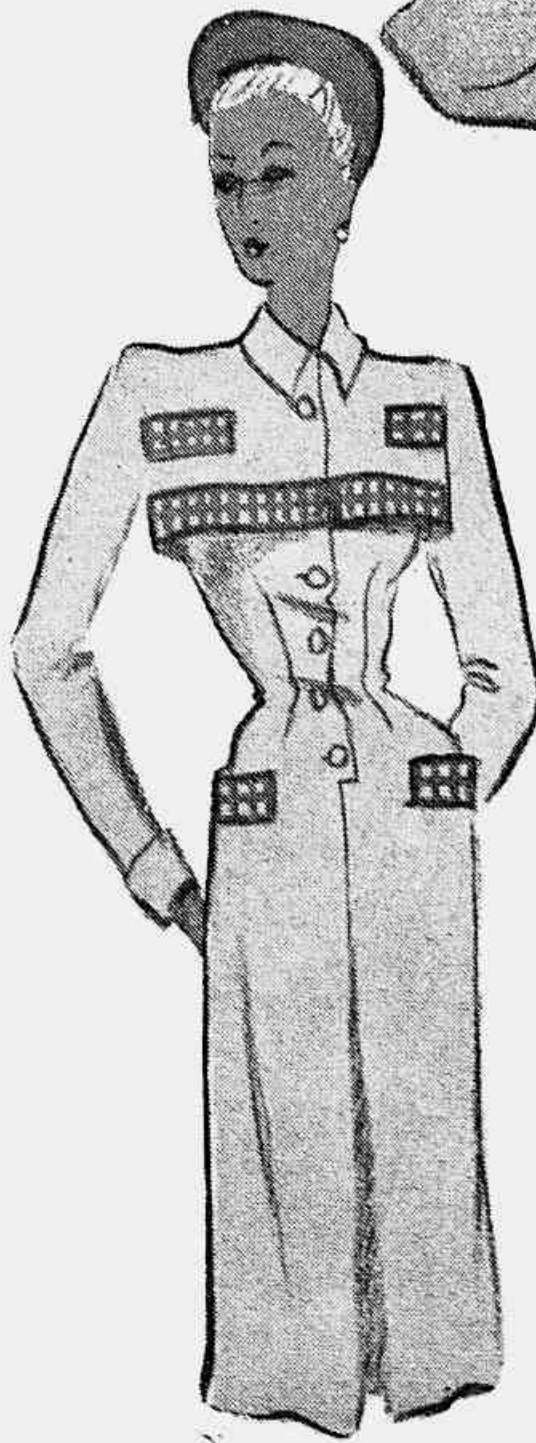
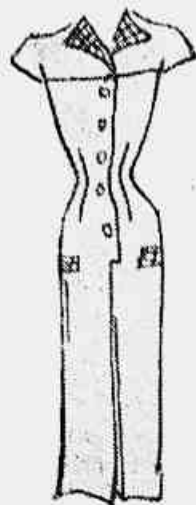
ARROZ DE LEITE COM CÔCO

Misture 1 litro de leite com leite de 1 côco, 100 grs. de açúcar e $\frac{1}{2}$ fava de baunilha e leve ao fogo. Logo que levantar fervura adicione 1 xícara de arroz bem lavado. Quando estiver quase seco, misture $\frac{1}{2}$ xícara de bagaço do côco, deixe acabar de secar e deite em forma molhada. Leve à geladeira.

DOCE DE BANANAS

Faça uma calda com $\frac{1}{2}$ quilo de açúcar, porem faça-a muito rala. Junte algumas bananas prata inteiras e deixe-as ferver lentamente até que fiquem bem vermelhas.

★



BOLERO

A PESAR das "echarpes" e das estolas o bolero continua mantendo-se em moda. Ora mais curtos ora mais longos, eles vão permanecendo em cartaz. Eis alguns modelos cuja graça reside particularmente nos seus boleros. São modelos leves e graciosos próprios para passeios à tarde sem muita complicação. A execução de qualquer um deles está bastante ao seu alcance.

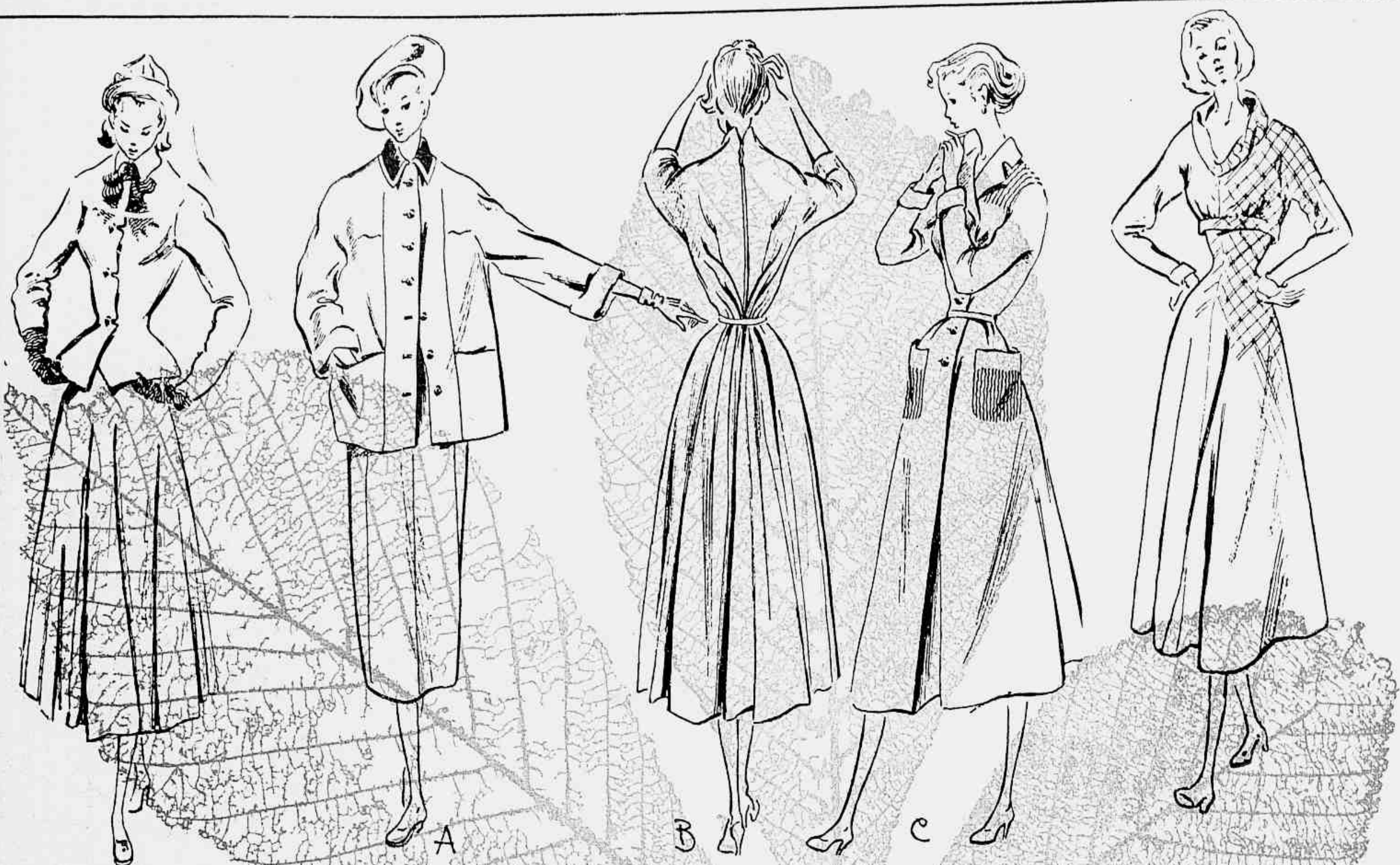


Adolescentes

LONGE vai o tempo em que vestir uma adolescente era tarefa das mais ingratas. "A idade não ajuda", diziam as mães e vestiam suas filhas de maneira quase ridícula. Felizmente tudo isso já passou e as adolescentes de hoje possuem desenhistas e costureiros que trabalham somente para torná-las graciosas e elegantes. Vejam, por exemplo, os modelos de Mary Eleanor Donahue, "estrelinha" da Metro-Goldwyn-Mayer.



A esquerda: Em tecido para verão verde, com enfeites em cadarço de seda branca. Blusinha de organdi também branca. Ao alto: à esquerda: Uma saia e um colête, completados por uma blusa branca com "pastron" de nervuras e babados franzidos. Lacos de veludo negro. Bolsos na saia com abas triangulares. A direita: Modelinho em "piqué" branco, saia franzida, lencas altas, deixando entrever a blusinha em bordado inglês



PIERRE BALMAIN

LOLA PRUSAC

GRÈS

ANNY BLATT

CLAUDE D'ARCY

PARA O OUTONO



NINA RICCI

MARCELLE DORMOY

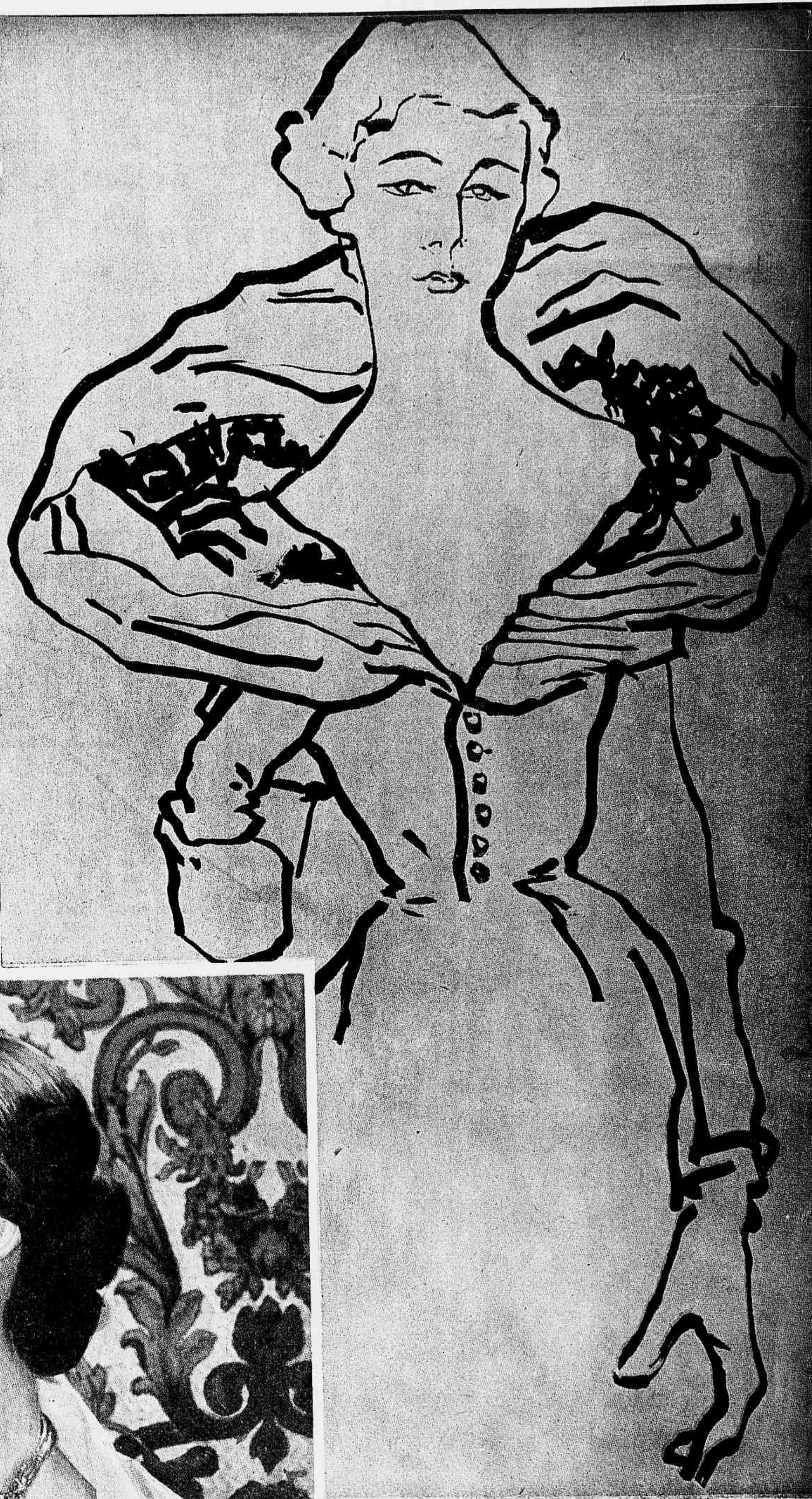
HENRY A LA PENSÉE

JEANNE CONSTA.

PELO nosso calendário, já estamos no outono. Os dias deveriam ser mais frescos, as tardes mais frias... Se ainda não chegou, no entanto, a época de usarmos vestidos mais pesados, em sêda ou em jersey, já, porém, é tempo de irmos pensando neles. O outono de Paris nos trouxe estas encantadoras sugestões que já podem ir sendo aproveitadas pelas nossas elegantes patricias.



PARA a noite ou para o dia, êles são cada vez mais audaciosos. Não há mulher elegante que não esteja aderindo aos decotes. Realmente, êles são encantadores e, como tornam atraentes as suas portadoras!... Aqui, dois decotes para vestido de noite; um cobrindo um só ombro, outro enriquecido por uma gola drapeada, arrematada por crisantemos. O outro decote, para um vestido "d'apres-midi", tem a realçá-lo uma gola verdadeiramente extraordinária.



Decotes

FLORENCIO

CONTO DE FRANCISCO MARINS

O sol começava a descambar para o ocaso quando, subitamente, os nossos machados, que entoavam a música descompassada da derrubada, silenciaram com um grito rouco vindo da boca do grotão.

Pensei logo num acidente. Tantos já vira. Um golpe mais forte que aparava de vez um galho piúca. Um tombo de árvore mal calculado...

Corremos todos a acudir o companheiro, saltando sobre a galhada e os troncos tombados.

Logo adiante encontramos o preto Tomás, com enorme cacete à mão, batendo repetidas vezes no chão.

Nosso susto aumentou. Algum companheiro mordido por cobra!

— O que foi?!

— Cascavel pegou Henrique!

Tôdas as expressões se contraíram.

O homem estava encostado a um tóco, trêmulo, esverdeado.

Não pôde falar. Apontava apenas para a cobra que se contorcia, já morta, sob as porretadas fortes de Tomás.

Ladislau, chefe da nossa turma de derrubadores, tirou um lenço vermelho do pescoço, todo encebado e úmido de suor, e amarrou-o na perna do homem, um pouco acima da mordedura.

Damião, um mulato musculoso, tirou um tóco de fumo macia do bolso, mascou um pedaço, fez um bolo escuro e colocou-o sobre a marca da mordida.

Barnabé quis colocar a boca sobre a machucadura e chupá-la. Pensava, assim, impedir a subida do veneno.

Henrique impediu-o, gemendo:

— Você tem falha de dentes. Pode pegar veneno também.

Todos olhavam meio encabulados para o companheiro suarento e barbudo.

As expressões rudes de tantos homens, capazes de tudo, se contraíam. Mas ninguém tinha a coragem de dizer uma palavra de consólo.

Cascavel! Cascavel! Cascavel!

Esse nome martelava em minha cabeça. A cobra temida por todo mateiro.

Naquele dia ninguém mais trabalhou.

Ladislau pediu que recolhêssemos as ferramentas e logo voltássemos para a casinha de madeira que tínhamos erguido na montanha.

Estávamos reduzidos a oito homens.

A derrubada, para avançamento da estrada de rodagem naqueles confins do sertão, começara com mais de uma centena de machados. Pagavam um preço por dia. Mas poucos passaram dos dois primeiros meses de trabalho.

Era um inferno trabalhar naquele rincão bravo. Os perigos cresciam à medida que furávamos a mata. A vila mais próxima era Cangerão, com dois dias puxados de viagem, no lombo de um matungo. E, para a frente, só a floresta misteriosa e assassina, que escávamos dia após dia, a golpes de machado e a rasgões de serra, abrindo a picada por onde, algum tempo depois, passaria a civilização, rodando para frente.

Mas a maioria logo desistia, desanimada de enfrentar, numa luta desigual, a maleita à beira dos pântanos, os mosquitos, as feras e os répteis, além do estafante trabalho de sol a sol, naquele recanto tão afastado do mundo.

Ficamos só oito. Isto mesmo graças à amizade que nos unia a Ladislau.

Homem valente esse. Pegava empreitadas como essas de furar o sertão. Arranjava homens de todos os naipes, vindos do fim do mundo. Terminado o serviço repartia com eles o dinheiro recebido. E o seu machado era contado por um. Seu brado valia o dos outros.

Por isso todos gostavam de trabalhar com ele.

Era o chefe ideal daquele grupo de homens que pouco tinham de seu, para ligar-

se ao mundo, a não ser a esperança de recomeçar, um dia, de novo, em qualquer parte.

— Eu levo Henrique para casa — bradou Ladislau, alçando ao ombro musculoso o companheiro que gemia.

Seguimo-los silenciosos.

No acampamento Ladislau havia estabelecido uma única regra de vida. Ninguém devia perguntar pela vida do outro. Falávamos apenas do futuro. Todos guardavam religiosamente seu dinheiro, tão penosamente ganho. Ele era o futuro para apagar o passado. Só do amanhã todos viviam.

Ladislau ia resmungando.

— Faz tanto tempo que pedi o sóro contra cobras e ainda não mandaram!

De tempos em tempos apareciam uns cargueiros no acampamento. A comitiva trazia o nosso dinheiro e o entregava a Ladislau. Este o repartia, à vista de todos, em partes iguais. Vinha também os abastecimentos para longa temporada e algumas encomendas nossas. Nenhuma carta. Nem jornal. Poucos sabiam ler.

Verificado o rumo da picada, dadas algumas ordens novas, voltava a comitiva, pelo único sulco que nos ligava ao mundo.

Recomeçávamos a luta. Esperando, algum dia, novamente, a volta da comitiva, com dinheiro e comida.

Perdêramos a noção do tempo.

Marcávamos os dias de trabalho por um prego numa cancelleira gigante à entrada do casinholo. Quando vinha o pagamento, lavrávamos a árvore, recomeçando a marcação.

Não sabíamos quando era domingo, feriado, dia santo. Todos os dias eram iguais. Ladislau estabeleceu um para descanso, após sete de trabalho.

Quando chegávamos à casinha, apareceu Bento, que nessa semana estava incumbido da cozinha, com uma enorme paca às costas, para o jantar.

Henrique foi estendido sobre o seu girau, ardendo em febre e dor.

Ficou imóvel, longo tempo, passeando os olhos sobre cada um dos companheiros.

As horas se arrastaram pesadas no silêncio da noite que se foi alargando em sombras.

Ninguém dizia uma palavra.

Olhei para Henrique.

Impressionante como esse homem se agarrava à vida que queria se lhe evaporar aos efeitos do terrível veneno. Era como se se apegasse a alguma coisa invisível que ainda o mantinha soerguido, do duro estrado de madeira, a relancear um olhar mortício sobre cada um de nós.

Aquilo cortava o coração mais duro.

Henrique sempre fora a alma boa do acampamento. O único que, entre aqueles homens rudes, sabia às vezes dizer uma palavra mais humana. Recorde-me que o vi certa noite, quando apagamos o lampião, murmurando alguma coisa em seu leito. Fazia suas orações às escondidas.

Não pude mais ficar ali, naquela única salinha do casinholo, onde todos dormíamos, e saí para o terreiro.

Uma lua enorme levantava-se por trás da mata, clareando tudo.

Damião pegou em meu braço:

— Tá perdido. Morre esta noite.

Tirei uma baferada e cuspi entre dentes. Ladislau fora debruçar-se sobre uma pedra, desanimado com a sorte do companheiro.

Pobre do Henrique. Cangerão a dois dias de viagem.

Ninguém ali por perto que pudesse socorrê-lo. Nenhum morador...

— Ninguém?

De repente tive uma lembrança. Agarrei Ladislau pelo braço e murmurei-lhe aos ouvidos:

— Olha, por que a gente não chama Florencio?

(Continua na pág. 48)

Ilustração de FERNANDO PEREIRA
Selecionado pela REVISTA DA SEMANA

FERNANDO P



Dr. SABOIA RIBEIRO

GESTAÇÃO E CRIANÇA

A GRAVIDEZ se reflete, em toda a sua duração sobre o feto, e assim as anormalidades que recaem sobre a gestante e o momento do parto, atingem-no fatalmente. As manifestações tóxicas ocasionam ora a eclampsia, ora o nati-morto (a criança já nasce morta). De outras vezes a criança nasce antes de tempo, porém não consegue sobreviver por um desenvolvimento ainda imperfeito de certos aparelhos e órgãos (é este o caso de muitos prematuros). As vezes surgem taras inferiorizantes na criança por motivo de uma gravidez descurada, e a criança somente começa a caminhar por volta dos 4 ou 5 anos.

Hoje todos estão de acordo em reconhecer que não é a sífilis a maior responsável, nem pelos abortos, nem pelos nati-mortos, mas a intoxicação do organismo materno, durante a gravidez, que pode levar até a eclampsia. É o exame de urina que permite às vezes descobrir a intoxicação, levando a outras investigações mais minuciosas.

Em primeiro lugar, passam-se muitas modificações no organismo materno capazes de criar condições desfavoráveis sobre o feto, senão são, em tempo, vigiadas; e por efeito de uma insuficiência dos emunctórios (fígado, rins), alguns distúrbios em regra muito sérios, podem sobrevir e comprometer a evolução normal da gravidez.

As náuseas e vômitos da gravidez são resultado das novas condições do organismo da mulher, onde o estado do fígado e do rim devem ser vigiados, impondo naturalmente de certas medidas, a fim de que cessem o mais depressa suas consequências.

A cessação espontânea da gravidez nos primeiros tempos é acidente muito comum, entre essas consequências.

Antigamente o aborto era atribuído, exclusivamente à sífilis, porém, hoje, se atribue uma influência muito maior à toxemia gravídica (náuseas, vômitos), que mata o produto da concepção ainda nos primeiros tempos.

A morte do feto ocasionada pela sífilis não ocorre tanto logo no começo da gravidez, observando-se que, em sucessivas gravidezes, a despeito da sífilis da mulher, o nascimento do feto vivo é cada vez menos obstaculado.

Uma gravidez, porém, que evolui no meio de fenômenos tóxicos gerais ligados a uma insuficiência dos emunctórios (principalmente fígado e rins), a interrupção é manifestação frequente, e tanto mais facilitada quanto mais está ela em começo.

O nascimento de muitos prematuros são devidos, exclusivamente à toxemia gravídica, e como nem todos vingam, dadas as condições especiais de pouca vitalidade, logo se vê quanto pesam na nati-mortalidade e neo-natalidade as toxemias gravídicas.

Com relação à tendência da sífilis de ocasionar nati-mortos em série, observa-se a particularidade que, em relação à anterior, cada gravidez alcança um desenvolvimento maior até o momento da expulsão.

Deve-se ter como de origem sífilítica a expulsão do feto acima do 4.º ou 5.º mês, e devidas às toxemias a expulsão antes.

O bom funcionamento do fígado, durante a gravidez, é de uma importância capital para o feto.

Está provado, hoje, que, em face de suas perturbações na gravidez, e coincidindo com certos estados ictericos, podem surgir na criança perturbações no sistema circulatório e a boa coesão dos seus elementos sanguíneos, os quais levam às hemorragias no momento do parto com todas as suas funestas consequências.

Se muitas encefalopatias infantis, com suas paralisias diversas e múltiplos quadros (paralisias, defeitos no desenvolvimento da inteligência da criança), encontram nos traumatismos obstétricos e partos prolongados a sua única origem (e a verdade é que, muitas vezes, o parto não decorreu normal porque a gestante não se submeteu, antes, aos exames pré-natais e não teve assistência durante a gravidez); também não pode dúvida que muita vez acontece isso devido exclusivamente a uma perturbação do fígado da gestante que deixou de ser devidamente tratada durante a gestação.

As deficiências nutritivas da gestante sempre se refletem sobre o feto de modo funesto. Certos elementos, já na gravidez, devem ser transmitidos ao feto de modo que este nasça com boas reservas deles, assim o ferro e as vitaminas, sob pena de se manifestarem, nele, logo nos primeiros tempos, francos sinais da doença.

Uma gestante mal alimentada, em cujas refeições não entre a quota bastante de sais minerais (ferro, cálcio e fósforos), dará nascimento a criança naturalmente predisposta ao raquitismo e às manifestações convulsivas.

Por outro lado da falta dos cuidados durante a gestação decorrem a miude eventualidades difíceis em que só tardiamente são tomadas providências para salvar a vida da parturiente e do feto, às vezes em condições não boas de ambiente e meios para o médico agir.

É nessas condições que a criancinha, muitas e muitas vezes, vem à luz já doente, incapaz de viver ou, mesmo já morta, em que pesem providências tomadas de última hora, porém, já tardias.



A AUTO-SUGESTÃO

É importantíssimo o poder da auto-sugestão na educação da criança. Por meio dela, podemos fazer de um tímido um ousado, de um mentiroso um honesto, de um pessimista um otimista. Tudo depende do conhecimento que os pais tenham do assunto e da sua habilidade para empregá-lo. Muitas vezes, são os próprios pais que criam nos filhos sentimentos nocivos à sua personalidade, como, por exemplo, o medo, a timidez e o complexo de inferioridade. Esta é uma forma negativa da auto-sugestão.

É muito comum, infelizmente muito comum mesmo, ouvirmos pais que dizem aos filhos: "Qual, você não passa de um poltrão!"; ou ainda: "Vê? Fulano é muito mais sabido do que você"... Quando não os assustam pintando a vida o mais negro possível, para pessoas fracassadas como "naturalmente virão a ser"... Ignoram que estão criando na criança uma série de complexos que muito dificultarão o seu caminho pela vida, quando muito mais útil e proveitoso seria inculcar-lhes um sentimento oposto, estimulando-os e encorajando-os por meio da auto-sugestão benéfica e positiva.

À força de tanto ouvir dizer "você é inteligente", "você é um bravo", "sei que posso confiar em você", "sei que você fará tudo o que estiver ao seu alcance", "você tem bons sentimentos", etc., a criança acabará por se convencer de que realmente possui todas essas qualidades e se esforçará para conservá-las.

Ao estimular e encorajar a criança, é preciso, no entanto, que haja o cuidado de não torná-la pretensiosa e arrogante. Ela deverá encarar com naturalidade as suas próprias qualidades, e aí também entra em ação a habilidade dos pais. Este, porém, é um outro problema. O importante, no momento, é trabalhar para a formação da personalidade de um indivíduo, dar-lhe noção do seu próprio valor e do aproveitamento desse valor. É isto se consegue pela auto-sugestão.

★

CONSELHOS — A vida ao ar livre e a boa alimentação são as coisas essenciais à vida da criança. ★ Mesmo sacrificando o seu próprio conforto, procure proporcionar essas duas coisas aos seus filhos. ★ A alimentação deverá ser nutritiva, eficiente e variada.



Kathryn Grayson, da MGM, exhibe, orgulhosamente o seu rebenito



Arlequim vai servir a sôpa a Beatriz e Pantaleão, quase derrubando Briguela e a sopeira...

PANTALEÃO dos Bisonhos havia prometido a mão de sua filha Rosaura a Frederico Rusponi, rico senhor de Turim. Chegou a notícia de que Frederico falecera em um duelo, notícia essa que muito alegrou Rosaura, pois que amava Silvio, filho do Dr. Lombardi.

Celebrava-se, então, o noivado de Rosaura com Silvio, quando Esmeraldina, a criada, anuncia a chegada de um estranho moço.

— "Faça-o entrar", ordena Pantaleão. Entra Arlequim, que após namorar Esmeraldina, anuncia a visita de seu amo, Frederico Rusponi.

— "Frederico Rusponi"? indaga incrê-

ARLEQUIM, SERVIDOR DE DOIS AMOS

dulo Pantaleão, "não é possível. Esse senhor está morto".

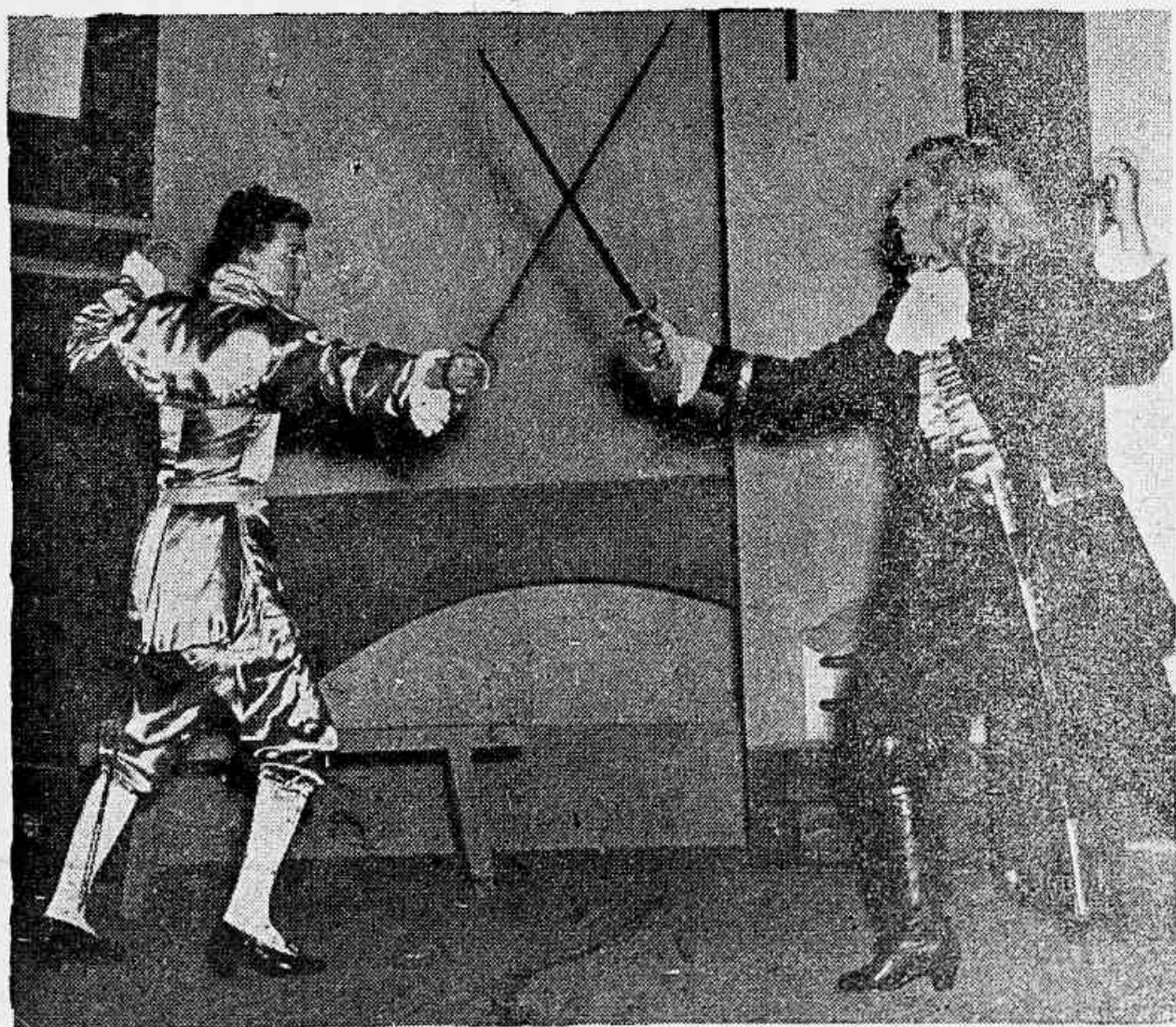
— Meu patrão está morto? Agora mesmo deixei-o lá em baixo bem vivo... Coitado..."

— "Você deve estar louco, mas chame a pessoa que ficou lá em baixo..." Arlequim vai buscar o patrão e surge o pseudo Frederico Rusponi, na pele de sua irmã Beatriz, que apresenta provas cre-

denciadas de que é Frederico. A estupefação é geral, pois isso vem transtornar todos os planos. Frederico, ou melhor Beatriz, reclama a mão de Rosaura e o dinheiro que Pantaleão lhe deve. Este concorda com tudo, prometendo resolver mais tarde. Dr. Lombardi e Silvio, saem furiosos, e Rosaura não esconde sua raiva.

★

Arlequim está em frente do hotel, impedindo contra seu amo que até agora não aparecera para almoçar. E seu estômago ansiava por comida... Nisso, aparece um senhor que vai hospedar-se no



Silvio e Beatriz, no duelo em que o primeiro é derrotado

CARLO GOLDONI, poeta e dramaturgo italiano, nasceu em Veneza em 1707 e morreu em Paris em 1793. Formou-se em Direito pela Universidade de Pádua, profissão que nunca exerceu. Desde cedo, dedicou-se ao Teatro, representando em Veneza, Pádua e Verona. Mais tarde foi chamado a Paris pelos nobres da corte, onde se tornou mestre das filhas do rei. Escreveu cerca de 150 peças, entre elas: — Amalasunta, Belisario, La notte critica, Momo Cortezan, La Bancarrota, Donna di garbo, L'Impostore, Il caffè, Pamela Nubile.

É o autor de "Il servitore di due padroni", que escreveu em 1745. Embora data do século XVIII, é de uma atualidade inexplicável, provocando boas risadas durante a apresentação.

Sergio Cardoso veio ratificar o conceito que unanimemente lhe atribuíram. É um verdadeiro ator. Venceu galhardamente a prova a que se impôs, dando-nos um "Arlequim" de uma leveza absoluta, com uma facilidade extrema para se locomover e fazer rir. Não é "apenas" o Hamlet... Rejane Ribeiro formou com Sergio Cardoso a dupla que unanimemente lhe atribuíram. É quase surpreendente. A cena em que os dois aparecem, no 2.º ato, é o ponto máximo da peça. Jaime Barcellos como "Pantaleão", pareceu-nos um tanto "Rosencrantz"; nota-se em sua gesticulação a sombra do personagem de Sha. Kesper, embora colocando-se em destaque. Luis Linhares, elemento tão equilibrado como "Horácio", no "Hamlet", esteve desambiantado na obra de Goldoni, se bem que o seu papel seja ingrato. Beyla Genauer, assim como Sergio Britto, melhorou nesta última peça, não chegando, porém, a dar uma representação uniforme. Elisio de Albuquerque e Zilah Maria, discretos no "Dr. Lombardi" e "Rosaura", respectivamente. Wilson Grey foi infeliz no seu "Briguela". O conjunto não é homogêneo, faltando o equilíbrio geral do espetáculo; mas não podemos exigir demasiadamente de elementos novos e inexperientes, que muito poderão fazer pelo Teatro.

Ruggero Jacobbi dirigiu a representação e foi cenarista e figurinista. Seus cenários agradaram. O segundo, tomando a frente da "locanda" é de rara felicidade. O cenário azul e o cor-de-rosa, talvez discretos demais. Os figurinos de Ruggero satisfariam plenamente caso os personagens aparecessem isolados. As vestimentas não tiveram a harmonia que poderiam ter.

O final da peça constitui em uma cena de "ballet", faltando marmecação para um entrêcho feliz. Se finalizasse na cena em que os painéis se separaram, separando, também, "Arlequim" de "Esmeraldina", seria de maior agrado. Em tudo se insinuou a bela música de Massarati.

Enfim, o espetáculo do Teatro Ginástico confirmou o valor inegável de Sergio Cardoso, familiarizou-nos mais com Goldoni, mostrou-nos a capacidade de Ruggero Jacobbi e proporcionou-nos horas de humorismo sadio.

JOSÉ FOMM

DISTRIBUIÇÃO:

Pantaleão dos Bisonhos. JAIME BARCELOS
 Rosaura, sua filha. ZILAH MARIA
 Doutor Lombardi. ELISIO DE ALBUQUERQUE
 Silvio, seu filho. LUIZ LINHARES
 Beatriz Rusponi. BEYLA GENAUER
 Florindo Aretusi. SERGIO BRITO

Briguela, hoteleiro. WILSON GREY
 Esmeraldina, criada de Pantaleão. REJANE RIBEIRO
 Arlequim, criado de Beatriz e de Florindo. SERGIO CARDOSO
 Criado-Carregador do hotel de Briguela. T. ZANOTTA

AÇÃO: VENEZA, ANO DE 1745

A história toda se passa em torno de uma audaciosa resolução de Arlequim Badalo. Quer servir a dois amos, sem que um saiba do outro...

hotel de Briguela. Arlequim ajuda o carregador do desconhecido, que mal aguenta com a bagagem. Após o auxílio, o recém-chegado oferece emprego a Arlequim, que aceita, afirmando estar desempregado. "Quero ter conhecimento de minhas habilidades... Servirei a dois amos, sem que um saiba do outro..." pensa o matreiro criado. Recebe como primeira incumbência a de ir ao correio buscar a correspondência de Florindo Aretusi, seu novo amo; Beatriz também lhe havia dado a mesma tarefa.

Silvio, querendo vingar-se do usurpador de sua noiva, manda Arlequim, que estava a caminho do correio, chamar o patrão. Na dúvida, qual dos dois, chama o primeiro que viu, isto é, Florindo. Silvio, quando puxa da espada para bater, se em duelo com o rival, verifica o engano. Pede desculpas e explica: "O seu criado é muito parecido com o criado de um senhor de Turim, do qual eu quero vingar-me".

— "De Turim?", indaga Florindo. "E como se chama esse senhor, pois como sou também de Turim, talvez o conheça".

— "É um tal de Frederico Rusponi...", responde Silvio.

— "Não é possível; este homem já morreu", afirma Silvio convicto.

— "Isso é o que todos dizem, mas garanto que está vivo, pois estive comigo em casa de minha noiva!"

Silvio despede-se e sai. Florindo fica estupefato com essa notícia. Fôra ele próprio acusado da morte de Frederico. Não podia ser um fantasma! Estaria vivo? E em Veneza!? Frederico era contra o namoro da irmã com Aretusi, e isso causou a briga entre ambos. Quando cogitava sair de Veneza, aparece Arlequim de volta do correio.

— "Encontrou cartas para mim"? indaga o novo patrão.

— "Sim, meu amo..." responde hesitante Arlequim. Não sabia ler, e tinha nas mãos cartas para os dois amos. Como entregar a Florindo, somente a que lhe pertencia? Depois de uma terrível dúvida, entrega a carta de Beatriz. Florindo ao ler o nome da irmã de Frederico Rusponi, muito se espanta e quer saber como a missiva veio ter às mãos de Arlequim. E este, então explica:

— "A carta é de um criado amigo meu, o Paschoal, que pediu-me para ver se havia correspondência para sua patroa..."

— "E onde mora a patroa de seu amigo?"

— "Não sei, não senhor. Mas como vou encontrar agora mesmo o Paschoal, poderei saber onde mora..."

Florindo abrindo a carta verificada que provem de um fiel criado de Turim, que notifica a Beatriz, que naquela cidade, todos já sabiam que havia partido para Veneza em busca do apaixonado, Florindo. Este diante dessa afirmação, desiste de fugir.

★

Pantaleão procura Lombardi e ratifica o rompimento do noivado de sua filha com Silvio. Lombardi, furioso, corta relações com "uma pessoa tão leviana". Silvio, ao saber da confirmação, procura Pantaleão e ameaça-o com a espada. Felizmente surge Beatriz, que trava um duelo com Silvio, derrotando-o. Aparece, então, Rosaura (a quem Beatriz já havia revelado sua verdadeira identidade, exigindo, porém, absoluto sigilo) que vai falar ao noivo. Este, desapontado, e vendo o amistoso tratamento entre sua noiva e o pseudo Frederico, enfurece-se dizendo que não mais a quer. Rosaura, não podendo explicar a situação por força de sua promessa, ameaça suicidar-se. Esmeraldina surge e não deixa sua ama cometer tal gesto. Devido à impassividade de Silvio, Rosaura rompe definitivamente com o

mesmo. Esmeraldina, indignada, pergunta a Silvio:

— "O sr. ia deixar d. Rosaura suicidar-se?"

— "Ora, isso é encenação. Ela não faria tal coisa..."

★

Beatriz convida Pantaleão para almoçar e faz questão de ser servida por Arlequim. Este entende-se com Briguela sobre os pratos e principia a servir, quando aparece seu segundo amo que também quer almoçar imediatamente. O criado, após muita correria e susto, consegue, finalmente servir aos dois amos sem que um soubesse do outro.

★

Esmeraldina bate à porta do hotel de Briguela, para entregar uma carta a Frederico Rusponi. Briguela, que a atende, conta que o mesmo está almoçando e que neste caso, chamará o criado dele. Esmeraldina fica muito contente e Arlequim confessa o seu amor. A graciosa criada aceita a confissão, e pede para que entregue a carta ao amo. Arlequim, resolve abrir a carta, alegando que se fôr assunto que pode preocupar o seu querido amo, não entregaria. Depois de abri-la, arrependeu-se, pois não sabia ler e Esmeraldina também não. Quando tentava decifrar as complicadas letras, aparecem Pantaleão e Beatriz, que dá uma boa surra em Arlequim, pelo seu atrevimento.

★

Florindo ordena a seu criado de tirar as roupas da mala, ordem essa que Beatriz também lhe dá. Na hora, o estovado servidor mistura as roupas, tirando um retrato de Beatriz e botando-o no bolso do casaco de seu amo, e um livro deste na mala de Beatriz. Florindo, ao vestir o casaco, pergunta a razão daquela retrato em seu bolso.

— "Este retrato, senhor, é de um antigo patrão, que já morreu. Guardo o retrato comigo como lembrança."

— "Há quanto tempo morreu o seu amo... e era ele moço?" — pergunta surpreso Florindo.

— "Morreu há uns doze dias... e era tão moço que nem possuía barbas..." — responde Arlequim.

Ao ouvir tais palavras, Florindo não tem dúvidas que sua amada morrera, e sai desesperado.

— "Ué... que encrenca é essa? Por que ficou tão transtornado?" — pensa Arlequim, sem nada compreender.

★

Beatriz, pede a Arlequim para retirar da mala um livro de contas para conferir com o seu hóspede, Pantaleão. O criado, entrega justamente o livro de Florindo, e quando Beatriz o reconhece, indaga como apareceu em sua mala.

— "O livro é meu, sim senhor; não o reconheci porque pertenceu a um amo que morreu há mais ou menos doze dias, e ainda não me acostumei com o livro."

— "Morreu? Chamava-se Florindo Aretusi, o seu amo?"

— "Isso mesmo — morreu sim senhor" — responde Arlequim.

Beatriz, cai então em prantos e vendo que tudo estava perdido, confessa ser mulher. Nada mais restava, uma vez que seu amor estava morto! Pantaleão espantadíssimo, parte para narrar a sua filha e a Silvio o que seus olhos viram. Frederico, não era Frederico, era Beatriz!!!

(Continua na pág. 49)



Esmeraldina pede a Arlequim que entregue a carta a seu amo



Silvio, despetido pelo cordial tratamento entre Rosaura e o pseudo Frederico, não dá atenção a sua noiva



ITO sucedeu no verão passado, quando o comandante Hector Ford, recentemente designado para o vaso de guerra "Tigress", da marinha britânica, resolveu renunciar ao amor de Rosemary, para não prejudicar sua carreira naval.

Esse navio era o capitânia, e sob o comando do almirante Sir John Phipps, intimamente conhecido por "Flapjack John" por causa de sua aversão ao belo sexo, esperava nele ser promovido o nosso Hector Ford.

Para isso lhe bastaria agir com jeito e habilidade junto ao almirante, azeitando bem as molas da amizade e do coleguismo a bordo, favorecendo as suas ambições.

Além de outras preocupações que o afligiam, perturbava-o a última palestra que mantivera com Rosemary Fayre no "Harmony Theatre", onde ela trabalhava, tendo dançado primorosamente. Ela era uma loura elegante, de uns vinte e três anos, talhada para as glórias do palco. Hector Ford, porém, resolvera dissuadi-la quanto à realização do sonho que, até então, ambos embalavam, de se unirem pelo casamento.

Rosemary amava sinceramente o oficial, que lhe parecia muito simpático, elegante, de boas tradições. Para conseguir confessar tudo isso à artista, ele havia tomado bastante gin e ficara afogueado, a cor do rosto ainda mais queimada pelo sol dos seus cruzeiros por este mundo a fora.

Sentia ele que um casamento com uma mulher qualquer que não estivesse dentro da linhagem a que sua mãe chamava de "lady", poderia atrapalhar sua carreira. Havia nascido "snob", com uma família tradicional. Sua mãe tinha pretensões de aristocracia, e seu pai era um "gentleman".

— E' preferível darmos tudo por acabado, Rosemary — concluiu ele sem imaginar que esmagava o coração da namorada. — Não leve a mal meu gesto. Minha gente espera que eu siga os seus conselhos acerca de casamento, isto é, que me case bem.

Rosemary olhou-o fixamente e retorquiu: — E eu, por acaso, não seria um bom casamento?

— Não é propriamente isso... Minha mãe tem na idéia uma "lady", você compreende... — esclareceu ele a sorrir nervosamente.

— Percebo, pois não. Algum dia poderá certificar-me disso, e dar-lhe uma resposta melhor.

Hector não podia imaginar a amargura com que ela terminou o diálogo.

Era absurdo persistir na idéia de manter com aquele homem um amor impossível de resolver-se em felicidade.

Passaram-se os dias. Num mês de janeiro muito frio na Inglaterra, o "Tigress", junto com outros vasos de guerra de S. Majestade, levantou ferros em direção ao Mediterrâneo, para manobras. O almirante parecia uma lagosta assada, tal a pressão sanguínea em seu rosto. Era um homem de pequenina estatura, de rosto lúcido e olhos que pareciam não deixar escapar nada. Toda a tripulação estava ansiosa por chegar a Gibraltar; mas não se passara meia hora depois de ter o "Tigress" fundeado, já corria a notícia a bordo que Rosemary Fayre estava na terra, hospedada num dos hotéis de Gibraltar. Fotografias suas apareciam nos jornais e revistas. Para a marujada, isso era uma compensação pelas lutas de bordo. Todos estavam ansiosos para vê-la novamente, exceção única do comandante Hector Ford, que não se mostrava em coisa alguma entusiasmado com a notícia.

Parecia dedicar-se cada vez mais aos serviços de seu posto, não se interessando

— Oh! Encantada por vê-lo, Symons!

Tomaram chá no terraço, e Symons, se enchendo de coragem, falou-lhe sobre a festa a bordo do "Tigress", quando a marujada ia levar a efeito um "show", e estava ele, ali, para fazer-lhe um especial convite.

— Desejam que eu vá?

— Bem... não é precisamente isso... E' que, quando eu disse aos companheiros que você era irmã de uma jovem que se casara com um primo meu, eles me delegaram poderes para convidá-la a tomar parte em nosso espetáculo.

Symons falara com tanta delicadeza e os seus olhos pareciam cheios de tanta esperança que ela, apesar de estar profundamente sentida com o ocorrido entre ela e Ford, lhe respondeu, a sorrir:

— Está bem. Lá estarei.

O jovem marujo ficou entalado, sem saber o que responder, para agradecer tanta bondade. Parecia-lhe que isso seria impossível, e fôra tão fácil...

panhia do almirante e de um outro oficial de elevada patente... Logo que terminou o passeio, o almirante a convidou:

— Aceita meu convite para jantar comigo a bordo?

A artista aceitou o convite, e quando surgiu lá no "Tigress", a marinagem ficou encantada com sua beleza pessoal e a elegância do vestido que usava, com enfeites de camélias cor de rosa. O próprio almirante não se conteve e monologou:

— Esta Rosemary merece um trono...

Jantaram no camarote do almirante, que ordenou ao dispenseiro um cardápio especial feito a capricho. Depois do repasto, uma turma de oficiais veio até eles, vindo-se entre os mesmos o comandante Hector Ford. E' fácil de imaginar-se o seu estado de espírito ao defrontar com Rosemary. Ela, porém, se manteve com uma linha que dava a impressão ao mais arguto observador de que o via pela primeira vez...

Diante desse contróle, Hector Ford não pôde deixar de monologar: "Santo Deus! Não há dúvida que é uma verdadeira artista!". E repetiu sua dose de gin. O almirante parecia todo caído para a dançarina e, em face da situação, Hector não conteve uma expressão de pena. Coitado do almirante!

Aquela noite provocou ondas de comentários a bordo do "Tigress" como jamais havia sucedido antes. Todos falavam sobre o encontro do almirante com a belíssima Rosemary, e muitos não podiam acreditar no que os olhos viram. Até aquele momento nenhuma mulher entrara nos aposentos privados de John Phipps. Todos sabiam da sua ojeriza pelas mulheres, a ponto de terem pôsto aquele apelido de "Flapjack John", do que ele não fizera questão e até achara engraçado e justo. Como havia mudado de procedimento diante de Rosemary? Estaria o almirante apaixonado?

Os fatos se sucediam, espantando os oficiais e marujos, e aumentaram os comentários de bordo quando, na manhã seguinte, o almirante se preparou todo lampeiro e foi a terra para encontrar-se novamente com ela.

Em dado momento Symons teve oportunidade de conversar com a artista sobre sua atuação no próximo "show", e manifestou temores de que o almirante iria pôr obstáculos a esse respeito, pois, com certeza, não desjeria que ela ficasse monopolizada por tantos...

— Oh! Não creia nisso — respondeu Rosemary. — Jackie não seria capaz de fazer tal coisa. Contudo, falarei a ele.

Symons estava surpreso com os progressos desse amor assim à primeira vista,

O DESTINO DE ROSEMARY

NOVELA DE URSULA BLOOM

pelos acontecimentos de terra. Outros, porém, não pensavam assim, e dentre eles o artilheiro Symons, que tinha um primo que casara com uma irmã de Rosemary. Esse parentesco parecia ao marujo credencial bastante para fazer ele mesmo uma auto-apresentação e merecer da dançarina todas as suas atenções. E' verdade que Symons era muito jovem e tímido; mas, encorajado por outros colegas como aquele endiabrado Freeman e outros marujos e oficiais do "Thunderbolt" ali também fundeado, seria até capaz de convidar Rosemary para compartilhar do "show" que já haviam organizado, em homenagem ao almirante.

Descendo à terra, Symons teve ânimo de encontrar-se com Rosemary no salão de chá do hotel, fazendo sua própria apresentação. Se bem que ela já se não recordasse mais de que sua irmã havia desposado um primo do rapaz, mostrou-se muito gentil e o cumprimentou alegremente.

Mas não acabava de sair da entaladela, quando entra no terraço o almirante Phipps.

Olhando para Rosemary, o oficial se encaminhou para ela a fim de admirá-la mais de perto.

— Apresente-nos, meu rapaz — disse ele com um sorriso para Symons.

O marujo, meio confuso, não sabia se devia contrariar-se com o episódio ou apresentá-lo e dar o fora.

Quando Symons desceu as escadas do Ragged Staff, tinha a impressão de que subira ao céu. Estava orgulhoso de seu êxito. Era preciso explorar bem, em sua honra, a vitória alcançada. E já imaginava convidá-la para um pique-nique nos poéticos arredores de Gibraltar, conduzindo-a num automóvel de aluguel, com cestas de frutas, bebidas e comidas... Suas relações de amizade e de arte com Rosemary encheriam de inveja os seus rivais da marinha.

Mas... na verdade houve um pique-nique a que Rosemary compareceu, mas em comi-

TRADUÇÃO DE RENATO DE ALENCAR

entre o almirante e Rosemary, que já o tratava por "Jackie", num tom bastante familiar...

Uma semana depois o noivado foi anunciado. Ninguém queria acreditar no fato surpreendente. Mas era verdade. Os dois se amavam loucamente e tiveram por teatro de juras eternas o jardim da Alameda, entre rosas e lírios, à sombra dos ramos de floridos bougainvilles.

Naquele instante culminante, disse-lhe o almirante:

— Devo parecer-lhe muito velho para você, não Rosemary?

— Não! De forma nenhuma!

No decorrer do diálogo amoroso ela aproveitou o ensejo e lhe falou ligeiramente de suas anteriores relações de amizade com Hector Ford, tendo parecido ao almirante que ela ainda guardava profunda mágoa do rompimento daquele amor. Rosemary, com certo sarcasmo, porém, justificou:

— Mas... como vê, eu não sou uma "lady"...

O almirante pareceu sensibilizar-se e, para consolá-la, respondeu:

— Você é bastante digna e distinta para ser minha "lady". Quer ser, querida?

Ela tomou suas mãos e o beijou, acedendo com grande alegria. Era ali na Alameda que os namorados faziam juras e edificavam os seus castelos. Nem mesmo um almirante escapara... Era um Eden, um Nirvana, um Paraíso.

A noite eles jantaram a bordo e o dispenseiro do almirante selecionou excelentes discos para a vitrola, inclusive aquele chamado "Lady, Be Good", numa espécie de referência ao caso. Mas o almirante não via outra coisa senão sua "lady", nem ouvia outras vozes senão a de sua bela Rosemary.

Noutra coisa não se falava entre a marujada senão no incrível acontecimento. O almirante ia casar-se com Rosemary. Ele, o invencível "old Flapjack", o inimigo do belo sexo, casar-se!

Mas quem estava profundamente contrariado com o acontecimento era o pobre Symons, pois, já noiva do almirante, Rosemary não iria tomar parte no "show" em organização. E isso assumia maiores embargos e decepção, quando se sabia que o pessoal do "Thunderbolt" vivia a desafiar os marujos do "Tigress" em matéria de espetáculos. Se Rosemary pudesse figurar nos números seria sucesso estrondoso e poriam os colegas do outro encouraçado num chinelo; mas, noiva do almirante... Os seus rivais do "Thunderbolt" já haviam desafiado com o seu magnífico conjunto denominado "Os Menestres da Kentucky", e Symons respondera que o próximo "show" seria o mais estupendo, o mais sensacional, pela aparição de uma personagem ideal e bela, artista de alta distinção, que somente ao "Tigress" dera o prazer e a honra de uma "performance". E agora? Como seria explicado o fracasso?

Mais uma vez Symons se revestiu de coragem e foi procurá-la. Era preciso vencer todas as dificuldades e levá-la ao palco.

Rosemary estava confortavelmente sentada numa poltrona macia, servindo-se de "marrons glacés" fornecidos pelo dispenseiro do almirante. Ao ver o seu jovem amigo, exclamou com alegria e jovialidade:

— Alô, Sim!

O rapaz parecia desolado e lhe expôs, com a maior franqueza, sua decepção por ver que o "show" perigava com a ausência dela. Rosemary achou muita graça nos seus temores e o consolou:

— Mas meu caro, eu lhe prometi que iria e vou. Agora, não fique assim com cara de bobo, menino. Que posso eu temer a respeito de Jackie? Mesmo se já estivéssemos casados àquele dia, lá estaria com vocês, tomando parte no espetáculo.

— Como você é maravilhosa, Rosemary!

— exclamou Symons pulando de contente.

— Pode contar comigo, meu caro. Já havia registrado o meu compromisso com vocês e ao mesmo jamais faltaria — concluiu a sorrir.

Symons ficou tão atordoado com o sucesso que lhe falou numa porção de tolices, inclusive que ela era muito cotada na sua guarnição, que o jantar que lhe havia oferecido o almirante fora o mais importante em toda a vida do "Tigress" e outras tolices dessa marca.

Hector estava desapontado com a situação entre Rosemary e o almirante. Para ele a interposição dela, agora, na sua

o "show" promovido pelos marinheiros do "Tigress". Os recém-casados foram passar o "week-end" em Algeiras e o seu navio se embandeirou em arco, sendo-lhes oferecido pela oficialidade e marujos belas "corbeilles" de flores. Diante de tudo isso, Hector resmungava mal humbrado:

— Antes hasteassem uma insígnia de luto...

Ao cair da noite voltou o feliz casal para bordo, na lancha do almirante, a fim de assistir à festa que tomava, assim, aspecto de ser em honra de ambos. Muitos pensavam que ele não permitiria que a esposa viesse tomar parte na festa;

caram da escada. Nesse mesmo instante a lua se erguia por detrás do rochedo iluminando as águas da baía com suas flechas de prata, emprestando à solenidade um aspecto de grande emoção e magnitude. Centenas de pessoas e marujos ergueram aos ares as lanternas chinesas multicores, como numa fantasmagoria de festa oriental.

O espetáculo começou então na mais intensa alegria. Um jovem cantou ao piano lindas e engraçadas canções, seguindo-se um "sketch" entre Freeman e Symons, alcançando aplausos.

Logo após esse número, Freeman apareceu no palco e falou à grande assistência:

— Senhoras e senhores. Nossa grande surpresa desta noite, a maior de todas, a enorme surpresa: Miss Rosemary Fayre!

Então ela surgiu. Vinha lindamente vestida de branco. Toda a plateia se levantou, saudando-a. Comissões de marujos lhe apresentaram "bouquets". Aplausos estrugiram por todos os lados. A alegria era geral. Rosemary dançou e cantou para todos, sendo insistentemente aplaudida. O sucesso da festa foi completo, mas todos notaram a ausência de Hector Ford, que se recolheu desde cedo ao seu camarote.

Estava ele envolto em suas contrariedades, quando a porta se abre e surge uma figura feminina. Era Rosemary.

— Então, Hector? — saudou-a a esposa do almirante com voz cordial.

— Rosemary, que diabo vem você fazer aqui no meu camarote?

— Lembra-se do que me disse há tempos passados, e de minha resposta? Até então não era eu uma "lady", mas agora eu o sou. Que pensa fazer diante disso?

— Você está casada com ele...

— Não sabe o quanto sofri por sua causa! Vim aqui para vê-lo, e não posso compreender que você me dedique apenas ligeiros pensamentos.

— Fui um louco — resmungou ele, contrariado.

— Não. Você foi cruel! Prometi que ainda, um dia, haveria de certificar-se se seria ou não tão digna como uma "lady". E a prova lhe estou apresentando agora. Está pensando em deixar este navio?

— Talvez demissão do serviço.

A palestra se prolongava e Hector se mostrava nervoso, inquieto com aquela visita inconveniente. Se alguém a visse ali, estaria perdido. Ela se chegou mais para perto dele e o perfume de Chypre e das camélias o entonteceu por uns instantes.

Ela não estava arrependida do casamento. O almirante era um homem de muito mais idade, porém um cavalheiro, educado, cortês e sem preconceitos.

Quando Rosemary deixou o camarote de Hector para tomar, com o esposo, a lancha de volta a Algeiras, encontrou Symons que não cabia em si de alegre. Deu-lhe o braço e saíram a conversar como velhos amigos.

— Meu caro Sim — disse ela com voz meiga — tudo o que me aconteceu nestes últimos dias, inclusive este imenso sucesso do "show", devo a você. Você é o herói do dia.

Depois de ouvir tantas amabilidades, Symons repetiu as doses de gin, inundado em alegria indelével.

Quando tudo serenou e a marujada e oficiais retomavam seus afazeres e os convidados voltavam a terra, Rosemary e o esposo tomavam a lancha para Algeiras, em plena lua de mel. Ao se afastar o bote a motor, ela viu que Hector ainda estava em seu camarote. Assinava um requerimento pedindo transferência do "Tigress", onde tudo parecia censurar-lhe o procedimento do último verão, cruelmente castigado pelo destino...



vida, traria embargos sobre sua promoção, uma vez que a moça procuraria vingar-se de sua ingratidão e iria influir junto ao esposo, para que nenhuma posição melhor fosse prometida ou outorgada ao seu injusto e grosseiro ex-namorado. Como se arrependera de sua resolução naquele verão passado! Agora estava ele à mercê daquela mesma a quem humilhara, a quem esmagara na sua esperança de ser feliz com ele. Era enorme seu desespero e, no íntimo, até sentia vergonha do seu procedimento, recebendo o episódio como uma espécie de vingança do próprio destino que lhe vibrava tamanho golpe.

Enfim... chegara o dia do casamento. Por mera coincidência, caíra o ato matrimonial justamente no dia marcado para

mas o almirante não era tão velho e tão estúpido. Tinha belo espírito esportivo e compreensivo.

O convés do navio se enchera de lâmpadas e festões, de flores e bandeiras, e apresentaria àquela noite uma visão deslumbrante. Todo aquele dia foi empregado em ferventes preparativos. O espetáculo de recepção de Rosemary e do seu esposo fora preparado a capricho. À noite, comissões de oficiais e senhoras da alta sociedade de Gibraltar estavam a postos, e um sentinela de atalaia para dar o aviso de aproximação dos noivos. Quando a lancha se aproximou do vaso de guerra, Freeman, que observava, deu o brado de alerta. O convés do "Tigress" se iluminou todo e grupos de convidados se acer-

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

Esta parte da ilha da Irlanda, ao norte, não quis a independência da Grã-Bretanha; ao passo que o Eire, Irlanda do Sul, desligou-se. A situação entre estes países é um tanto complicada e precisaríamos de entrar em pontos históricos, sentimentais nacionalísticos, que não são matéria para estes bilhetes.

Belfast, uma cidade industrial e muito ativa é o centro da indústria de tecidos de linho, estaleiros e outras atividades. Tem perto de meio milhão de habitantes. Muito limpa, adiantada e o que mais nos agradou: possui inúmeros prédios com aquecimento central... A viagem de vapor de Liverpool até aqui levou dez horas. Excelente e grande navio, confortável. No mapa, parece pertinho de Liverpool, mas são mesmo dez horas de viagem... em navio rápido. Apenas olhamos nosso passaporte, sem nos incomodar, nem perguntaram por malas. E' de fato como se estivéssemos viajando de uma cidade inglesa a outra. Havíamos deixado a Inglaterra com chuva, muito frio e neblina. Foi um grande alívio chegarmos aqui com sol e uma temperatura amena. Frio seco, sem a menor garoa. Gostamos logo do lugar. Por sorte, fomos encontrar boa acomodação num hotel do centro da cidade, perto dos teatros, cinemas e estações ferroviárias. Há várias grandes lojas; o Cooperativa de Belfast — ocupa dois quarteirões com 5 andares. Uma enorme loja que de tudo. Visitamos fábricas de tecido de linho e encontramos industriais que conhecem bem o Brasil e falam algo do português. Para eles, Pernambuco, Bahia, Rio e São Paulo não são simplesmente nomes geográficos, mas cidades onde possuem fregueses e conhecidos. Quando a gente diz que é brasileiro querem saber também de que parte somos. Isso tudo é muito agradável, pois não precisamos explicar que a nossa língua não é inglesa, nem que nada temos que ver com a Itália ou Espanha, como às vezes tivemos que esclarecer em certos lugares. As ruas da cidade são limpas, largas, com grandes edifícios. Os arredores muito pitorescos. Uma noite fomos jantar numa hospedaria do século XVI, ótima mente conservada, muito bem aquecida e onde nos serviram excelente jantar. A casa fica situada numa aldeia a uns 15 quilômetros do centro, no meio de fazendas de gado. Visitamos, de auto, diversas fazendas no interior, onde fomos muito bem recebidos nas casas amplas, confortáveis e antigas dos pequenos fazendeiros. A população total do norte da Irlanda regula 1.200.000, ao passo que o Eire tem 3 milhões, mas a grande indústria da ilha é toda localizada nesta parte. Notamos uma novidade interessante: nas esquinas de grande movimento, as luzes do tráfego têm um botão para uso dos transeuntes, de maneira que se não há inspetor de serviço, o pedestre pode apertar o sinal vermelho para os veículos e atravessar a rua à vontade, enquanto os autos param... Na Suécia a coisa é mais simples ainda, basta um pedestre levantar o braço ou o guarda-chuva que os veículos param enquanto os transeuntes vão para o outro lado da calçada... Uma maravilha!

Domingo, fomos passar o dia em Portlusk, no extremo norte, uma bela cidade balnearia onde existe os afamados rochedos ou pedras que formam o "Caminho dos Gigantes", uma espécie de enormes degraus como escada para gigantes... Esse lugar é muito conhecido no mundo de língua inglesa, como o "Giants Causeway". As praias propriamente são cheias de pedrinhas e pedras, e não se comparam com as nossas. Noutro dia fomos a Newcastle, no sul, na zona montanhosa. Passamos por inúmeros sítios onde criam galinhas, perus, gado vacum e carneiros. As aldeias são simpáticas e como fomos de ônibus iam observando a gente do campo, bem vestida e sadia. Frequentemente, viamos verdadeiros tipos de beleza feminina. Moças que em qualquer concurso poderiam ganhar prêmios. Beleza natural de boa saúde, pele macia e linda. Tomamos chá num restaurante perto da estação, muito bom e otimamente aquecido. Fizemos depois um longo passeio a pé pelas boas estradas e fomos até uma aldeia ladeada por belos bosques com um encantador riacho encachoeirado. As montanhas do condado de Douns vem até à praia grande, pedregosa, com muitos caramujos e pedrinhas redondas, lisas, multicores. Apanhamos algumas interessantes. Esse negócio de viajar de avião entretanto dificulta essa fantasia de viajantes, pois no fim acaba-se com 30 quilos de pedrinhas... e nenhuma roupa de lá...

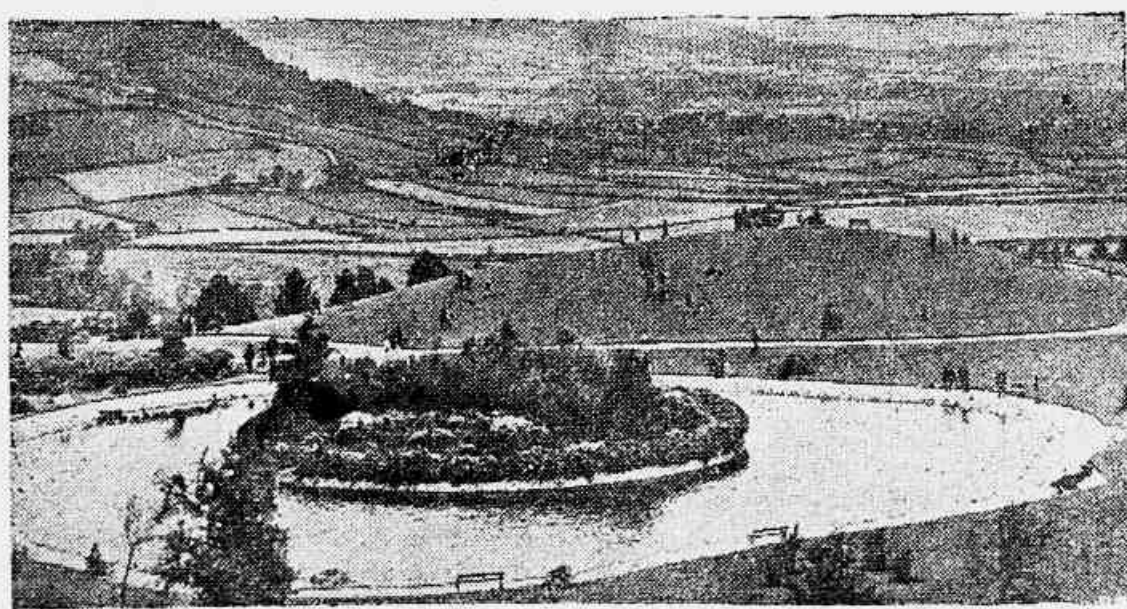
Num dia de zero grau, um "sweater" é mais agradável do que uma pedra bonita de Warwick ou da Laponia, mesmo que o granito dure uma eternidade...

A casa do Parlamento desta parte da Irlanda ocupa um belíssimo palácio no meio de uma fazenda antiga a uns 20 quilômetros do centro. Os parlamentares têm que vir de auto ou ônibus, pois fica completamente isolado de tudo. Não sei como é que se arranjam quando há sessão noturna. Imagine agora o que será do nosso pessoal da política quando mudarem para o centro de Goiás!...

Estamos gostando muito de Belfast, principalmente por causa do bom tempo que tem feito: dias tão amenos, sol tão camarada que não necessitamos de sobretudos. Um simples "sweater" agasalha. Parece que estamos até num inverno paulista ou nas montanhas de Minas. Aqui, como na Inglaterra, não são as cidades providas de suficiente número de hotéis. Além de terem relativamente poucos quartos, não são muitos. Numa cidade como esta, nos parece que deveria haver o dobro de hotéis pelo menos. Para nós, isso é um mistério. No Brasil, nos queixamos da falta de quartos nos hotéis das grandes cidades, entretanto, Belo Horizonte, que não se pode absolutamente comparar com Belfast, tem muito mais hotéis. Talvez, um grande número de viajantes se acomode em pensões, pois são milhares as famílias que alugam quartos.

O governo britânico, como que em pagamento da lealdade desta gente à Coroa, dispensa-lhe especial carinho: muitos artigos escassos na Inglaterra são mais ou menos fáceis aqui, como açúcar, gasolina, cigarros, etc. O serviço militar não é obrigatório, como na Grã-Bretanha, mas na última guerra, o povo de Ulster voluntariouse na mesma proporção do Reino Unido. Naturalmente, há união aduaneira, e os produtos daqui não pagam Alfândega e o selo do correio, dinheiro, etc., é o mesmo.

Fizemos conhecimento com muitas pessoas e sempre fomos muito bem recebidos. Visitamos o jornal mais importante cá da cidade, o "Belfast News-Letter", que deu uma boa notícia, com nossa opinião sobre a indústria norte-irlandesa, em lugar de destaque. Os jornais da cidade, como os da Inglaterra, estão com racionamento de papel, mas aí também os ingleses mostram sua camaradagem, permitindo-lhes mais ou menos o dobro do papel usado na Grã-Bretanha. Tivemos oportunidade de ensinar a esta boa gente o jogo do "bu-raco". Uma noite, jogamos até tarde. E um fabricante de tecidos fez questão de anotar as regras do jogo. No dia seguinte nos presenteou com um belo jogo de toalhas e guardanapos de linho.



Um belo e grandioso parque nas imediações de Belfast, capital da Irlanda do Norte. A montanha ao centro e cercanias dão idéia da serra de São Pedro, Estado de São Paulo, próximo a Rio Claro

UM GATO NO ESCURO

(Continuação da pág. 42)

E na noite de agora, dentro do passado, um vento de mar faz canções para as amendoas. Caem grandes folhas douradas que ficam no chão, expostas ao vento. Passa altaneiro nas palmas do-bradas, o lábio impalpável de amante orgulhoso.

Salua perdida, vivendo na estrada, tem aroma de maresia salgando sua alma. As roupas cozidas com linha de velas, os cabelos penteados com estrelas do mar.

Até o gato que dança na entrada, saiu uma noite das pedras antigas para ficar marcando, dentro do escuro, os dois pontos brilhantes que enlouqueceram Salua.

A VIDA DE LAVOISIER

(Continuação da pág. 14)

Edificando sobre esse alicerce, Lavoisier não só arquitetou uma nova teoria química, mas também compilou um novo dicionário químico. Muitos dos termos inventados por Lavoisier têm formado parte do "vocabulário internacional dos químicos" até a presente data.

E agora veio o passo decisivo do seu monumental labor de cientista — a publicação do *Tratado Elemental de Química* (1789). Durante a preparação do livro, ele obedeceu estritamente à regra de nunca avançar para o desconhecido senão a partir do conhecido, e nunca deduzir um resultado definido senão de uma causa observada. "Quero falar unicamente dos fatos".

A publicação do *Traité* de Lavoisier marcou época na história da química moderna, assim como a publicação dos *Principia* de Newton marcou época na história da mecânica moderna. Alguns dos antigos alquimistas escarneceram de suas "idéias pressunçosas" e da "absurda lista de trinta e três elementos distintos". A maioria dos cientistas coevos, entretanto, reconheceu prontamente que Lavoisier lhes abria uma nova porta para o misterioso laboratório da natureza. "Vejo com prazer", escreveu Lavoisier em 1791, "que a minha nova teoria se espalhou como uma revolução pelos círculos intelectuais do mundo".

IV

Mas nesse momento a vaga de outra revolução se espalhava pela França. E aproximava-se cada vez mais de Lavoisier. O Pai da Química, depois de libertar o mundo do Reinado do Erro, ia cair vítima do Reinado do Terror. A 27 de janeiro de 1791, foi alvo de violento ataque do jornal de Marat, *L'Ami du Peuple*. Pois este líder da revolução também aspirava a tornar-se um líder da ciência. Em 1780 escrevera um *Tratado sobre a Natureza do Fogo*, e Lavoisier expressara a opinião — opinião corroborada por pesquisas subsequentes — de que esse *Tratado* era destituído de mérito. Marat resolvera vingar-se. No seu artigo condenatório de 1791, cumpriu de sobre essa resolução. "Cidadãos da França, denunciavo o sieur Lavoisier, rei dos charlatães, amigo de tiranos, discípulo de salafários, mestre de ladrões... Podeis crer que esse publicano, que ostenta a renda de 40000 libras, está urdindo uma intriga diabólica a fim de ser eleito administrador de Paris?... Em vez de elegê-lo para esse cargo, devíamos enforcá-lo no poste mais próximo..."

Lavoisier não deu atenção a esse artigo inflamado, julgando tratar-se apenas da supuração do tumor de um orgulho ferido. Mas Marat continuou os seus ataques, e em breve outros revolucionários se deixaram contagiar pela infecção. Decretaram o fechamento da Academia de Ciências — de que Lavoisier era agora o diretor — acusando-a de ser um "repositório putrefato de idéias realistas". E quando Lavoisier protestou contra o decreto, prenderam-no por traição ao novo governo.

Percebendo, porém, que seria difícil provar essa acusação, os seus inimigos passaram a imputar-lhe outro crime — o de extorsão como coletor de impostos. Revistaram-lhe a casa, apreenderam-lhe os papéis e embora não encontrassem indícios contra ele — transferiram-no para a "prisão dos condenados".

Mas Lavoisier não perdeu a coragem diante da morte. "Vivi uma vida razoavelmente longa e feliz", escreveu a seu primo Auger de Villers. "Ser-me-ão poupados os desconfortos da velhice, e legarei à humanidade um pouco de ciência e talvez um pouco de glória. Que mais pode uma pessoa desejar neste mundo?"

O julgamento foi perfunctório. A principal testemunha contra Lavoisier era um de seus antigos empregados, ladrão e falsário confesso. Um dos advogados procurou chamar a atenção dos juizes para a obra científica de Lavoisier, e foi recebido com a causticante resposta de que "a Revolução não precisa de cientistas, precisa de justiça".

A justiça, contudo, era a última coisa que se poderia esperar naquele momento de histeria revolucionária. Lavoisier foi publicamente estigmatizado como "um vampiro cujo acervo de crimes é tão esmagador que clama por vingança". Então veio o ponto culminante daquela tragédia. Lavoisier foi condenado à morte.

FLORENCIO

(Continuação da pág. 22)

Ladislau levantou-se de um salto. Olhou-me fixamente.

— Florêncio?

Era um pobre homem que morava na beira do rio, três horas de caminho para baixo, numa tapera. Um místico que andava pelo sertão, pelos sítios longínquos, dizendo orações, pedindo as bênçãos do Senhor para aquela pobre gente. Molambento e barbudo, nada tinha de seu a não ser um grande coração e sua imensa fé.

Ninguém o desconhecia num raio de léguas e léguas. Vinham de longe buscá-lo para acudir aos doentes. Tinha uma palavra de conforto para todos os sofredores.

Num instante a idéia tomou conta de todos. E Florêncio passou a ser nossa única esperança.

Henrique levantou a cabeça e demorou os olhos, injetados de sangue, em cada um de nós. Não murmurou uma palavra. Mas vimos que Florêncio era também a derradeira vontade do moribundo.

— Se ele benzer Henrique, ele sara — murmurou Ladislau.

O que Ladislau dizia era verdade, para nós.

Levantei-me do tóco em que me sentara, apanhei o chapéu de um prego, o arrel e o freio de um canto da saleta e fui arrear o único animal que havia no acampamento.

— Você traz o homem? — perguntou Ladislau. — Ele não tem cavalo!

— Dou o nosso a ele e fico esperando lá.

Todos me olharam sem nada dizer. Notei, entretanto, que sentiam uma sensação de alívio e queriam me agradecer por aquele gesto desprendido.

Na verdade, atravessar aquela mata, à noite, era uma temeridade.

Enfiar a arma na cinta e parti a galope pela picada que nós mesmos abrimos e era o único sulco que nos ligava ao mundo.

Quase matei o animal de tanto correr. Felizmente havia luar.

Quando cheguei ao casinholo de Florêncio, uma estranha sensação de felicidade tomou conta de mim. Nunca me sentira antes assim. O místico levaria a todos aqueles homens o conforto de suas orações e de seus benzimentos sobre a ferida envenenada e, se não pudesse curar Henrique, ao menos lhe daria uma palavra de fé para que morresse em paz.

Recordava-me, ainda, daquelas expressões estranhamente ansiosas com que os deixara. Nunca vira, antes, no acampamento, tantos homens vibrarem assim, como se fossem um só!

Bati à porta com força e esperei.

A mata se alongava sob o luar pálido. Ouvia o cri... cri... monótono dos grilos, o sussurro da folharada, o rolar do riacho...

Ninguém veio abri-la.

Tornei a bater, com mais força, repetidas vezes.

Logo me desesperei com o silêncio que vinha de dentro. E, com forte empurrão, arranquei a frágil trameia que prendia a folha e acendi um fósforo.

A tapera estava deserta. Somente um velho gato roncava sobre o fogão de cinzas espalhadas e bocejou com preguiça.

Não sei como tive força para sair dali. Florêncio talvez fôra à vila ou tivesse saído para suas longas peregrinações a povoados longínquos.

Montei desanimado, no animal, banhado em suor, e retornei para junto dos meus companheiros.

Passava bastante da meia-noite quando lá cheguei.

Confesso que tive receio de enfrentá-los.

Como poderia dar a Henrique a notícia de que não lhe restava outra coisa senão esperar a morte?

Antes nunca houvesse tido aquela idóla.

Todos se haviam prendido a uma derradeira esperança!

— Cascavel! Cascavel! Cascavel! — Esta palavra martelava em meus ouvidos.

Quando venci toda a picada, a dura e única estrada do sertão, nosso sangue e nosso suor, através de tantas meses, olhei para a nossa casinha na montanha.

Ela estava estranhamente iluminada!

Desencilhei o animal e fui chegando devagar.

Uma coisa, então, me deixou com os cabelos arrepiados.

Todos aqueles homens rudes se reuniam em torno de tósca mesa que haviam armado ali, com nossas próprias camas, e pela primeira vez, pois antes todos comíamos com os pratos na mão.

Henrique estava à cabeceira, muito pálido, mas sorridente, e, no meio deles, fumegando, a paca assada no espeto, que Bento caçara à tardinha, para nosso jantar.

Não compreendi o que se passara com eles.

Entrei, com os olhos arregalados.

Todos gritaram por mim.

— Estamos à sua espera, Gregório!

— Henrique venceu a crise! Florêncio acaba de sair daqui!

— Como?! — balbuciei.

Ladislau, então, arrastou-me para fora.

Nunca vi aquele homem, sempre tão valente e imperturbável, agora tão alterado. E, numa quase confidência, as faces suarentas, a voz trêmula, contou-me tudo o que se passara pouco depois de minha saída do acampamento.

— Henrique delirava. Um estranho luar entrava pelas janelas do casinholo da montanha. O homem parecia ver coisas esquisitas em sua semi-inconsciência. De repente arregalou os olhos e começou a pronunciar palavras misteriosas. Foi quando todos viram, arrepiados, entrar pela porta do casinholo, as barbas iluminadas, a figura de Florêncio...

— Florêncio? — bradei. Impossível!

— Ele mesmo — confirmou Ladislau.

O místico pôs a mão sobre a cabeça de Henrique, depois sobre sua ferida. Todos nós ficamos em pé, imóveis e aterrados. Ele então disse: "Levanta-te, amigo! Você nada mais tem. Vá com seus companheiros à mesa para cearem juntos. Hoje é o dia de Natal e todos precisam comemorar a vinda do Senhor!" E foi uma transformação. Henrique estirou as pernas, trêmulo e pálido, e se levantou. Todos riam e choravam. Assim como viera, Florêncio se foi para a noite chela de estrelas e de luar pálido, as barbas estranhamente iluminadas. Ninguém saía de seu lugar, estupefato. Bento, então, correu ao quintal e, sob um braseiro, assou a paca.

Esperavam por mim, para a ceia.

Contei-lhes, também, o que se passara comigo.

Ninguém pôde compreender que um homem qualquer pudesse ter vindo até ali, pela única estrada que havia, sem cruzar comigo.

E todos, ainda sob aquela sensação de paz, alívio e conforto imensos, olhando para o companheiro que retornara à vida, nos achegamos à mesa e comemos em paz.

Compreendi, então, que a fé salvara Henrique e a esperança daqueles corações rudes operara um milagre nessa noite de Natal e que eu, realizando aquela corrida perigosa através da mata, fizera, também, a caminhada dos três Reis Magos à procura do Salvador, como naquela noite perdida no passado...

E senti que aquele acontecimento de Betlém se renovava, sempre, no coração dos que não perdiam as esperanças e tinham uma imensa fé.

Desde esse ano nunca mais me esqueci de comemorar o Natal do Senhor!

ARLEQUIM SERVIDOR

(Continuação da pág. 45)

No hotel de Briguela um fato estranho se passa. Os dois novos hóspedes tentam o suicídio, mas minutos antes de consumarem os fatos, avistam-se.

— "Florindo!" — exclama Beatriz.

— "Você... viva?!" — grita Florindo estupefato.

E os dois, que iam suicidar-se julgando na morte um do outro, chegam a conclusão de que os culpados de todo o malentendido foram os mentirosos dos seus criados. Imediatamente ordenam a Briguela que traga os "dois malandros". Briguela encontra somente Arlequim e como ignorava quem era o "outro" criado, pediu aos empregados do hotel que o procurassem.

Arlequim, tremendo de medo, pede para falar em particular com Florindo, e conta-lhe que o culpado de toda a encrenca fora o Paschoal. "Mas, por favor, não conte a d. Beatriz, pois ela despediria o meu amigo. Ele é chefe de família, cheio de filhos... que faria para sustentá-los? Agora mesmo vou contar a d. Beatriz que sou o culpado de tudo. Assim ela não prejudicará o Paschoal..."

Arlequim fala baixo a Beatriz, que Paschoal, o criado de Florindo, fora o causador de toda a atrapalhada. "Imagine a senhora, que acabei de confessar ao sr. Florindo que eu era o culpado. Fiz isso por amor de Paschoal. Se o patrão dele soubesse, o despediria..."

Assim estava tudo resolvido. Tanto Beatriz como Florindo acreditaram que Paschoal era o criado do outro.

Beatriz vai a casa de Pantaleão, onde encontrará mais tarde com Florindo. Arlequim pede a seu segundo amo, que quando fôsse a casa de Rosaura, pedisse a mão de Esmeraldina, por quem estava apaixonado.

Na casa de Pantaleão, Sílvia tentava fazer as pazes com Rosaura, que após muita relutância acaba cedendo. Esmeraldina, que não ouvia falar em seu casamento, pede a Rosaura que fale com Beatriz para casar-se com o criado dela. Arlequim, também ansioso, pede a Florindo, que fale logo no seu "assunto".

— "D. Rosaura, queria pedir o seu consentimento para casar o meu criado com Esmeraldina" — diz Florindo.

— "O sr. precedeu o meu pedido, pois

PELAS estradas do CEU



ANDRÉ MAX

DESENVOLVIMENTO que vem alcançando nesses últimos anos a aviação comercial no mundo inteiro, e em particular nos Estados Unidos, onde grandes têm sido os esforços das diversas companhias ali sediadas, no sentido de bem servir ao público que viaja — atingiu, nos dias de hoje, um dos pontos culminantes do pós guerra, com a realização do transporte de animais de criação num voo de intercâmbio de comércio internacional.

Um gigantesco DC-4 Air-trader, transportou, com pleno sucesso, algumas dezenas de porcos de linhagem, e ainda muitos exemplares da raça bovina, de uma fazenda ao sul da Califórnia para o Centro de Criação Guatemalteco, órgão oficial do governo daquele país da América Central.

O interessante do desempenho dessa tarefa reside no fato de que os animais assim transportados, muito pouco ou quase nada demonstraram sentir os efeitos de tão longa viagem, embora o trajeto seja grandemente encurtado, resultando somente numa poucas horas de voo. E' que os aviões utilizados foram cuidadosamente adaptados para esse mistér, pela construção de chiqueiros higiênicos, onde os suínos viajam como se estivessem em seus próprios "lares"... A alimentação lhes é fornecida regularmente durante o trajeto, assim como todo o cuidado dispensado pelo seu tratador, que a todo momento verifica as condições gerais do grupo, providenciando imediatamente se por acaso alguns dos "ilustres viajantes" vem a demonstrar sinais de "enjôo" ou se a brusca mudança de clima lhes afeta particularmente a saúde...

Todos os esforços estão sendo feitos pelo governo do aludido país, no sentido de ampliar cada vez mais esse sistema de transporte para os produtos do campo, tendo sido realizados estudos cuidadosos para serem resolvidos, por esse meio, importantes problemas de transporte, comércio e alimentação do gado em geral, em face das condições particularmente desfavoráveis do clima tropical da Guatemala.

Outro detalhe em favor do emprego da aviação como meio de transporte dos animais de criação, está no que diz respeito ao interesse veterinário, pois que a rápida condução pelo ar, vem diminuir consideravelmente o sempre grande perigo de febres e outros males que o animal geralmente adquire por via marítima. Dessa forma também se transportou para um outro país da América do Sul, em várias viagens, u'a manada inteira de novilhos da raça Brhama. Os aparelhos incumbidos de realizar esse transporte foram equipados com estábulos especiais. O assoalho, para isso, foi reforçado e os compartimentos principais providos de divisões provisórias, construídas por meio de tubos de metal (magnésio) e paredes de folhas delgadas. Esses estábulos podem ser facilmente removidos e logo o espaço do interior da nave transformado, de diversas formas, a fim de receber outras espécies de animais. Recentemente, foi enviado dos Estados Unidos à Itália, um grupo de quinze reprodutores da raça Gyr, tendo sido o trajeto coberto em pouco mais de 24 horas de voo, ininterrupto.

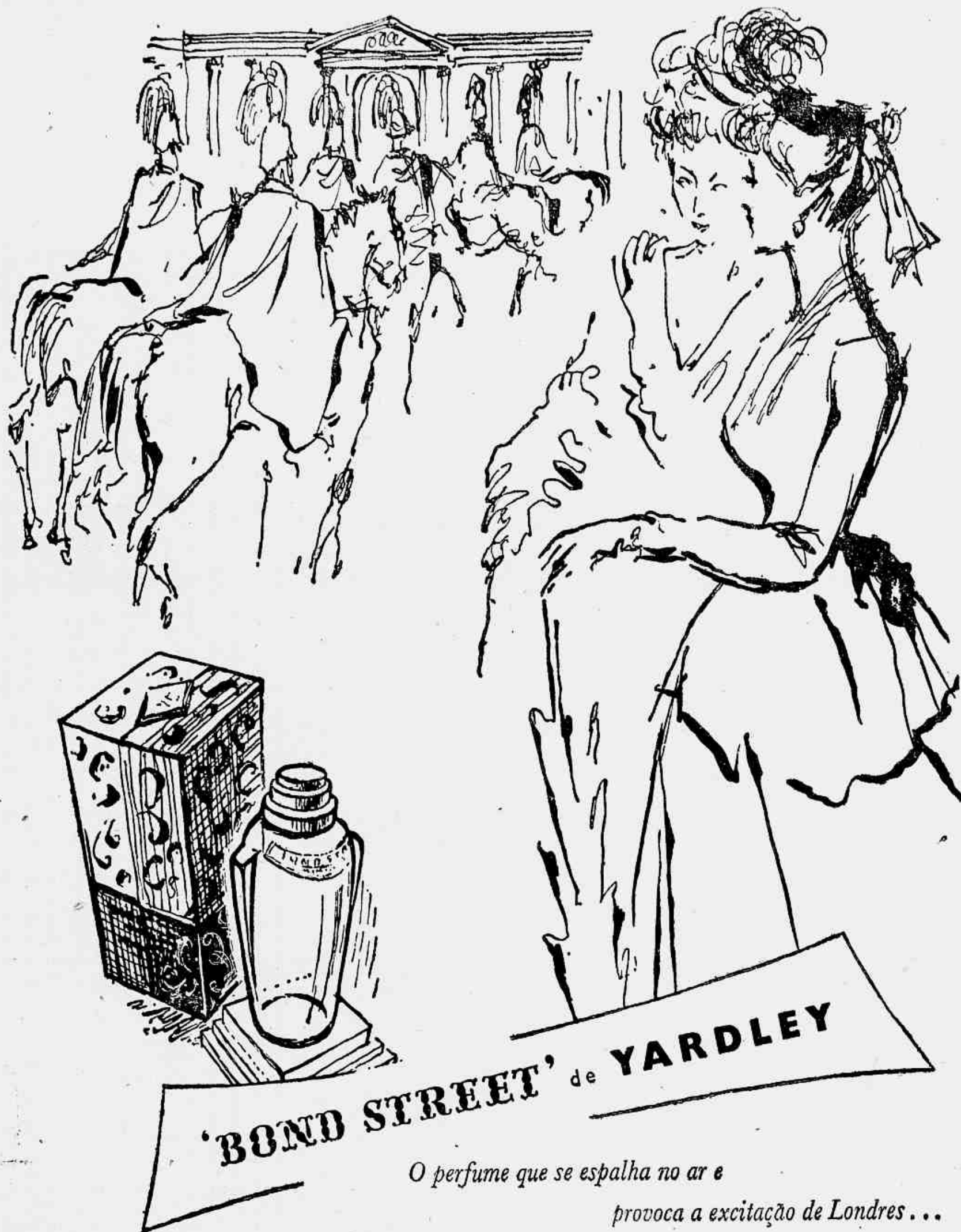
Um outro episódio ocorrido há pouco, revela o alcance e a extrema utilidade da aviação para o incremento das atividades da agro-pecuária. Nos campos de pastagem de Great Plains, numa fazenda na Costa do Pacífico, nos EE. UU., u'a manada de bovinos se achava praticamente perdida, em face da súbita chegada do inverno, com o congelamento das águas dos rios que a cortavam, e o próprio pasto coberto por grossa camada de neve. Por ser o local de difícil acesso, situado nos cumes de elevadas montanhas, os proprietários da referida estância invernalista nada puderam fazer em socorro de suas rézes, tendo, por isso, que apelar para a Repartição competente do Ministério de Agricultura do Tio Sam. Um aparelho C-82 "Flying Boxcars" foi equipado, às pressas, com algumas centenas de quilos de forragem, e enviado ao local, tendo sido distribuída do ar toda a forragem necessária, durante vários dias, até que providências foram tomadas, para a abertura de estradas especiais, a fim de salvar os animais daquele isolamento involuntário.



Um C-82 "Flying Boxcars", utilizado no transporte de forragem para u'a manada de bovinos isolada pela neve



O interior de um DC-4, depois de equipado com chiqueiros especiais para o transporte de suínos



O perfume 'Bond Street' de Yardley também lhe é oferecido na Água-de-Colônia e no Pó-de-Toilette 'Bond Street'.

AGORA YARDLEY VEM NOVAMENTE DA INGLATERRA Agente Exclusivo para o Brasil: Leo L. Prochownik, Rua Sorocaba 35, Rio de Janeiro

YARDLEY • 33 OLD BOND STREET • LONDON

A BELEZA DOS SEIOS BÉL - HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for "ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME Nº
RUA
CIDADE ESTADO

Preço para todo o Brasil Cr\$ 35,00

fúcio. E' oportuno reproduzir aqui algumas de suas sentenças: "Ninguém se deve afligir por não ser conhecido dos homens, mas afligir-se com o não conhecê-los". E esta: "Quando não se sabe o que é a vida, como poder-se-ia conhecer a morte?"

★

PAULA NEY E A MATEMÁTICA

E' sabido de todos que os intelectuais não suportam essa coisa complicada que são as matemáticas. Um poeta, um escritor, um jornalista que escreve crônicas diárias, comentários gerais, raramente se inclinam para álgebras e geometrias. Há exceções, como, por exemplo, Quintino Cunha, que era poeta, escritor, intelectual completo e sabia bastante os segredos das equações de muitos graus...

Em geral, porém, o intelectual não topa números algébricos e figuras complicadas no espaço ou não. Dentre esses que odiavam esses mistérios euclidianos, estava o grande Paula Ney.

Num exame de matemática êle foi chamado à mesa da presidência e examinadores para tirar o ponto. Enquanto se acomodava para meter a mão na urna, estava ao quadro-negro um seu colega contemporâneo e habitante da mesma "república", conhecido como verdadeiro gênio em tal matéria. Toda a assistência daquela prova oral se acumulara na sala de exames para

la propôr o casamento de minha criada com o criado de Beatriz, mas retiro imediatamente minha proposta" — responde Rosaura.

Florindo, então, diz que absolutamente não permitirá, pois não quer ofender a filha de Pantaleão.



USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

E ficam nessa troca de gentilezas, até que Arlequim, na iminência de perder Esmeraldina, resolve explicar tudo:

— "D. Rosaura, a sra. pediu a mão de sua criada, para quem?"

— "Para o criado de D. Beatriz, que é você, Arlequim."

— "Como?" — exclama Florindo — "eu também pedi a mão de Esmeraldina para o meu criado, isto é, o Arlequim."

Nessa hora, fica esclarecida toda a trama do malandro. Paschoal nunca existira e Arlequim era o único e exclusivo culpado: Quis servir a dois amos, sem que um soubesse do outro... mas todos o perdoam, diante de tanta felicidade. Rosaura casa-se com Sívio; Beatriz com Florindo, e Esmeraldina com... Arlequim.

"Tutto e bene chio che finisce bene."

VIDA LITERARIA

(Continuação da pág. 14)

sofrido alternativas de paz e de guerra, de calma e tempestade, de elogios e censuras. Registram os seus anais episódios memoráveis. Um deles, bastante jocoso e irônico, se refere ao discurso de posse do duque de Richelieu, ministro de Luís XVIII, o qual, depois de pronunciar-lo foi delirantemente aplaudido, e se saiu com esta: "Agradeço-vos, senhores, tantas palavras amáveis; vou transmiti-las ao senhor de Roy, que foi quem escreveu o meu discurso".

★

A RUA DE CONFUCIO

Há um movimento, entre intelectuais do Rio, para que se da à atual rua Real Grandeza, o nome do sábio e filósofo Con-



...mas o que é bom fica.

Pode-se assim dizer da ÁGUA INGLESA GRANADO que há mais de 60 anos é usada com os melhores resultados nos casos de ANEMIA, CLOROSE e CONVALESCÊNCIAS.

TÔNICA E APERITIVA

ÁGUA INGLESA GRANADO



Ruth M. Lacerda de Almeida (Recife) — Ainda há muitos a julgar, antes do seu. Paciência e aguarde a vez.

Nadja Berenice (Belo Horizonte) — O Sr. R. Magalhães Jr. deixou esta Revista há seis meses. Pedimos aguardar notícias de seus contos em edições próximas. Pode mandar-nos o conto "A Mala Furtada".

Oneide Lopes (Belem, Pará) — Seu "Sonata ao Luar" foi aprovado. ção Escolar de há 50 anos" não po-

A. S. B. G. (Ribeirão Preto) — de sair porque não é conto literário.

H. Q. C. (Rio) — (Itiberê) está escrito de forma a aborrecer o leitor em lugar de agradá-lo. Evite os termos rebuscados, os preciosismos, e use linguagem simples.

A. S. B. G. (Ribeirão Preto) — "O rio que secou" e a "Morte do Canário" estão muito curtos.

J. S. M. (Varginha) e F. A. B. (Rio) — Seus contos "Refúgios da Dôr" e o "Perneta" estão por demais exigüos.

A. J. de F. (Rio) — O original de seu conto, "Canta, Calui!" está ilegível em muitos trechos.

J. V. (Rio) — Curtíssimo o seu "Devaneio".

A. J. F. (Rio) — "E Tio Pedro não voltou" está muito bem escrito; mas não pode sair nesta REVISTA em virtude da linguagem imprópria.

N. P. — (Vitória) — Seu "Prisioneiro de Sheila" está fraquinho. Corrija o seu sistema de monologação e cuide do português. Os pronomes oblíquos nunca podem vir depois dos verbos no condicional.

A. D. (S. Paulo) — "O meu vestido maravilhoso" está curto de mais. Arranje mais panos para as mangas e volte.

Martiniano da Cruz Filho — (Rio) — "Decepções de um caboclo" foi aprovado.

Jorge Wilson Hilsdorf (S. Paulo) — Seu conto "Canavial" já está em mãos do nosso ilustrador.

F. C. B. (Varginha, Minas) — Sua "História Triste" está muito pequenina. Mande outra, no mínimo com dez folhas daquele tipo de papel, mas tudo datilografado.

Virgílio da Veiga (Niterói) — "Um perfeito homem de negócios" está bom e sairá brevemente.

L. F. M. (Belo Horizonte) — Na "Casa da Rosita" é conto que se desenrola em ambiente impróprio. Procure narração em casas mais honestas.

O. M. (Mimoso-E. Santo) — Seu "Veludo" não pôde ser aproveitado por estar muito miudinho. Estire mais a inventiva.

O. O. P. B. (Rio) — "A Canção do sertanejo" não pôde ser aprovada. Tente outro conto e lhe dê mais substância.

L. P. (Rio) — Seu conto "1500 D. C." foge ao critério desse gênero literário e narra um episódio falsamente histórico.

E. A. da Silva (S. Paulo) — Não devolvemos originais, sejam ou não aproveitados. Seu novo conto "O Mudinho" entrou na fila. Aguarde.

J. M. R. (S. Paulo) — "Um calouro nas arcadas" não é conto, e sim, crônica. Escreva contos e mande-nos.

Ernani Santos (?) — Não publicamos versos, por isso seu poema rustico "Vingança de Sertanejo" não pôde sair.

Y. G. (Rio) — "Meu único amor" deixa de ser aprovado por estar demasiadamente curto.

ver a figuração do colega. Os mestres se acotovelavam diante daquela precocidade que esgotava os processos de prova, enchendo quadros-negros com os mais incríveis garranchos, números, chaves, traços, raízes, expoentes, o diabo. O resultado do problema que caíra foi zero. Palmas esturugiram por todos os lados, e o jovem matemático preparatoriano foi felicitado por mestres, examinadores e estudantes. Logo que serenou o espetáculo, um dos examinadores se dirigiu a Paula Ney e lhe disse:

— Bem. Agora vamos nós seu Paula Ney. Abriu o papelzinho e leu o ponto.

O filósofo sorriu e respondeu:

— Não, meu caro mestre! Que vou eu fazer na pedra? Se aquele meu colega, um gênio em matemática, encheu dois quadros, recorreu a vários sistemas de solução, chegando, finalmente a zero, que resultado será o meu que nada entendo dessa geringonça?...

E se levantou triunfante.

ROMPEU-SE O VÉU DA SUCESSÃO

(Continuação da pág. 58)

responsabilidades não devem dar importância a prédicas envolventes, aos "slogans" proferidos pelos contumazes aproveitadores, às frases feitas, aos tabus rotulados de "fôrças ocultas", "comunismo", "fôrças desagregadoras", etc., pois esta é a terminologia manhosa dos políticos sem escrúpulos e sem patriotismo. Hoje, não mais permitiremos explorações com o nome da nossa classe nem seremos ludibriados pelos obreiros diabólicos de documentos falsos, pois ainda nos recordamos da monstruosa aventura política, oriunda de absurdas maquinacões, pela qual brasileiros ambiciosos assaltaram o poder e, perante à Nação, feriram profundamente o Exército na sua honra, na sua hierarquia e no seu decôro, fazendo de seu crime o crime de toda uma classe.

Portanto, continuemos firmes e alerta à frente das nossas tropas, cumprindo com o nosso dever, instruindo e disciplinando os nossos homens e elevando bem alta a tradição gloriosa do nosso Exército."

Lido no Senado pelo sr. Salgado Filho, esse documento provocou debates, tendo o senador Góis Monteiro se mostrado evidentemente chocado. O fato é que — tirante considerações de ordem técnica — o documento, por sinal apoiado pelos onze generais que servem à 3ª Zona, coincide no seu sentido com reiteradas declarações do sr. ministro da Guerra.

Foi dito que o general Pessoa, proclamando o seu pensamento, fez chover no molhado, coisa que se poderia afirmar também do general Dutra quando repetiu que não governará mais do que o período constitucional. Não são porém ociosas essas repetições: o nosso "solo democrático" é áspero, mal trabalhado, quase sáfaro. Se não dispomos de boas máquinas que o preparem, ao menos chova muito sobre ele.

Publicidade para a

"Revista da Semana"

em São Paulo:

Tratar com
JARBAS DE FREITAS

GALVÃO

★

Rua Brigadeiro Tobias, 613

2.º And. Sala 217

Fone: 8-6718



ANGELUS RAVEL



A esquerda: Elegante bebê, cujo mecanismo interior o faz executar vinte e cinco movimentos diferentes. A direita: George Harold Messmore ao lado de uma de suas máscaras fantásticas

NOS filmes de produção norte-americana, principalmente na série dos chamados "terríficos", de vez em quando, se nos deparamos com incríveis figuras de monstros pré-históricos, enormes Brontozoaros da Era Terciária, ou então, muito mais modernamente, alguns exemplares curiosos da fauna africana, ou ainda legendárias figuras de supostos seres de estranhos planetas — e o que mais surpreende o espectador é a natural e quase perfeita coordenação de movimentos que executam, como se reais o fossem.

A maioria dessas verdadeiras obras primas da arte plástica, procede dos estúdios de George H. Messmore, em Nova York.

A especialização de Messmore, tornou seu nome famoso em todos os Estados Unidos e também na Europa, de onde chegam constantemente encomendas fantásticas, dos estúdios cinematográficos da França, Itália e Inglaterra, isso para não se falar de Hollywood — seu maior freguês.

Há quarenta anos atrás, Messmore se dedicava apenas à decoração de painéis e pinturas de "panos-de-boca" destinados aos melhores teatros e cinemas da terra do Tio Sam. Em 1940, havendo um estúdio de Hollywood reclamado urgência na confecção de um

"autêntico Gorila", para uma cena mais emocionante de uma película, cujo tema se passava no interior da África, Messmore foi obrigado a contratar mais alguns artistas, para poder atender ao pedido. Daí em diante, resolveu se dedicar exclusivamente à fabricação de "monstros".

Um de seus últimos trabalhos — um gigantesco Dinosauro, de peso aparente da ordem de 30.000 quilos! — mede aproximadamente 18 metros de comprimento e, no seu interior, mecanismos especiais proporcionam a movimentação necessária, que dão ao público a idéia de como se supõe que deveriam caminhar esses monstros da pré-história.

Outro exemplar curioso é um elegante-bêbê, que executa vinte e cinco movimentos diferentes.

Interessante é a arte de Messmore e proveitosa a remuneração que lhe proporcionam as suas "criaturas monstruosas"...

★

Pela primeira vez na história do Museu de Arte de Nova York, um artista mereceu a honra de expor suas obras com exclusividade por toda uma temporada.

O escultor distinguido com tamanha deferência foi o iugoslavo Ivan Mestrovic, que completou, há poucos meses, sessenta e três anos de idade.

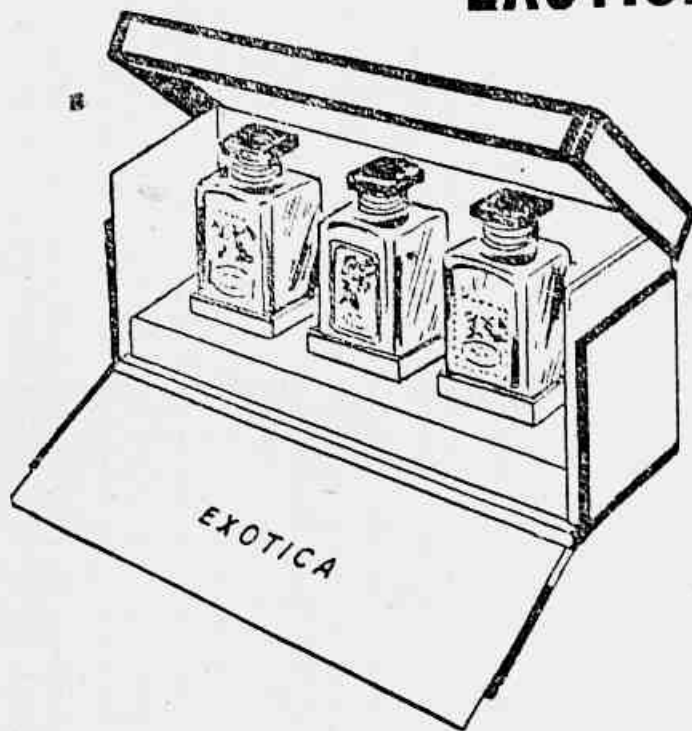
Desde a sua primeira exibição, em 1896, Mestrovic vem trabalhando porfiadamente, e hoje em vários museus das principais capitais européias suas obras são admiradas, desfrutando o autor de um largo prestígio artístico. Modela suas produções em bronze e mármore, constituindo essas últimas, verdadeiras obras primas de execução, conforme se referem os críticos novaiorquinos.

A sua derradeira obra, intitulada "Pietà", Ivan Mestrovic a concebeu e desenhou os primeiros esboços quando ainda se encontrava num campo de concentração nazista, onde permaneceu por muitos meses. "Pietà" foi talhada de um gigantesco bloco de mármore, de peso aproximado de cinco toneladas e meia, e vem suscitando do público e da crítica estadunidense comentários favoráveis e elogios inúmeros, o que coloca Ivan Mestrovic entre os grandes artistas contemporâneos da arte plástica.



"Pietà", do escultor iugoslavo Ivan Mestrovic

PERFUMES EXÓTICA



Para qualquer parte do Brasil ser-lhe-á remetido, pelo Correio, este lindo estojo com 3 vidros de finos e exóticos perfumes diferentes

Pelo Reembolso Postal, sem qualquer outra despesa

Cr\$ 55,00

(Não remeteremos por via aérea)
Faça seu pedido à

PERFUMARIA EXÓTICA

Rua Campos da Paz, 165 — Rio — Fone 48-8137
Enviamos catálogos a quem solicitar

**Publicidade para A CENA
MUDA em São Paulo: —**

**Rua Álvares Penteado, 180,
Sala 502 — Telef.: 3-2649**

**GRIPE/
RESFRIADOS/
NEURALGIAS**

**DÓRES
de CABEÇA**

TRANSPIROL

O NAMORADO DE PAQUETÁ

(Continuação da pág. 33)

VISITA AO CEMITÉRIO

Havíamos chegado junto a uma das numerosas lages com inscrições alusivas, na maioria conselhos ao menos cuidadosos para que protegessem as plantas, respeitando as árvores.

E o sr. Di Franco, outra vez, nos explica, solícito, que aquilo era trabalho do próprio Bruno. Por todo canto, andou ele espalhando aquelas inscrições.

— Pedro Bruno era funcionário da Prefeitura? — indagamos, curiosos.

— “Sim e não — se é por causa dessas lages que o senhor está falando...”

E ante a nossa surpresa:

— “A função que o pintor desempenhava aqui na ilha, era a de administrador do Cemitério local, que nem parece cemitério, conforme o senhor terá oportunidade de ver... de tão lindo que é... Ele, porém, nada tinha que ver com o resto... e no entanto, transformou tudo isso aqui num verdadeiro jardim, como vê.”

E de fato assim é. A grande maioria das árvores ali plantadas, o foram pelas próprias mãos de Pedro. E para cada uma delas, uma história era guardada por ele. Fazia tudo aquilo apenas por que lhe dava prazer, sem nunca reclamar um centil, que fosse, em troca de seu trabalho.

Dirigimo-nos, a seguir, para o Cemitério local. Era mesmo como o havia descrito o sr. Di Franco. Flores por toda parte. Imensas árvores copadas, plantas de variadas espécies, arbustos, gramados, como se fora um bosque, assim é o cemitério de Paquetá. Caminhando por entre as sepulturas, atingimos um estranho monumento — uma pilastra de cimento, tendo por cima um tabuleiro de mármore — indagamos da sua utilidade. O sr. Poliano nos mostra um funcionário do Cemitério, que naquele momento, se dirigia ao monumento, conduzindo uma escada de mão.

— “Outra das “coisas maravilhosas” que fazia Pedro Bruno...”

Prestamos atenção na atividade do homenzinho. Colocou a escada de encontro à pilastra, segurou uma lata que trazia, subiu e, lá em cima, se pôs calmamente a distribuir... alpinista para os pássaros!

— “Todas as manhãs, “seu” Bruno vinha aqui dar comida aos passarinhos, ele mesmo...” — retrucou o empregado, depois de terminado o serviço, como se adivesse a nossa pergunta.

— “Era o “café-da-manhã” do pintor” — ajuntou o sr. Di Franco.

O CEMITÉRIO DOS PASSARINHOS...

Lembramo-nos, então, de que já ouvimos referências sobre um cemitério para os passarinhos, que teria sido concebido por Pedro Bruno, e perguntamos onde era.

— “Há alguns anos atrás, de fato, Pedro teve essa idéia. E todos nós a aprovamos, porém, não chegou a levar adiante... Coisa muito mais sugestiva, todavia, era o festival que Bruno organizava, todos os anos. Era a “festa dos pássaros”. Pedro Bruno jamais suportou a simples idéia de se conservar um pássaro aprisionado numa gaiola. Quando algum novo morador, desconhecendo ainda as “leis” ditadas pelo saudoso pintor, mantinha aves engaioladas, Pedro buscava todos os meios de fazer aproximação com o novato. Era tarefa muito fácil, pois a sua conversação atraía o estranho, dada a enorme simpatia que irradiava sua pessoa. Daí, ao trabalho de “catequese” do “impiedoso” era apenas um passo... Convencia-os com argumentação invencível da crueldade de trazer as azevinhas engaioladas. E o seu poder de insinuação era tão grande que, não raro, dias depois, a gaiola já não mais estava fechada...”

Aos poucos que resistiam, Bruno insistia vivamente, durante os preparativos para o anunciado dia da festa tradicional. Naquela ocasião, dezenas de gaiolas eram abertas, em praça pública, voluntariamente pelos seus donos, fato que proporcionava a Pedro Bruno inesfável satisfação. Era o dia mais feliz de sua vida, não se fartava ele de anunciar aos amigos.

O ÚLTIMO CUIDADO DE PEDRO BRUNO

De regresso, entrámos num pequeno “bar”, fronteiro à Estação das barcas, para beber um refrigerante.

Enquanto sorviamos a bebida, o sr. Di Franco relatou-nos uma outra passagem curiosa da vida de Pedro Bruno. Apontou-nos uma árvore, ainda pequenina, plantada num canteiro na praça ali perto:

— “Poucos dias antes de seguir para o Rio, onde a morte o surpreendeu, Pedro se dirigia apressado para apanhar a barca das cinco. No justo momento em que passava pela árvore, notou que um de seus galhos se havia partido. Muito embora o “mestre” da embarcação já houvesse apitado, avisando da saída incontinenti da barca, Pedro Bruno lhe fez sinal com a mão, mandando que esperasse um pouco...”

Por ser o saudoso pintor figura muito estimada e todos os que por ali viviam lhe conhecer perfeitamente os hábitos, o “mestre” não teve dúvidas em atender à solicitação...

Pedro Bruno, então, correu para junto da arvorezinha, retirou do bolso um pedaço de barbante e, rapidamente, amarrou o pequeno galho. Depois, recuou dois passos, contemplou satisfeito o serviço que acabava de fazer, e correu para o embarcadouro...

“MATARAM A MINHA ILHA...”

O sr. Poliano retoma o fio de sua narrativa:
— “Em meio às alegrias com que Paquetá recebeu, em 1922, a iluminação elétrica, um homem, com certeza, não se deixou contagiar por elas...” “Mataram minha ilha” — disse certa vez Pedro Bruno a Augusto Silva, seu particular amigo — e duas mães lhe desceram

dos olhos, misturando-se à tinta da paleta. A título de consolação, prometeram-lhe os responsáveis pela introdução do modernismo — em vão, todavia — que nas três noites de luar pleno, as luzes seriam apagadas às 10 horas...

Pedro Bruno foi contra a luz elétrica; não lhe preocupavam a escassez e morosidade das barcas, repelia o calçamento das ruas, não suportava os automóveis, abominava a fúria das construções amontoadas e principalmente o “estilo” dos apartamentos... Uma coisa, porém, sei que Pedro aceitaria de bom grado: E’ o aumento do abastecimento d’água de Paquetá, que só não é o mesmo de 1908 porque é menor ainda...”

A LIGA ARTÍSTICA

— “Pedro formou nos moradores de Paquetá, um subconsciente de amor e proteção à Natureza. Fundou com Pedro Alambary Lua e Augusto Silva, há um quarto de século, a Liga Artística, que funciona, até hoje, admiravelmente e está presente e ativa sempre que se faz necessário. E’ uma associação idealizada, realizada e dirigida, até sua morte, por ele mesmo. Os seus numerosos membros não lhe conhecem os estatutos. Pedro era a encarnação viva das finalidades da Liga, que não tem problemas de classe nem fins políticos. E’ destinada, exclusivamente aos assuntos da ilha, no que toca à arte e à beleza. Toda vez que a Liga se reúne é que alguma coisa se inaugura... Com a Liga Artística, Pedro Bruno formou uma verdadeira equipe de amigos da ilha.”

Demos por finda nossa missão. Despedimo-nos dos amigos de Pedro Bruno, e continuadores de sua obra, consoante suas próprias palavras.

UM DIA NAS CAVERNAS DE ROMA

(Continuação da pág. 6)

Roma, como último refúgio na escapada em tropel do teatro da guerra de extermínio.

E agora e-los ali, naquelas furnas, abrigos anti-aéreos, com tantas crianças pequeninas e inocentes, brincando à porta da miséria, vestindo os últimos trapos que foram salvos do incêndio.

Pedimos seus nomes. Para que nossos nomes? — retrucaram. Somos apenas uns restos de vida, morando em furnas, como bichos...

Noutra caverna uma senhora de fisionomia que denotava uma fidalguia de traços que a miséria não dissolvera, ao lado dos filhos procurava dissimular de uns fundilhos de calças cotiados e róticos o sinal mais evidente da pobreza envergonhada.

Era o cômodo apenas um vão que não media mais que uns seis metros quadrados, cavados na rocha viva. O fogo era feito lá fora, a fim de não sufocar com o fumo a respiração dos habitantes.

A parede de granito um saco de víveres, um pequeno calendário e um crucifixo com a figura de Cristo de braço sabertos, pregado na cruz, cabeça pendida sobre o peito, como desiludido da ingrata humanidade.

Ao chão, a única peça de mobiliário: retalhos de estopa contendo palhas velhas e secas, servindo de sofá, cama, mesa, cadeira...

Mais adiante o coração apertou e fizemos esforços para não chorar. Uma velhinha, só neste mundo, cega de um olho, dormindo quase ao relento nos restos de um colchão que encontrara abandonado nas ruínas de uma outra caverna, brincava com o seu último companheiro de uma vida outrora feliz: um gatinho branco. O animalzinho pertencera a seus filhos, hoje mutilados e falecidos. Sua história se confundia com a dos demais refugiados das cavernas de Roma. Uma vítima da guerra.

Ao lado, um outro solitário. Mais solitário do que a velhinha, porque, nem mesmo um gato possuía para amenizar-lhe a solidão. Era um combatente, ferido na campanha de libertação, ficara inválido. Seu antro se compunha de um desvão de abrigo anti-aéreo, sem amparo externo. De noite, via o céu, as estrelas e o luar, quando havia luar; de dia, o sol lhe dava um aquecimento alentador, absolutamente de graça. Se lhe faltasse esse calor, morreria, na certa.

Durante um dia, percorremos as cavernas de Roma, onde vive quase uma centena de pessoas como fantasmas, na mais primitiva condição desta vida. Mas não há uma palavra de revolta, uma expressão de aspezeza. Estão conformados, humildes e resignados na extensão daquela vastíssima desgraça.

Só uma coisa preocupa os mais velhos: a sorte das crianças. Que será delas?

Confiam todos, porém, que os poderes públicos, em breve, resolvam todos estes problemas de famílias dispersadas pelas consequências da última conflagração.

A Itália vai, aos poucos, se refazendo e cicatrizando as feridas da luta de morte em que se viu envolvida. O trabalho retoma seu ritmo, a produção se manifesta em escala ascendente, o braço operário começa a ser requisitado para as fábricas, numa ressurreição industrial promissora.

Os campos voltaram a florescer e as safras dão os resultados que os camponeses esperavam. Há esperanças de renascimento geral, e, depois de tudo normalizado e em marcha para os progressos da paz, todas estas cavernas serão abandonadas, seus habitantes reconduzidos a moradias decentes, confortáveis, onde as crianças possam respirar ares mais puros e ter da vida humana uma visão confortadora.

E mais uma vez se confirma a filosofia do poeta: *Spes, ultima dea. Sim, a esperança é a última deusa desta nossa vida de contradições.*



DRAGO

Nº 51

Por
Hogart

DISPOSTO A TUDO PARA APODERAR-SE DO COBRE EXISTENTE NAS TERRAS DOS RANCHEIROS, CESAR DEIXA FLAMINGO NA PORTA DE CASA E, ENCAMINHANDO-SE PARA OS FUNDOS, ATIRA FRIAMENTE DE DON PEDRO MATANDO-O



PAPAI!
PAPAI!



DEIXAREI PASSAR UNS MINUTOS E DEPOIS EN-TRAREI PELA FRENTE.

ENQUANTO ISSO



O TIRO VEI DA ALDEIA!



FLAMINGO! OUVI UM TIRO! QUE ACONTECEU?

CESAR! PAPAI FOI ASSASSINADO!



DON PEDRO... ASSASSINADO! OUVI UM TROPEL DE CAVALO HA' POUCOS INSTANTES... E ME PARECEU

DRAGO! MATOU PAPAI POR VINGANÇA!!



UMA VEZ MAIS VOCE BOTOU A CULPA EM DRAGO, CESAR! MAS TENHA CUIDADO PORQUE A HORA DO AJUSTE DE CONTAS ESTA CHEGANDO!



OLHE, CESAR A BALA DO ASSASSINO!

FOI A BALA QUE MATOU SEU PAI? E MELHOR DEIXA-LA COMIGO, FLAMINGO!



NÃO, CESAR! GUARDAREI A BALA! COM ESTA PROVA, PODEMOS AGARRAR O ASSASSINO!



RANCHEIROS! DON PEDRO FOI ASSASSINADO! QUANDO DESCOBRIRMOS O REVOLVER QUE DISPAROU ESTA BALA, TEREMOS O ASSASSINO! CREIO QUE FOI DRAGO! PROCUREM-NO! AMIGOS!

(E DO MEU REVOLVER QUE ESTA FALANDO FLAMINGO! PRECISO APODERAR-ME DA BALA!)



DRAGO

Nº 52

Por
Hogart

Os esforços de Cesar no sentido de apoderar-se da bala com a qual matou o pai de Flamingo, são interrompidos...



RANCHEIROS, MEU PAI FOI ASSASSINADO...

VOU DIZER O NOME DO ASSASSINO! NO! FOI DRAGO!



SE VOCÊ SOUBESSE FLAMINGO, QUE QUEM DISPAROU A BALA ESTÁ A SEU LADO...



QUE ESTAMOS ESPERANDO? VAMOS ÀS MONTANHAS PROCURAR O ASSASSINO!



VINGAREMOS ESTA NOITE A MORTE DE GO MORERA' ESTA NOITE!...



ENQUANTO OS RANCHEIROS PROCURAM O SUPOSTO ASSASSINO, UMA FIGURA OS SEQUE DE PERTO...

CESAR NÃO DESCANÇARÁ ENQUANTO FLAMINGO TIVER EM SEU PODER AQUELA BALA...



NÃO PODEMOS VOLTAR, FLAMINGO...

ESTAMOS MUITO NA FRENTE, CESAR!



ONDE ESTAMOS, CESAR. NÃO CONHEÇO ESTE LUGAR...

ISTO É UM ATALHO, FLAMINGO.



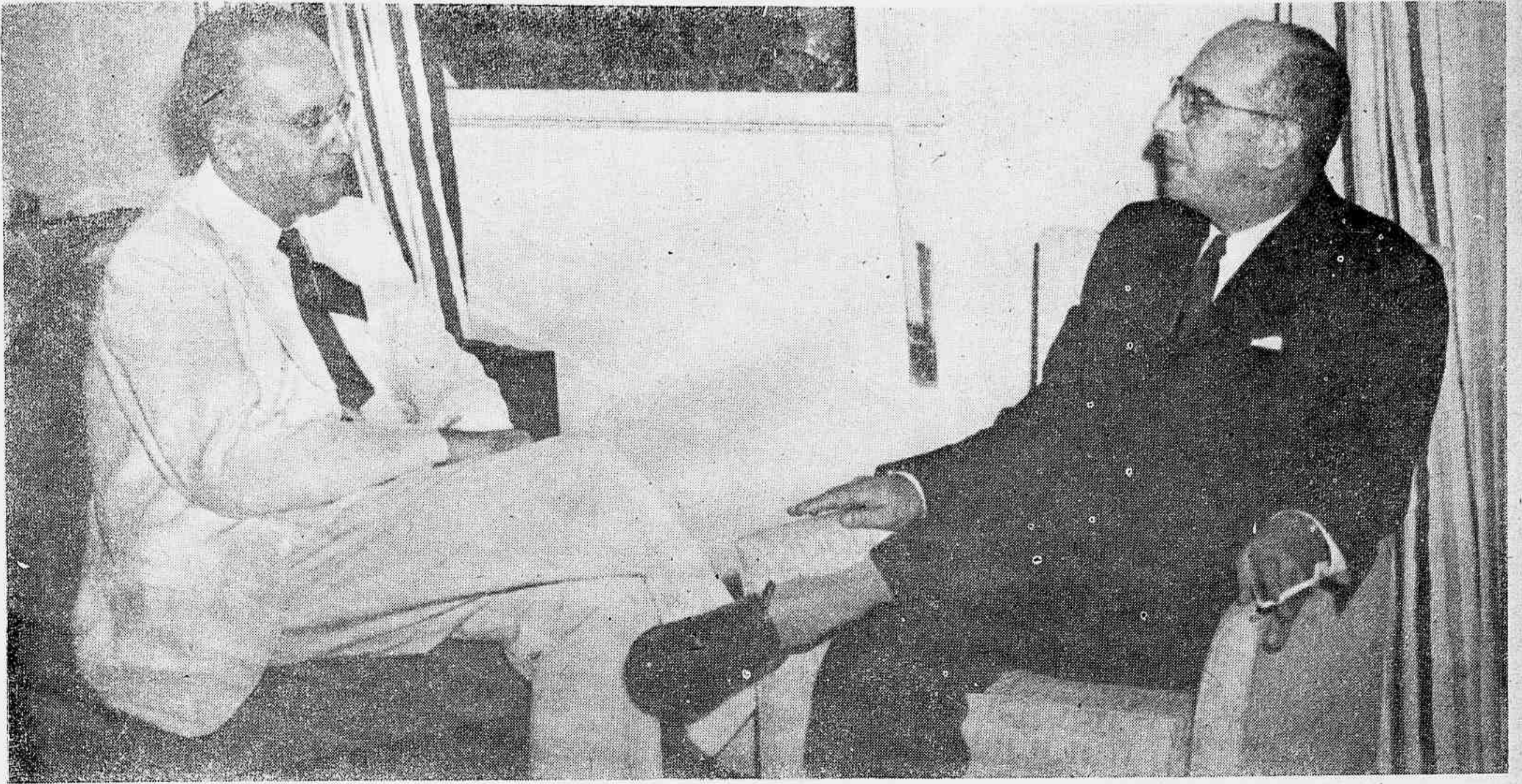
UM ATALHO PARA A ETERNIDADE MINHA CARA, VOCÊ VAI MORRER...



E A BALA SERÁ MINHA!

Copyright 1946, N. Y. Post Corp.

10-27-46



Flagrante apanhado em Petrópolis, vendo-se o Sr. Prado Kelly, Presidente da U. D. N., falando com o Sr. Milton Campos, a respeito da conferência que foi o assunto de sensação dos últimos dias

ROMPE-SE O VÉU DA SUCESSÃO

QUANDO se aproximou o fim do ano de 1948, a imprensa e alguns elementos políticos começaram a fazer cogitações a propósito do problema da sucessão presidencial da República. E, ao mesmo tempo, o sr. Negreiros Falcão, deputado federal pela Bahia, aliás autor do projeto que aumentou os subsídios dos congressistas, lançou a idéia da prorrogação do mandato do general Dutra por um ano, sob a alegação de que esse período lhe fôra subtraído. Embora a idéia não haja logrado bastante repercussão, força é confessar que, inicialmente, o projeto de elevação dos subsídios também não fôra levado muito a sério. E pegou...

De resto, certos elementos, vinculados ao Catete, dei-

xavam transparecer simpatia pela "restituição" dos doze meses, nunca sendo de mais lembrar a debilidade das democracias sul-americanas.

Em face desses pruridos, o sr. presidente da República fez declarações peremptórias no sentido do integral cumprimento dos postulados constitucionais.

O ano de 1949 entrou, dessarte, sem maiores novidades; mas o problema continuou sempre nas cogitações gerais, embora os elementos mais destacados na política, o presidente da República inclusive, timbrassem em declarar que o assunto não deveria ser ventilado prematuramente, para que não viesse perturbar a vida nacional.

O senador Salgado Filho passou a peregrinar diversos

Estados, rearticulando o P.T.B., e, de quando em quando, surgiam informes de que o sr. Ademar de Barros, principal figura do P.S.P., estaria desenvolvendo grande trabalho dentro e fora de S. Paulo, visando a sucessão. Discreta distribuição de cartazes nas cidades do interior lembrava a figura do sr. Vargas.

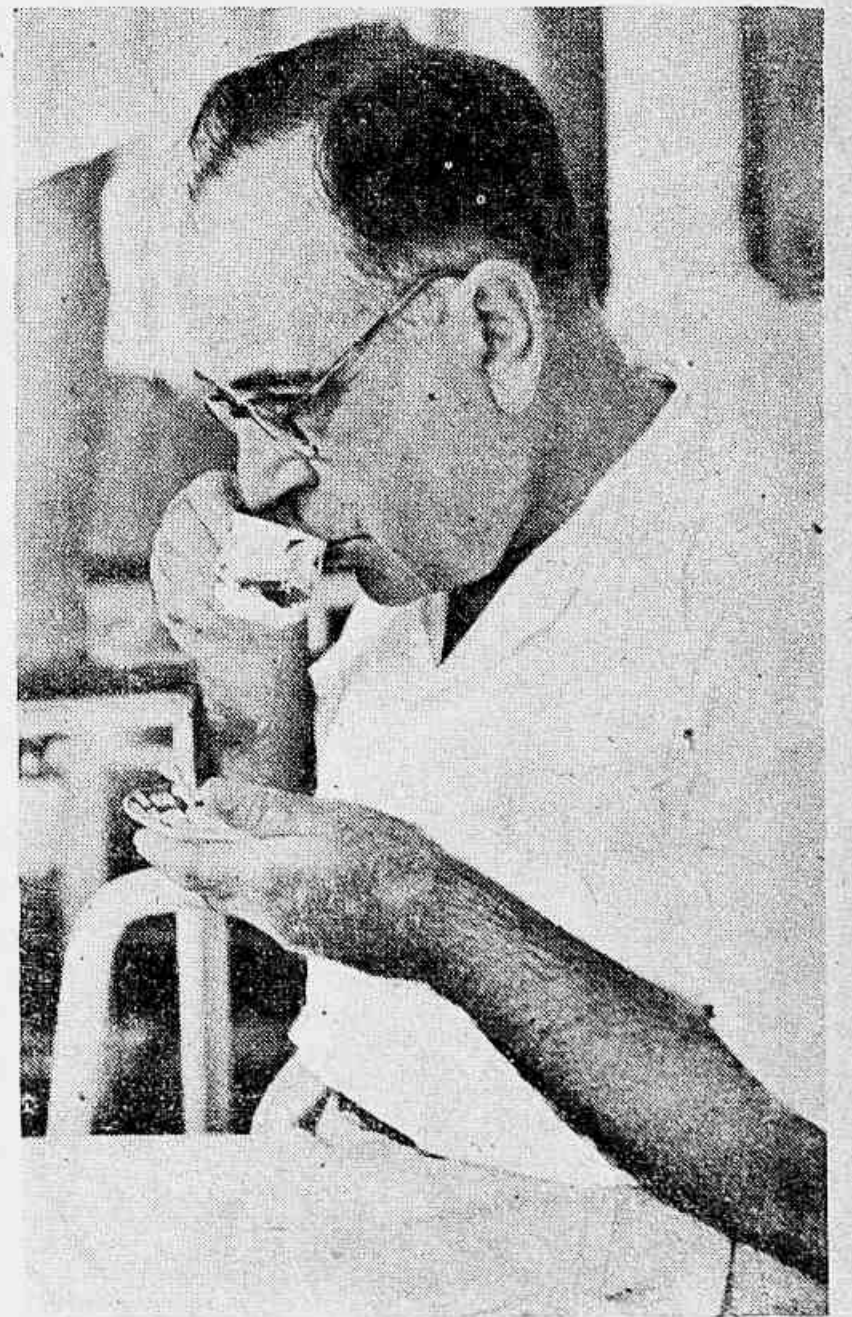
Há coisa de um mês, um repórter carioca obteve do senador Getúlio Vargas uma entrevista que alcançou grande repercussão, na qual s. s., a propósito da sucessão, depois de criticar o governo de seu ex-ministro da Guerra, disse que o P.T.B. poderia fazer aliança com qualquer partido, não se sentindo ele incompatibilizado com ninguém. Enquanto isso, continuavam nas conversações ge-



O Sr. Otávio Mangabeira, que governa o Estado da Bahia numa situação que não se constata em outro Estado: trégua política interior, todos os partidos apoiando a obra administrativa do governo local. O Sr. Mangabeira apóia o sentido da conferência



O Deputado Negreiros Falcão, que lançou a idéia do aumento dos subsídios, afinal vitoriosa, de cima a baixo, e que vinha sugerindo a prorrogação do mandato presidencial



O Senador Getúlio Vargas que, afastado do Senado, em sua fazenda no Rio Grande do Sul, agitou, em entrevista, a questão da Presidência



O General de Divisão José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, Comandante da 3.^a Zona, que, em documento oficial, fez as declarações constantes da sensacional mensagem que transcrevemos no texto. A zona em causa compreende os estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina



O Deputado Benedito Valadares, chefe da ala ortodoxa do P. S. D. de Minas Gerais, e que antes da Conferência de Petrópolis estava em contacto político com o Presidente da República

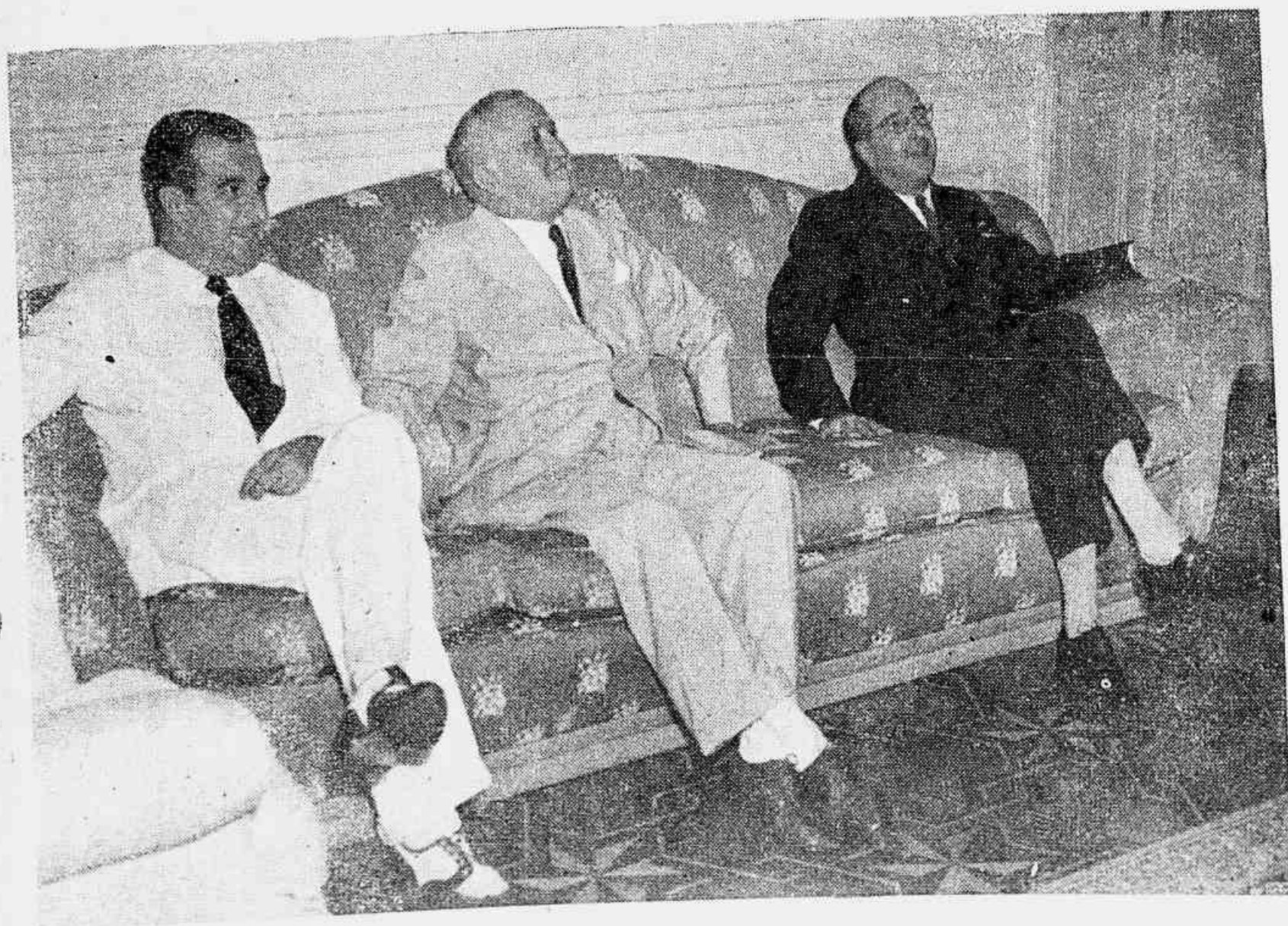
rais os nomes do senador Nereu Ramos e do general Canrobert Pereira da Costa, o primeiro lembrado em entrevista pelo sr. Dioclécio Duarte, elemento do P.S.D., e o segundo decorrente de boatos provindos de fontes não oficiais ou partidárias, sendo, todavia, de notar que o ministro da Guerra sempre se declarou alheio à política e, consequentemente, ao assunto. Quanto ao sr. Nereu Ramos, foi absoluta a sua discrição em face do magno problema, sendo, porém, certo que jamais contrariou, de público, a sugestão do sr. Dioclécio Duarte.

Vinham as coisas nesse pó, quando, em princípios de março, reataram os "furos" de que o debate da sucessão presidencial seria aberto a qualquer momento. Para tanto, há de ter contribuído a convocação extraordinária do Congresso que, por sinal, tendo agravado as despesas públicas, nada produziu de útil à Nação.

Realmente, já no fim da primeira quinzena de março tudo indicava para breve grandes acontecimentos: a eleição do presidente da Câmara com a substituição do sr. Samuel Duarte, do P.S.D. da Paraíba, pelo sr. Cirilo Junior, do P.S.D. de S. Paulo, evidenciara a aproximação de fatos que logo se sucederam. Vai ao Rio Grande do Sul o sr. ministro da Guerra, a serviço do Ministério, e lá faz declarações que, mesmo vasadas no sentido de outras manifestações anteriores, abriram ensejo a comentários e interpretações diversas.

Anuncia-se, a seguir, a vinda do governador Milton Campos a Petrópolis para importante conferência política a convite do general Dutra. Mudara, sem dúvida, o ambiente: agora, era o próprio presidente da República o interessado em que se abrisse o debate sucessório.

Por quê? Para matar definitivamente a idéia da prorrogação do mandato presidencial? Para evitar maiores agitações, de vez que não seria possível deter a marcha dos acontecimentos? Para reforçar o prestígio do Brasil lá fora, no momento em que se exicia, vai ao estrangeiro,



Flagrante apanhado no Rio Negro, em que aparecem o General Dutra, o Governador de Minas e o Senador Bernardes Filho, do P. R., apontado como o elemento que se encarregou de fazer o contacto político entre o Presidente e o Governador mineiro



O Sr. Bloch de Duarte, Deputado Federal pelo Rio Grande do Norte, que em entrevista declarou ser o Sr. Nereu Ramos o candidato do P. S. D. à Presidência da República



O Ministro Lauro de Camargo, Presidente do Supremo Tribunal Federal, recentemente homenageado pela magistratura paulista, cujo nome seria lançado pelo Sr. Ademar de Barros para a Presidência da República

podendo assim apresentar o seu país — isento de perspectivas golpistas — como nação realmente democrática, malgrado os vícios internos? Para fazer face a certos partidos, mediante a aglutinação das maiores correntes eleitorais à procura de um resultado condizente com a evolução dos tempos, porém sensato e brasileiro? Não se sabe. Até porque s. excia. não se pronunciou a respeito, o que é, sinceramente, de lamentar; máxime considerando-se que em 31 de dezembro s. excia. falara à Nação ponderando a inconveniência do debate presidencial.

De um modo geral, o encontro do Rio Negro causou boa impressão, afora o enorme prestígio que conferiu a Minas Gerais e o grande destaque que deu ao seu governador. Este, autorizado pelo presidente da República a falar aos jornalistas, portou-se com muita discrição e respeito à opinião pública. Não se mostrou empolgado. Não avançou previsões.

Terminadas as conferências, recolheu-se ao seu posto, após dizer em entrevista que o objetivo do encontro fora saber se seria possível levar o acordo interpartidário ao âmbito da sucessão; que não se pretende retirar dos partidos a competência na matéria, que o assunto é da alçada dos partidos organizados que oferecerão o nome ou os nomes ao julgamento do eleitorado; que está na hora das cogitações e dos estudos; que reconhece ser de execução difícil a idéia do candidato único, dada a pluralidade partidária e a própria natureza da ordem democrática; que não se cuida de restabelecer a velha política dos grandes Estados.

O primeiro efeito prático dessa conferência foi a declaração peremptória do deputado Acúrcio Torres, na Câmara, assegurando, com toda a responsabilidade de líder da maioria, que o atual chefe do Executivo não ultrapassaria no poder um dia além do período constitucional. Não obstante dizer-se que o deputado Benedito Vala-



O Senador Góis Monteiro que apartou a leitura do manifesto, dizendo, inclusive, o seguinte: "... o passado pertence ao Diabo, a nós o presente e o futuro a Deus. Devemos fazer tudo para nos desprendermos do passado, que é dirigido pelo Diabo, e ficarmos com o presente, para que Deus nos guie para o futuro"



O Deputado Acúrcio Torres, Líder do P. S. D., que fez a sensacional declaração de que o General Dutra não governaria mais do que o período constitucional



Após a conferência com o Presidente da República, o Sr. Milton Campos, ainda no Palácio Rio Negro, falou aos jornalistas, dando as impressões que resumimos no texto



O Governador Ademar de Barros, para quem se voltam as atenções na política nacional, em busca de saber qual será a atitude do P. S. P. na futura sucessão presidencial



O Sr. Salgado Filho, o elemento de maior destaque no partido chefiado pelo Sr. Getúlio Vargas e que, no Senado, leu a mensagem do General José Pessoa



O General Canrobert Pereira da Costa, Ministro da Guerra, presentemente nos Estados Unidos, apontado como possível candidato à Presidência da República

dares vinha conferenciando muito com o presidente em torno da política nacional, parece certo que o encontro Dutra-Milton causou certo pânico nos arraiais do P.S.D.

Mas afirma-se que a visita pessoal do general Dutra ao senador Nereu Ramos desfez certas impressões. E, cientes todos de que haverá sucessão no devido tempo, sente-se cada dia mais intenso o movimento político: conferências, entendimentos, contactos, viagens de emissários, além de um trabalho de coordenação dentro de Minas, cujo eleitorado se equipara hoje ao de S. Paulo. Esta minúcia é importante porque se estava arraigando a convicção geral, agora contestada pelo governador paulista, de que o sr. Ademar de Barros, detentor do governo do maior Estado da Federação com real prestígio eleitoral, ali estava pretendendo, baseado nesses meios, galgar a Presidência da República.

Tudo corre sem maiores incidentes. Agora novos pruridos de intervenção em S. Paulo, o que se afigura "palpite" imprudente e injustificado, só a sensacional, realmente bem feita e bem recebida, mensagem do general José Pessoa, aos seus comandados da 3ª Zona, no Sul, agitou um pouco a opinião pública e o Congresso.

Eis a mensagem:

"O sr. presidente da República, com a alta responsabilidade de seu cargo, acaba de iniciar as conversações sobre a sucessão presidencial. Na qualidade de comandante da Zona Militar e com o objetivo de orientar os meus subordinados diretos, devo esclarecer que, vivendo à margem delas, não devemos participar das questões políticas de ordem partidária, como, aliás, é de nossa obrigação, em face da Constituição e dos regulamentos militares em vigor. Os onze generais que, comigo, têm a responsabilidade dos comandos das tropas da Z.M.S., sediadas no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, vivem entregues exclusivamente aos afanosos deveres de organizar a defesa desse setor sensível das nossas fronteiras e não dispõem de tempo para darem atenção a interesses políticos de quem quer que seja.

A sucessão presidencial é assunto que, particularmente, interessa a todos os brasileiros, mas os militares devem se manter fora das disputas partidárias, acatando a decisão das urnas, a qual representa a vontade soberana do povo. Dentro do regime democrático em que vivemos e de acordo com as leis vigentes do País, se alguém pode se candidatar e ter o seu nome registrado perante os altos órgãos eleitorais, assegurando o direito de ser votado, é

indiscutível que, se eleito, deve ser empossado, não pelo Exército, que não tem tal missão, mas pelas instituições políticas, às quais deve a Força Armada manter e garantir de acordo com a Constituição que juramos defender.

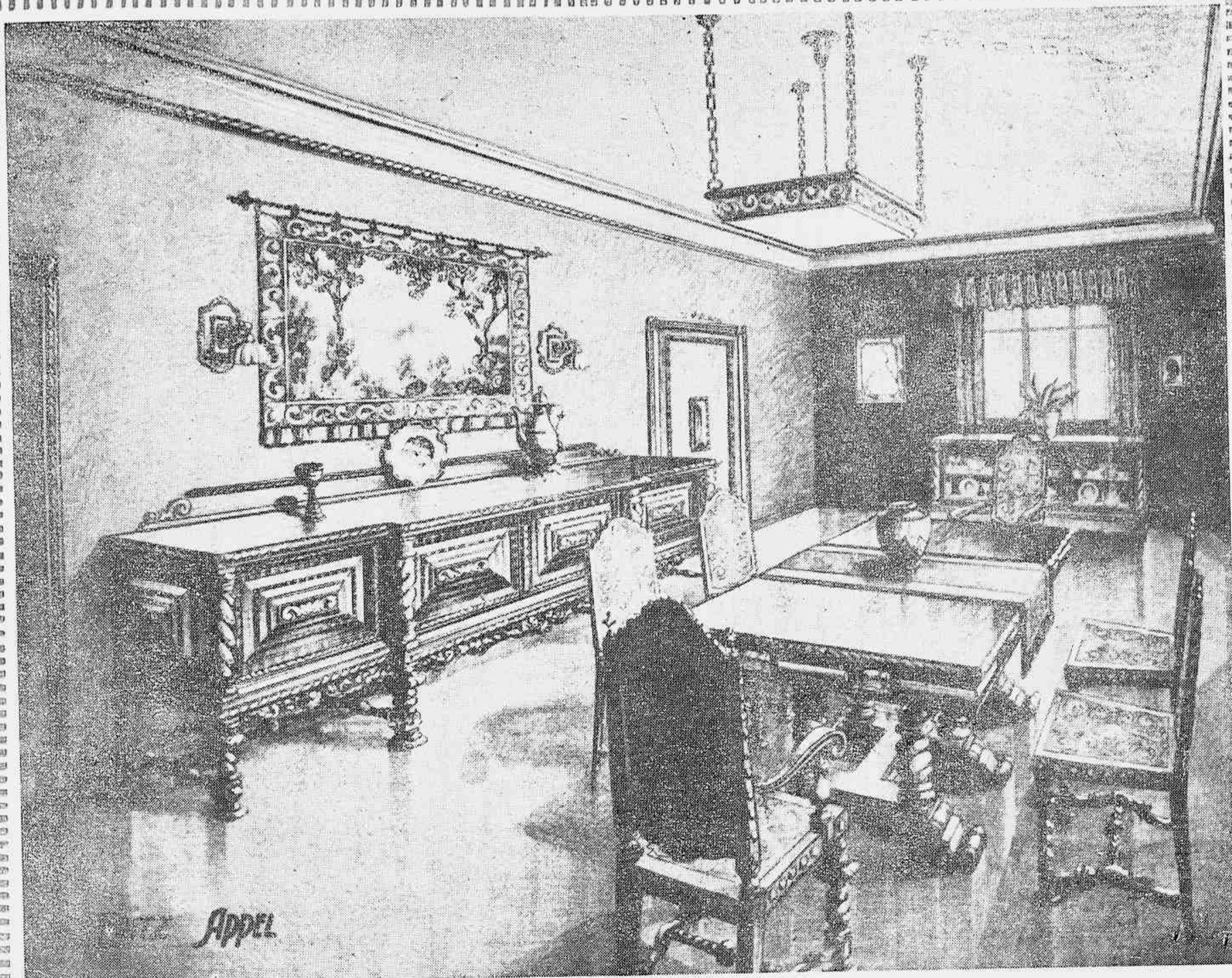
Quanto ao candidato, o que desejamos certamente todos os brasileiros é que a escolha recaia num homem de experiência, que já tenha dado provas de bom administrador, que inspire simpatia e confiança na opinião nacional, capaz de selecionar e resolver os nossos grandes problemas econômicos, de fortalecer fisicamente a nossa gente e resgatar o País; enfim, um verdadeiro estadista, de saber e inatacável probidade. Não podemos duvidar da nobreza e do patriotismo do nosso povo, pois este saberá repudiar, negando-lhes os votos, os inimigos e traidores da Pátria, capazes de vender seus próprios concidadãos, como Judas fez ao seu Deus, ou os que possam praticar liberticídio, em flagrante abuso à nossa boa fé e ao respeito que devemos ter às leis e à própria Nação.

Assim sendo, tenhamos particular cuidado com o desdobramento da campanha presidencial, que ora se projeta no cenário nacional. Já se ouvem os rumores e as ameaças mas os chefes militares, ciosos das imposições de sua

(Continua na pág. 59)



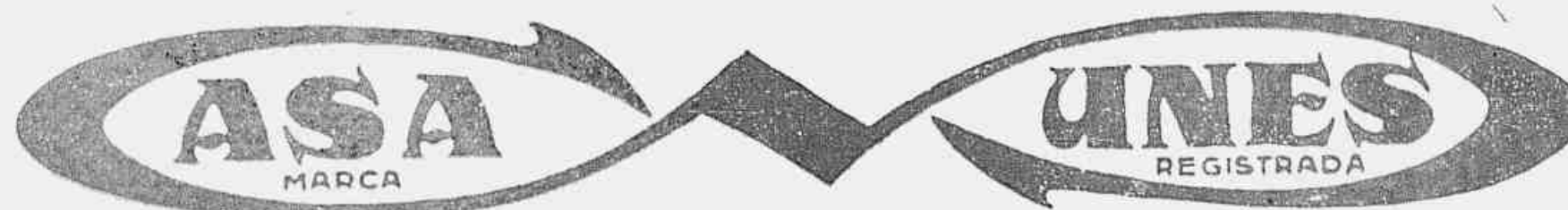
Na manhã do dia em que regressou a Minas, o Sr. Milton Campos visitou o Brigadeiro Eduardo Gomes, no apartamento deste em Petrópolis. Foi um encontro rápido, para transpirando. Insistentemente abordado pela reportagem, o Sr. Eduardo Gomes disse apenas: "Estou afastado da política"



DECORAÇÕES INTERIORES



MOVEIS
CORTINAS
TECIDOS
TAPETES
PASSADEIRAS

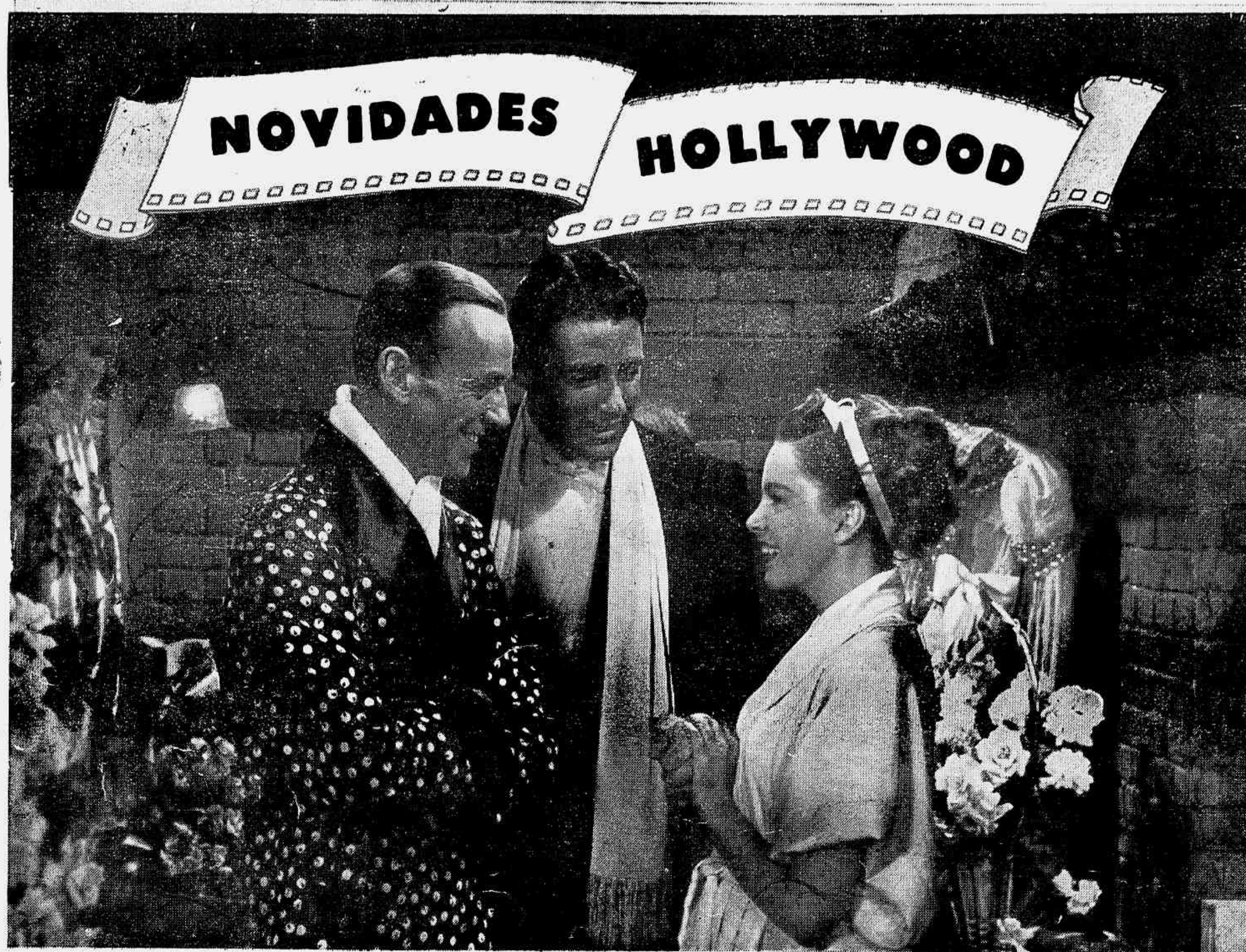


Fundada em 1912

65 • RUA DA CARIOCA • 67



ORÇAMENTOS • E • PROJETOS • SEM • COMPROMISSO



Hollywood - Calif. Judy Garland aparece pela primeira vez num filme com Fred Astaire que esteve dois anos afastado "studios". E "Desfile de Páscoa", que apresenta igualmente Ann Miller e Peter Lawford está fazendo furor. Brevemente esse grande filme da Metro alcançará o mesmo sucesso no Brasil.

Os astros do cinema, e entre eles Judy Garland, Fred Astaire, Ann Miller e Peter Lawford têm a mesma atitude, quando fumam: exigem qualidade. E por isso fumam somente cigarros onde entra a alta qualidade de tabaco que é empregada nos cigarros Hollywood. Preferindo o cigarro Hollywood, você dá igual prova de bom gosto.

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz

é sempre o melhor em sua classe.



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz